

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA POLÍTICA E BENS CULTURAIS -
PPHPBC
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**HERDEIROS DO TETRA
OS PROJETOS SOCIAIS DESENVOLVIDOS
POR JOGADORES DE FUTEBOL
TETRA CAMPEÕES MUNDIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós Graduação em História Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC Para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos

CEZAR MARQUES

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA POLÍTICA E BENS CULTURAIS -
PPHBC
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

APRESENTADO POR

CEZAR MARQUES

**HERDEIROS DO TETRA
OS PROJETOS SOCIAIS DESENVOLVIDOS POR JOGADORES DE
FUTEBOL TETRA CAMPEÕES MUNDIAIS**

PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO: CARLOS EDUARDO BARBOSA SARMENTO

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA POLÍTICA E BENS CULTURAIS -
PPHPBC
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**HERDEIROS DO TETRA
OS PROJETOS SOCIAIS DESENVOLVIDOS POR JOGADORES DE FUTEBOL
TETRA CAMPEÕES MUNDIAIS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO POR
CEZAR MARQUES**

**E
APROVADO EM
PELA BANCA EXAMINADORA**

**DR. CARLOS EDUARDO BARBOSA SARMENTO
(ORIENTADOR)**

DR. MARIO GRYSZPAN

DR. PAULO ROBERTO RIBEIRO FONTES

RESUMO

Este estudo analisa o futebol não somente como uma modalidade esportiva, mas como um fenômeno cultural na sociedade brasileira. A possibilidade de aproveitar este esporte como um instrumento de transformação social utilizando os jogadores e ex-atletas profissionais como gestores de projetos. Considera-se essencial à caracterização deste processo a articulação entre cultura, cidadania, educação, relações sociais para a contribuição no desenvolvimento de famílias e comunidades, eixo a partir do qual se abordam as complexas questões relacionadas. Com base nos projetos sociais pesquisados neste estudo e que foram instituídos por atletas de futebol profissional, destaca-se a correlação entre a concepção do futebol como um esporte competitivo e as relações possíveis que essa atividade pode exercer com a sociedade e com o público usuário dos projetos.

Agradecimentos:

Agradeço à Fundação Gol de Letra, ao Instituto Bola pra Frente e à Fundação Cafu pelo imprescindível apoio para a realização deste estudo.

Ao meu orientador Carlos Eduardo Sarmiento, eterno mestre tricolor, pelo apoio, crédito e paciência que me tributou ao longo dos meses.

Ao Raí e Leonardo, que sempre facilitaram o acesso às fontes que precisei, pela amizade e disponibilidade constantes, pela paciência em me ouvir, pela oportunidade que me deram para atuar em causas sociais, pelo crédito e confiança no meu trabalho, enfim, pela referência que representam para mim.

Aos amigos Nilcemar, Elionalva, Fabio, Sheila, Alexandre e demais colegas de turma, pela amabilidade e carinho que sempre tributaram a mim.

Ao Silva, da Livraria Gutemberg, pela busca e correria constante em busca dos títulos que solicitava em caráter sempre de urgência.

A Duda Fernandes, Hermano Vianna, Jorge Campos (Jorginho), José Roberto de Oliveira (Bebeto), Marcos de Moraes (Cafu), Marcelo e Mauricio de Moraes, Wilson Costa, Victor Garrido, Jailson e Eliana Souza e Silva, Ricardo Gomes, Mario Grynszpan, Elaine Dias, Daniele Souza, pelo apoio e presença constante ao longo do estudo.

Aos meus pais Cezar e Therezinha e aos meus irmãos Ana Claudia e Claudio.

Aos amigos do Botequim Honesto.

Ao “Banzé”.

A Raquel, por 13 anos que parecem uma vida inteira, por seu amor, amizade e paciência. Sem ela, não haveria mestrado, não haveria dissertação. Sem ela, não haveria sequer o autor.

Aos torcedores alvinegros, herdeiros legítimos, Joaquim Pedro e João Francisco, amores da minha vida, em todas as acepções possíveis e imagináveis da expressão, agradeço e dedico o estudo como um gol da vitória do Botafogo, em uma bela tarde ensolarada de domingo, em um clássico decisivo no Maracanã.

“O futebol não é uma questão de vida ou de morte. É muito mais importante que isso”.

Bill Shankley, ex-técnico do
Liverpool.

“Olhar a criança com os olhos
do Estatuto da Criança e do
Adolescente, é desejar para os
filhos dos outros o que
desejamos para nossos filhos”.

Herbert de Souza, o Betinho.

Sumário

| | |
|--|--------------|
| Introdução | p. 11 |
| Capítulo 1 – Futebol – um fenômeno sócio-cultural no Brasil | p. 19 |
| 1.1 – Processo histórico do futebol | p. 19 |
| 1.2 - O imaginário do futebol | p. 23 |
| 1.3 – O poder do futebol | p. 28 |
| 1.4 – O futebol como representação social | p. 34 |
| 1.5 – Futebol e nacionalidade | p. 39 |
| Capítulo 2 – O Mundial de 1994 – A conquista do tetra | p. 44 |
| 2.1 – Antecedentes históricos | p. 44 |
| 2.2 – O Brasil na Era Collor | p. 46 |
| 2.3 – O terceiro setor e as ONGS | p. 50 |
| 2.4 – A morte de Ayrton Senna | p. 52 |
| 2.5 – O mito do herói | p. 58 |
| 2.6 – “Heróis de Verdade” | p. 64 |
| Capítulo 3 – Fundação Gol de Letra | p. 66 |
| 3.1 – Processo histórico e análise da atuação | p. 66 |
| 3.2 – Os programas desenvolvidos pela instituição | p. 68 |
| 3.3 – Considerações | p. 94 |

| | |
|--|---------------|
| Capítulo 4 – Fundação Cafu | p. 99 |
| 4.1 – Processo Histórico e Análise da atuação | p. 99 |
| 4.2 – Os programas desenvolvidos pela instituição | p. 102 |
| 4.3 – Considerações | p. 122 |
| | |
| Capítulo 5 – Instituto Bola Pra Frente | p. 134 |
| 5.1 – Processo histórico e análise da atuação | p. 134 |
| 5.2 – Os programas desenvolvidos pela instituição | p. 136 |
| 5.3 – Considerações | p. 150 |

Concl

Introdução

O objetivo central deste estudo consiste na análise da iniciativa de alguns jogadores e ex-jogadores brasileiros de futebol profissional que decidiram instituir projetos sociais com o objetivo de contribuir para alguma mudança do quadro social em comunidades de origem popular. O estudo procura compreender se esses projetos estão efetivamente contribuindo com o que foi planejado, objetivado e se souberam articular uma metodologia inovadora, que não privilegie somente a atividade esportiva em si, mas contribua com a formação cultural e social e de valores de crianças e jovens. Se a utilização do futebol no desenvolvimento desses projetos procura articular com redes comunitárias, poder público, iniciativa privada e demais atores sociais no sentido de provocar algum quadro de mudança nas comunidades atendidas e, se assim o fazem, como avaliam a operação realizada.

Em nossa compreensão, é possível que nos últimos dez anos, os atletas de futebol profissional estejam tendo, cada vez mais, a consciência de que a solução dos graves problemas nacionais e internacionais não é apenas uma questão de produção econômica ou de uma organização jurídica ou social, mas requer valores éticos específicos, bem como mudanças de mentalidade, de comportamentos e de estruturas. Talvez, mesmo sem saber dimensionar a ação eficiente que podem provocar numa ampla mobilização para uma possível transformação social, essa geração de atletas pode se destacar como verdadeiros líderes - um líder servidor, consciente de que o seu verdadeiro papel é o de servir à sua comunidade e aos seus liderados. Trabalhando com o espírito de servir, é possível construir o verdadeiro capital social.

“(…) As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de fato, a cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular, que ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo). Por exemplo, o volume do capital cultural (o mesmo valeria, *mutatis mutandis*, para o capital econômico) determina as probabilidades agregadas de ganho em todos os jogos em que o capital cultural é eficiente,

contribuindo deste modo para determinar a posição no espaço social (na medida em que esta posição é determinada pelo sucesso no campo cultural)”¹

Com base nas características descritas por Pierre Bourdieu, podemos considerar que a própria rede de relacionamentos dos jogadores de futebol serve como um grande acúmulo de capital social para ser utilizado em movimentos comunitários ou nos projetos sociais a serem instituídos.

“(…) Pode-se descrever o campo social como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das suas posses (…)”²

Nessa perspectiva, a construção de uma rede de capital social se fundamenta em atitudes empreendedoras, desenvolvidas na comunidade e no espírito das pessoas. Dessa forma, acreditamos que o futebol pode provocar a formação de líderes que devem ter a consciência de que a sua maior missão é trabalhar na ampliação do capital social.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro, após a delimitação do objeto de estudo, apresenta-se o processo histórico da chegada do futebol ao Brasil e as principais razões e fundamentações que fazem do futebol muito mais do que uma simples atividade esportiva, na qual se situam as principais perspectivas e tendências de análise e desdobramentos acerca deste fato.

Uma delas, desenvolvida no capítulo dois, refere-se à Copa do Mundo de 1994 - realizada nos Estados Unidos da América - quando a seleção brasileira conquistou o tetracampeonato mundial de futebol. Neste capítulo, buscamos compreender os motivos que levaram oito atletas profissionais pertencentes àquela equipe a instituir projetos sociais.

¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo, Difel, 1989, p.134.

² *Id.*, *Ibid.*, p.135.

Nesse sentido, consideramos de extrema relevância o aspecto da mobilização para a abordagem e o entendimento do futebol na perspectiva de provocar mudanças num quadro social cada vez mais crítico nos grandes centros urbanos, onde a própria sociedade se surpreende com a brutal transformação que ocorreu em sua cidade nos últimos anos.

“A onda de desencanto que acompanhou a chegada dos anos 90 ao Brasil criou uma tendência a idealizar o passado como a idade de ouro. Diante de um presente hostil e violento, a sugestão seria olhar para trás e suspirar, com ou sem razão: “Bons tempos aqueles!”. Mais do que a memória afetiva, proustiana, involuntária, passou a funcionar a memória seletiva, aquela que gosta de escolher o melhor. E muita gente, acredita que o melhor do Rio ocorreu por volta dos anos 50, os *anos dourados* (...)”³

O Brasil precisa avançar para a tentativa de uma renovação neste início de terceiro milênio. A sociedade brasileira cada vez mais se conscientiza do quanto é fundamental a busca de um equilíbrio da economia, com o objetivo de alcançar os benefícios de um novo patamar de crescimento. Da mesma forma, há uma demanda coletiva, inadiável, que urge pela construção de um país mais justo e ambientalmente sustentável, com inclusão social e conquista da cidadania.

“Por isso mesmo, nas últimas décadas, uma sensação crescente de desconforto e de insegurança se tornou parte do dia-a-dia nas grandes cidades brasileiras. Condomínios fechados e carros particulares blindados expressam a reação dos mais privilegiados à realidade dos seqüestros -relâmpago; da neofavela como entreposto do tráfico internacional de drogas; dos comandos do crime organizado aterrorizando bairros de classe média como fazem há décadas nas áreas de periferia. O repertório é variado, pois não deve ser à toa que criminalidade rima com criatividade. (...)”⁴

³ VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.17.

⁴ ROCHA, João Cezar de Castro. Dialética da marginalidade – caracterização da cultura brasileira contemporânea. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 de fevereiro de 2004. Caderno *Mais!*, p.11.

Nos dias atuais, a sociedade vive assustada com a crescente violência urbana que atinge o país. Essa mesma sociedade responsabiliza os jovens de origem popular por crimes e homicídios, sem se dar conta que ela é protagonista do cenário atual. É comum culpar os jovens excluídos e sem oportunidades de serem os responsáveis pelos conflitos sociais que resultam em números e dados desastrosos. Dessa forma, não se percebe que esse jovem pode ser capaz de trazer algo de bom e produtivo para a sociedade se tiver uma chance verdadeira de participar solidária e criativamente na construção do bem comum.

“(…) A imagem do menino de rua faminto que rouba para comer torna-se o modelo explicativo para o pandemônio instalado nas cidades brasileiras. Não se perguntou por que, em pouco tempo, ao final dos anos 1970, esses meninos passaram a formar bandos ou galeras para brigar entre si nos bailes, nem por que apenas uma pequena minoria acabou juntando-se às quadrilhas para seguir carreiras criminosas de ladrões e traficantes. Revolta, sim, mas com outras explicações e, do ponto de vista da classe social a que pertencem todos, sem causa. Não se podem ignorar feitos a respeito de tais carreiras pelos vizinhos e parentes desses jovens, nem as dúvidas e conflitos interiores deles próprios, que estão longe de pensar consensualmente. (...)”⁵

Com base nas descrições de Alba Zaluar, podemos detectar a necessidade para o desenvolvimento de projetos sociais com foco específico na juventude. O quanto se torna uma questão fundamental a importância, a compreensão, a participação e o engajamento dos jovens vinculados à preocupação com o futuro da sociedade e os rumos possíveis para que ela seja mais justa, igualitária e sustentável. Os jovens, considerados como uma nova geração, situam-se como herdeiros legítimos da sociedade atual – cabe ao jovem a contribuição de determinar se de fato poderá haver a continuidade nos códigos existentes e seus vícios adquiridos ao longo de muitos anos ou se ele será proativo para a mudança da sociedade e suas instituições. Vivemos num mundo, num país amedrontado pela violência e desestabilizado pela exclusão social, que urge por uma reconstrução – um processo que certamente dependerá das convicções da juventude. Um novo desafio existe pela frente. A

⁵ ZALUAR, Alba. “Sociabilidade, institucionalidade e violência”. In: *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.58.

busca de uma sociedade fraterna, solidária, que possa atenuar injustiças e eliminar a miséria e a fome. A busca de um país que clama por uma ética de paz, de compreensão crítica e de dignidade.

Nessa perspectiva, destacamos um possível papel do futebol no processo de desenvolvimento social do país. No aproveitamento do seu carisma, o jogador de futebol torna-se uma liderança que pode produzir grandes transformações. Estamos descrevendo um certo tipo de liderança, que são esportistas, especificamente atletas de futebol profissional, que emergem numa sociedade com grau de reconhecimento, que são identificados dessa forma e que se identificam também assim, pois possuem vários recursos de poder: prestígio social, muito dinheiro, mas não só isso, desenvolvem também a capacidade, o poder de “fazer” dinheiro, ou seja, fazer capital econômico.

“(…) de caráter carismático: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática) (...)”⁶

Por isso, com base na descrição de Max Weber, podemos ter o desenvolvimento de algumas questões importantes: a autoridade carismática é legítima; é um lugar onde podemos desencadear transformações; e é pessoalizada, ou seja, a autoridade carismática pode se transformar por meio de um processo de rotinização, mas ela é pessoalizada.

“Em sua forma genuína, a dominação carismática é de caráter especificamente extracotidiano e representa uma relação social estritamente pessoal, ligada à validade carismática de determinadas qualidades pessoais e à *prova* destas. Quando essa relação não é puramente efêmera, mas assume o caráter de uma relação *permanente* – “comunidade” de correligionários, guerreiros ou discípulos, ou associação de partido, ou associação política ou hierocrática – a dominação carismática, que, por assim dizer, somente *in statu nascendi* existiu em pureza típico-ideal, tem de modificar substancialmente seu caráter: tradicionaliza-se ou racionaliza-se (legaliza-se), ou ambas as coisas, em vários aspectos (...)”⁷

⁶ WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: EdUnb, 2004, p.141.

⁷ *Id.*, *Ibid.*, p.161-162.

Os Institutos, Associações e Fundações são, de certa forma, um processo de rotinização do carisma dos jogadores. No capítulo dois desenvolvemos uma análise sobre o surgimento do Instituto Ayrton Senna e podemos pensá-lo nesse contexto. Ou seja, o carisma do falecido piloto Ayrton Senna está, de alguma forma, personificado na sua irmã Viviane Senna, que prossegue com uma agenda completa de compromissos sociais, corporativos, onde a sua representatividade institucional por onde quer que vá, é legitimada e incorporada na figura e imagem do seu irmão. Isto é, o carisma do Ayrton foi transferido, herdado por “seu” Instituto. Nesse sentido, o carisma foi rotinizado, ele ganha uma duração no tempo, com gestores, administradores, que são capazes de projetar esse carisma cada vez mais adiante no tempo e espaço, relacionado a uma racionalidade, com normas. Não seria possível termos o carisma sem normas. Nessa perspectiva, o herói carismático é um elemento de transformação e não de acomodação.

Estamos reforçando esse aspecto porque os Institutos e Fundações que foram criados por atletas de futebol profissional e que apresentamos neste estudo são exatamente processos de mobilizar o carisma dos ‘heróis do tetra’ para uma possível transformação no desenvolvimento local de comunidades. Na perspectiva de redes, no relacionamento sócio-afetivo e profissional, uma forma do indivíduo conseguir ascender para o capital econômico, certamente tem ligação pelo uso do capital social. Esse é um ponto também a ser observado.

O Brasil está entre as quinze maiores economias do planeta, mas pelo índice de desenvolvimento humano (IDH), ocupamos o 73º lugar entre as 173 nações do mundo, como mostram dados do ano 2000 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). A enorme distância entre as colocações nos dois rankings exemplifica a dimensão do desafio que temos de enfrentar, buscando soluções que gerem uma transformação social profunda. É eminente a busca de novas ferramentas que possam de forma eficaz, impulsionar esse novo processo de construção. Fica evidente que o modelo com seu condado reess cidasúbl Fiaisnto ngoma dop1her55odadosefaossa adiantda o

não-governamentais que continuam surgindo no Brasil, com o objetivo de proporcionar algum benefício público para a sociedade. Neste estudo, procuramos identificar de que forma o futebol não se limita como um simples esporte, um jogo ou uma competição. Procuramos identificar como o futebol pode ser utilizado como um importante instrumento de mobilização social, capaz de contribuir com os movimentos sociais existentes.

O mundo inteiro conhece o futebol brasileiro cinco vezes campeão mundial, representado nos gramados de diversos países. Em viagens de turismo ou negócios, todo brasileiro é identificado como um indivíduo que possui laços de pertencimento ao país do samba e do futebol. Os ídolos do futebol brasileiro ficam eternizados na mente de diversas gerações em diferentes países. Todos se beneficiam com os rendimentos econômicos proporcionados pelo futebol brasileiro: os clubes, os jogadores, os empresários, os patrocinadores, as redes de televisão, as cervejarias, as empresas de marketing esportivo, as marcas esportivas. Todos conquistam cifras invejáveis com o espetáculo do futebol, com exceção das comunidades populares de baixa renda, onde nasceram e cresceram os jogadores de futebol – exatamente os principais atores do espetáculo.

Nos capítulos três, quatro e cinco apresentamos os projetos sociais que atendem crianças e adolescentes em situação de risco social, residentes em áreas de baixo desenvolvimento humano. Entrevistamos os instituidores dos projetos, coordenadores, educadores, famílias e usuários. O estudo procura compreender se é possível a utilização do futebol como um instrumento de transformação social - analisar se o seu processo metodológico está sendo capaz de contribuir através da promoção das suas práticas sócio-educativas com o desenvolvimento e mudança do quadro social das comunidades atendidas. Verificar se os jogadores profissionais de futebol - ídolos incontestáveis nessas comunidades - sabem, de fato, tirar proveito da fama e da figura pública em prol da construção de programas que contribuam com uma formação pedagógica e educacional. Nesse sentido, esta dissertação propõe um estudo sobre o olhar dos gestores responsáveis pelos modelos aplicados por três organizações sociais que foram instituídas por alguns jogadores e ex-jogadores de futebol, que fazem parte da geração de tetracampeões mundiais de 1994:

- 1 – Fundação Gol de Letra (Raí e Leonardo)
- 2 – Instituto Bola Pra Frente (Jorginho e Bebeto)
- 3 – Fundação Cafu (Cafu)

Existem outras iniciativas de projetos sociais desenvolvidas por ex-jogadores de futebol tetracampeões mundiais: o capitão Dunga, por exemplo, criou em Porto Alegre o “Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão”, que desenvolve projetos e ações que utilizam o esporte como um instrumento para transformação social e conta com a ajuda do ex-goleiro Fabio Tafaél. O jogador Romário formalizou o início do “Instituto Romarinho”, também com o objetivo de inclusão social pelo esporte.

O estudo em questão terá como recorte somente os três projetos citados acima, pelo fato de possuírem o mesmo tipo de intervenção social e desenvolverem uma linha próxima de atuação em atendimento direto complementar à escola para crianças e jovens em situação de risco social. Pesquisamos as diferentes concepções e modelos desenvolvidos, analisando as formas pelas quais tais projetos estariam contribuindo para algum tipo de transformação social para o desenvolvimento nas comunidades.

Capítulo 1 – Futebol - Um fenômeno sócio-cultural no Brasil

1.1 – Processo histórico do futebol

O marco oficial da chegada do futebol ao Brasil aconteceu no dia 9 de junho de 1894 quando um paulista chamado Charles William Miller, retornando de seus estudos na Inglaterra, desembarcou no porto de Santos trazendo algumas bolas de futebol em sua bagagem. Mas antes de Charles Miller, mais precisamente no ano de 1878, marinheiros britânicos do navio *Criméia*, conseguiram uma autorização da princesa Isabel para realizar uma partida de futebol em frente à sua residência, à rua do Rosio, esquina com a rua Paissandu.⁸

Ainda assim, naquela ocasião, não havia o interesse ou desejo em disseminar aquela prática esportiva que mais tarde seria praticada no Brasil entre os membros da comunidade britânica residente em nosso país, tendo adesão dos filhos de indivíduos de situação financeira mais confortável, que estudaram na Europa e difundiram por aqui o novo esporte.

Filho de ingleses, formado numa escola em Southampton na Inglaterra, Charles Miller conheceu o futebol e trouxe na mala o livro de regras do *The Football Association* – órgão oficial criado em Londres no ano de 1863, com o objetivo de unificar as leis do jogo de futebol no Reino Unido. Tais leis deveriam ser respeitadas em todas as partidas realizadas na Inglaterra daquele momento em diante. Além do livro de regras, a mala de Charles Miller continha também uma camisa da equipe do Banister Court School, uma outra do St. Mary's, duas bolas acompanhadas de uma bomba de encher e um par de chuteiras. No ano seguinte, Miller agendou uma partida de dribbling game (jogo de dribles) com os jogadores de cricket do São Paulo Athletic Club, que viria a ser o primeiro time de futebol de São Paulo, no qual Charles foi jogador e técnico simultaneamente. O time

⁸ Catálogo da exposição “Técnicos: deuses e diabos da terra do futebol”. São Paulo: SESC, 2002; MILLS, John Robert. *Charles William Miller – Centenário*. Price Waterhouse, 1994; Alex Bellos. Entrevista concedida ao autor no Rio de Janeiro em 4/10/2005.

contava com jogadores ingleses e descendentes de ingleses, praticamente todos se ocupavam profissionalmente nas empresas britânicas recém-instaladas no Brasil.⁹

Anos mais tarde – Oscar Cox, em 1897 no Rio de Janeiro e Hans Nobling em São Paulo; Richard Woelckers e Johannes Minesman, no ano de 1900 no Rio Grande do Sul; e José Ferreira Junior, em 1901 na Bahia, contribuíram para a disseminação da mais nova modalidade esportiva brasileira. O alemão Hans Nobling trouxe uma bola da Europa na bagagem e o desejo de fundar um time e organizar campeonatos em São Paulo, onde o esporte ainda era um privilégio de ingleses e dos alunos do Colégio Mackenzie. Hans criou uma equipe constituída basicamente por descendentes de alemães e fundou o Sport Club Germânia – atual Pinheiros. Já Oscar Cox é considerado um dos mais importantes responsáveis na disseminação do futebol no Brasil. No ano de 1901, ao retornar de sua temporada de estudos na Suíça, Oscar reuniu um grupo de amigos e fundou o Rio Team, na cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, ajudou a fundar o Fluminense.¹⁰

Em pouco tempo, a pequena esfera redonda, ao ser cuidadosamente tocada de uma maneira diferente, fazia com que a nova mania conquistasse adeptos por diversos campos país afora, transformando o futebol num elemento altamente significativo e unificador da cultura brasileira.

“O futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa. As moças, mais bonitas ainda. Tinha ido em casa, demorando-se diante do espelho, ajeitando o cabelo penteado para cima, encacheado. Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição. Os rapazes não se atrevendo a muita proximidade, na pista, junto da grade, de costas para o campo, enquanto o jogo não começava. Ou, então, andando de um lado para o outro, olhando disfarçadamente, grelando.(...)

(...) As moças ficavam mais nervosas, aí é que não paravam de abrir e fechar os leques. Belos leques, uns grandes, de babados de renda, outros pequenos, de madrepérola. E os pais e as mães perto, achando tudo aquilo muito certo, muito

⁹ BELLOS, Alex. *O Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002; Alex Bellos. Entrevista concedida ao autor no Rio de Janeiro em 4/10/2005.

¹⁰ MILLS, John Robert. *Op.cit.*; BELLOS, Alex. *Op.cit.*; Alex Bellos. Entrevista concedida ao autor no Rio de Janeiro em 4/10/2005.

direito. E tudo mais estava muito certo, muito direito. Os filhos no campo, as filhas nas arquibancadas. Pais, filhos, a família toda. Podia-se dizer: as famílias todas.”¹¹

O futebol avançou por décadas e teve sua prática disseminada por todos os cantos do Brasil. Embora esportes como voleibol, basquete, handebol, tênis, também utilizassem bolas, algo de especial parecia pairar numa bola de futebol – aquela esfera redonda que despertava algo diferente nos seus usuários, capaz de socializar grupos, unir indivíduos e, acima de tudo, exercitar a boa forma física. Em cada lugar, era possível observar características regionais que se adequavam para o jogo com a pelota. Percebia-se que o futebol não era somente uma simples prática esportiva, a bola sedutora provocava um desejo e uma paixão no povo brasileiro.

“O barco navegava repleto de jogadores, um time inteiro de futebol, o de Caraurari, município encravado em plena selva amazônica. Quase uma semana antes, ele deixara a cidade, às margens do rio Juruá, e já se aproximava de Manaus. A viagem estava prevista para sete dias, até a equipe chegar à capital para disputar as semifinais da Copa dos Rios. Mas a embarcação, um tanto envelhecida, avançava tropeçadamente e naufragou.

Desesperados, os atletas pularam nas águas do rio Solimões, cuja correnteza ali, era fortíssima. Escaparam ao achar galhos nos quais se agarraram até serem resgatados. Pegaram carona para Manaus, onde morreu o sonho do título, mas ainda hoje contam, orgulhosos, o susto do Solimões.

A Copa dos Rios é assim: as grandes façanhas ocorrem fora dos campos, em viagens fluviais acidentadas, de até quinze dias só de ida, tudo por um jogo de futebol. Herdeira do tradicional Intermunicipal Amazonense é a maior competição futebolística do mundo, considerando as distâncias percorridas em rios, normalmente o único meio para alcançar os locais das partidas.(...)”¹²

Capaz de representar a grande força de uma nação, o futebol surgiu para servir como uma atividade esportiva com a finalidade de proporcionar alguma forma de lazer para os praticantes. Na perspectiva do ‘esporte competição’, o futebol profissional, quando praticado num estilo tático, prevê estudos teóricos e treinamentos que tentam programar as

¹¹ FILHO, Mario. *O Negro no futebol brasileiro*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p.44-45.

¹² MAGALHÃES, Mario. *Viagem ao país do futebol*. São Paulo: DBA, 1998, p.19.

jogadas que devem ser feitas pelo time – estilo adotado principalmente pelo futebol europeu e que difere da maneira pela qual evoluiu o futebol no Brasil.

“Futebol-força exprime um estilo onde a ênfase no treino conseqüentemente na racionalidade é maior e mais intensa. Já a idéia do futebol-arte fala de carisma, de sorte, de malandragem, de jogo-de-cintura, de beleza e de sedução carnavalizante. De um lado há a idéia Ocidental do exercício como base de tudo; doutro, a idéia reprimida pelo Ocidente capitalista, liberal e burguês, de um mundo encantado, onde os deuses existem e falam com os homens. No caso do futebol, falam por meio de seus ídolos. A raiz cultural da polêmica, então, jaz na oposição entre um Brasil que se representa como moderno e um Brasil que se representa como mágico ou tradicional – um Brasil no qual a natureza, o sobrenatural e os homens se comunicam”¹³

No improvisado e na ginga do jogador brasileiro, foi possível encontrar o chamado ‘futebol-arte’ na bicicleta de Leônidas da Silva, na sucessão de dribles de Mané Garrincha, no ‘calcanhar’ de Sócrates, na ‘folha seca’ de Didi, no ‘drible elástico’ de Rivelino, no ‘voleio lateral’ de Bebeto, nas ‘arrancadas’ de Ronaldo, na ‘pedalada’ de Robinho, entre outras criações brasileiras nos gramados que provocaram e ainda provocam encantamento pelo mundo afora. Dessa forma, a criatividade e o improvisado desses artistas da bola conseguem transformar, em noventa minutos, o Brasil num país idealmente perfeito.

Ao percorrer o território brasileiro não é difícil observar que a paisagem urbana e rural do país oferece as mais diferentes possibilidades de campos de futebol espalhados em beira de estradas, terrenos baldios, favelas, ruelas, praias, praças, onde a simplicidade de uma bola pode surgir no final da tarde, sendo disputada por um bando de garotos deslumbrados e eufóricos, dando chutes, corridas e pontapés variados, com partidas que parecem jamais querer terminar. Esse fenômeno é um dos aspectos de maior valor interpretativo da sociedade moderna brasileira.

¹³ DAMATTA, Roberto. Brasil: Futebol tetracampeão do mundo. Entrevista para a Revista Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, UERJ, 1995, p.7.

“No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pode finalmente juntar os símbolos do Estado Nacional (a bandeira, o hino, e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo de zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos e jamais do nosso país. (...)

(...) Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar o Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vitória em três Copas do Mundo, a confiança em nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional “¹⁴

As características apontadas por DaMatta, reforçam o conceito de que, na sociedade brasileira, o futebol desempenha um papel central como esfera de representação das aspirações de um grande grupo de indivíduos, constituindo-se como um espaço de construção de uma identidade coletiva e assim, ao fazê-lo, funciona como um fator mobilizador da sociedade.

1.2 – O imaginário do futebol

A primeira Copa do Mundo de Futebol foi realizada no Uruguai, em 1930, onde o Brasil perdeu o primeiro jogo para a Iugoslávia e foi desclassificado. Na Copa seguinte, em 1934, ocorrida na Itália, o Brasil obteve a décima colocação. Em 1938, o mundial foi realizado na França e a atuação brasileira melhorou, conquistando um heróico terceiro lugar, com destaque para o bom desempenho dos jogadores Leônidas da Silva, conhecido como o “Diamante Negro”, e Domingos da Guia, o “Divino Mestre”. As Copas de 1942 e 1946 foram canceladas por causa da Segunda Guerra Mundial. ¹⁵ De certa forma,

¹⁴ DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: Revista da USP, São Paulo, n.22, jun./ago. 1994, p.17.

¹⁵ Ademar Bianchini – Ex-jogador de futebol profissional, atuou pelo Bangu, Botafogo e pela Seleção Brasileira de futebol. Entrevista concedida ao autor em 16/05/2005, na cidade de Niterói – RJ

predominava uma disputa no campo político que mais parecia uma competição dos líderes mundiais pela posse de “uma outra bola”, o globo terrestre.

A Copa do Mundo de 1950 foi realizada no Brasil e a seleção brasileira conquistou importantes vitórias contra o México, Iugoslávia, Suécia e um empate contra a Suíça. Mas ninguém podia imaginar que o time pudesse perder em casa a final para o Uruguai por 2 a 1 em pleno estádio do Maracanã, abarrotado de torcedores brasileiros. O goleiro Barbosa foi um dos jogadores mais criticados por uma possível falha na defesa do chute que resultou no gol da vitória uruguaia. Existia uma grande expectativa pela vitória do Brasil na partida final e a derrota motivou discussões e análises durante muitos anos, por alguns que viveram aquele período. Sendo assim, esse evento acabou se tornando um acontecimento inesquecível, ritualizado em diversas narrativas.

“(…) Ghiggia passa novamente por Bigode e entra na área. Ao invés de cruzar a bola como na jogada do primeiro gol uruguaio, Ghiggia chuta direto. Quase sem ângulo. Barbosa é pego de surpresa. Mergulha para a esquerda, mas era tarde “GOOOOOL do Uruguai”, narrou Luiz Mendes, locutor da Rádio Globo, automaticamente e com firmeza. Ele repetiu, perguntando sem acreditar: “Gol de Uruguai?” E respondeu para si mesmo: “ Gol do Uruguai!” Repetiu as mesmas três palavras mais seis vezes seguidas, cada uma numa entonação de choque.

O templo do futebol estava silencioso como um túmulo. Ghiggia disse muitos anos mais tarde: “Apenas três pessoas, com um único gesto, calaram o Maracanã: Frank Sinatra, o papa João Paulo II e eu.”

“O gol de Ghiggia foi recebido em silêncio por todo o estádio. No entanto, sua força fora tão grande, seu impacto de tal forma violento, que o gol, um simples gol, parecia dividir a vida do brasileiro em duas fases distintas: antes e depois dele”, anotou o escritor João Máximo. Os jornais noticiaram que no Uruguai três torcedores morreram de emoção ouvindo o inesperado desfecho pelo rádio. No Rio um homem de 58 anos teve um colapso em casa (...)”¹⁶

¹⁶ BELLOS, Alex. *O Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.52-53.

A descrição de Bellos é um registro que sugere um pensamento para a construção do futebol como um esporte de grande apelo emocional, apaixonante, que é ritualizado, reverenciado pelo indivíduo nos estádios, onde ele pode ouvir a locução do rádio e ver o seu time jogar. Mais que isso, o torcedor se encanta, vibra, fica abalado, comovido, aturdido, desconcertado ao acompanhar uma partida de futebol. Em seguida, vai pra casa triste, frustrado com uma derrota ou, em caso de vitória, volta feliz, vivenciando essa alegria por vários dias, semanas e, talvez, até por muitos anos. Dessa forma, entendemos que não seria justo consideramos o futebol somente como uma modalidade esportiva. Desde então, ao longo do tempo, o futebol tornou-se um grande fenômeno cultural na sociedade brasileira, capaz de proporcionar os mais variados sentimentos no torcedor, capaz até de alterar o seu comportamento perante a sociedade em que vive.

Algumas justificativas existem para uma relevância ainda maior sobre esse fato, principalmente no que diz respeito aos processos de comunicação que contribuem para esse engrandecimento do futebol como um acontecimento mítico. Os meios de comunicação de massa, aqui representados pelos seus jornais, revistas, rádios e televisões, contribuem enormemente para enaltecer o imaginário do indivíduo, da população de uma forma geral.

“(…) Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão (...)”¹⁷

O jornalista Nelson Rodrigues, em uma de suas crônicas publicadas em meados dos anos 50 pela *Revista Manchete Esportiva*, refere-se à derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950 como algo que enaltece a baixa auto-estima que o brasileiro fazia de si mesmo, de se sentir um “vira-lata”. Nesse sentido, tornava-se necessário acreditar que o Brasil era detentor de um futebol criativo, com jogadores de talento e que isso, de certa

¹⁷ RODRIGUES, Nelson. *Á Sombra das chuteiras imortais – crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.52.

forma, poderia fazer com que o país pudesse ser reconhecido como uma nação vitoriosa, uma “pátria com chuteiras”.

De uma forma geral, existe um rito constante, onde os veículos de comunicação costumam alertar para a necessidade de lidar com questões diversas de tempo e espaço, enfrentamentos, crises e previsões de ordem social, política, econômica e cultural em nossa sociedade. O desencadeamento midiático contribui para a criação de um processo de pensamento e imaginação na mentalidade dos indivíduos. E para o futebol não é diferente. Em diferentes períodos políticos da história do Brasil, foi possível contar com a presença da relação ‘imaginário e poder’. A contracultura produzida nos anos 70 serve para ilustrar a esfera da apropriação da imaginação no campo panfletário, nas manifestações e atitudes.

“Lembramo -nos ainda das inscrições que ornavam as paredes de Paris: ‘A imaginação no poder’; ‘ Sejam realistas, exijamos o impossível’. Aquilo que chama a atenção nestes slogans não é apenas um deslize semântico, que não nos deve admirar se tivermos em conta a história desta palavra cuja polissemia é notória. A associação entre imaginação e poder continha algo de paradoxal, ou mesmo de provocatório, na medida em que um termo, cuja acepção corrente designava uma faculdade produtora de ilusões, sonhos e símbolos, e que pertencia sobretudo ao domínio das artes, irrompia agora num terreno reservado às coisas ‘ sérias’ e ‘ reais’ (...)”¹⁸

O que Baczko chama de “slogan” serve para enaltecer a força para a construção da imaginação diante dos mais diversos atores sociais. Ao longo da história, a imaginação se faz presente lidando com algum tipo de fato novo ou mesmo problematizando questões antigas. Observamos esse imaginário acerca das estruturas sociais exemplificado em intuições, observações e interpelações. No caso do futebol, uma Copa do Mundo pode potencializar esse imaginário e gerar muitos desdobramentos que podem contribuir no processo político-social de um país.

¹⁸ BACZKO, Bronislaw. *Imaginário Social*. In: Enciclopédia Einaudi – vol.5: Antrhopos/Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.296.

“(…) A Copa do Mundo não é apenas uma competição que mede o talento dos seus participantes, premiando os que tenham maiores habilidades com o trato da bola. Diagnosticá-la dessa forma seria, no mínimo, uma operação preguiçosa. Ela se alimenta de ingredientes emocionais que atravessaram os limites do campo do jogo e alcançaram as arquibancadas e os mais longínquos pontos do mundo, onde haja um coração pulsando.

Como jogador, eu vivi esse mundo de sensações por quatro vezes. Quase cedi e mergulhei na história da Copa pela quinta vez. Prefери, entretanto, ficar de fora e, como torcedor comum, entender porque o futebol conferiu tal poder de sedução, que a todos atrai e que chamo de lindo jogo. Particularmente, no caso dos brasileiros, há um feitiço que empurra o torcedor para dentro das quatro linhas. Aliás, o torcedor daqui é diferente dos de outros países. Afinal, ele chuta, ele cabeceia, ele faz gols, sente e sofre como se estivesse envolvido na própria competição. (...)”¹⁹

O depoimento do ex-jogador Pelé ²⁰ confirma o aspecto do futebol brasileiro como algo emocionante e mobilizador. Quando Pelé diz que *“há um feitiço que empurra o torcedor para dentro das quatro linhas. Aliás, o torcedor daqui é diferente dos de outros países”* ²¹, isso remete à existência de um importante e significativo vínculo do torcedor com esse esporte. Dessa forma, talvez seja possível compreender o futebol como um elemento altamente unificador da cultura brasileira, representado por um conjunto de símbolos como a bandeira nacional, a camisa da seleção, as cores verde e amarelo – ícones que simbolizam o vínculo de memória e pertencimento à nação e enaltecem o imaginário coletivo. No imaginário, o cidadão brasileiro legitima o jogador da seleção brasileira como o seu fiel representante nos gramados, como se esse jogador estivesse em campo representando a pátria.

¹⁹ Depoimento de Pelé em HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997, p.11.

²⁰ Ex-atleta de futebol profissional, atuou pelo Santos e pela seleção brasileira, conquistou o tricampeonato mundial de futebol em 1970 e foi considerado “o atleta do século” pelas principais organizações esportivas internacionais.

²¹ HEIZER, Teixeira. *Op.cit.*, p.11.

“(...) Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos 90 milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo (...)”²²

As descrições do cronista e jornalista Nelson Rodrigues reforçam a elaboração da construção midiática, que contribui para enaltecer mais uma vez o imaginário da população. Dessa vez, não mais com o “complexo de vira-latas”, mas com um imenso orgulho pela conquista de um tricampeonato mundial de futebol. Essa relação gera uma empatia, uma identificação, exatamente quando Pelé menciona como se o próprio torcedor brasileiro estivesse em campo defendendo o país.

1.3 – O poder do futebol

Na relação de imaginário e poder, podemos citar o período em que foi realizada a Copa do Mundo de 1970, no México. Naquele momento, houve a famosa ‘corrente pra frente’, que servia como objeto político de intervenção por parte do regime militar, que tratou o futebol brasileiro como assunto de segurança nacional.

Eleito indiretamente pelo Congresso Nacional, o marechal Artur da Costa e Silva, ex-membro do Comando Supremo da Revolução e ministro da Guerra desde a vitória do movimento político-militar de março de 1964, tomou posse em 15 de março de 1967.

Inicialmente sob o comando do polêmico jornalista João Saldanha, considerado comunista, e mais adiante com o posto assumido por Mario Jorge Lobo Zagallo, a seleção brasileira contava com um elenco de jogadores talentosos e geniais que conseguiriam fazer uma trajetória bem-sucedida rumo ao tricampeonato mundial.

O futebol, de certa forma, funcionaria como se estivesse disfarçando a ditadura estabelecida, encobrindo casos de presos políticos e o desrespeito aos direitos humanos que

²² RODRIGUES, Nelson. *Op.cit.*, p.193.

ocorria no Brasil naquela época. O famoso refrão da música composta por Miguel Gustavo para a Copa do Mundo virou uma unanimidade nacional: “*Noventa milhões em ação, pra frente Brasil, salve a seleção (...). De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão, todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração. Todos juntos vamos, pra frente Brasil, Brasil. Salve a Seleção*”.²³

O Hino Nacional Brasileiro era cantado com imenso orgulho patriota. O futebol provocava uma enorme euforia e mexia com a auto-estima do brasileiro, ainda que o país vivenciasse momentos de tensão política, repressão e demais atitudes de um governo ditatorial. No dia 13 de dezembro de 1968, o presidente Costa e Silva baixou o Ato Institucional número 5 (AI-5), o mais violento de todos os atos institucionais outorgados até então. O ato previa: o fechamento do Legislativo federal (Câmara e Senado); a suspensão dos direitos políticos e garantias constitucionais individuais, inclusive a suspensão do *habeas corpus*; a intervenção federal em Estados e municípios; e a possibilidade de o presidente decretar estado de sítio sem autorização do Congresso.

Em outubro de 1969, tomou posse como presidente o general Emílio Garrastazu Médici, eleito indiretamente pelo Congresso Nacional, sucedendo a Costa e Silva. Médici freqüentava os estádios para assistir aos jogos de futebol da seleção, tendo inclusive sua presença anunciada pelo alto-falante. Existia uma estratégia de associar o então presidente ao futebol, em especial, à seleção brasileira, para reforçar o sentido de nação/nacionalidade – o quanto o Brasil poderia ser uma potência tal qual o talento futebolístico exibido nos gramados. A cada treino preparatório para o Mundial do México, o governo militar, na figura principal do presidente Médici, desenvolvia o esforço para a aproximação com o futebol. A conquista do tricampeonato mundial com Pelé, Tostão, Gerson, Jairzinho, entre outros, foi aproveitada ao máximo pelo governo militar, apropriando-se do futebol na perspectiva do imaginário para potencializar a imagem do Brasil, a auto-estima da população, a cultura nacionalista e desenvolvimentista e todo um ufanismo exagerado, como se a conquista da Copa do Mundo pudesse validar um novo tempo, um novo crescimento econômico, mudanças no País.

²³ Wikipedia – A enciclopédia livre. http://www.wikipedia.org/wiki/Golpe_militar_de_1964, acessado em 22/12/2004.

Em um aspecto, pode-se traçar um paralelo entre o Mundial do México, em 1970, e o de 1994, realizado nos Estados Unidos. É interessante observarmos a possível presença de um imaginário construído em perspectivas semelhantes. Assim como em 1970, algumas reflexões acerca do imaginário de que a conquista num evento mundial de futebol pode dar a entender é que é possível acreditar num novo rumo de um país ou então, sendo mais cauteloso, num segundo momento, pensar na possibilidade de que, existindo o imaginário, há de se pensar em alguma possibilidade no esforço para realizar alguma mudança. Tudo isso sendo possível não somente pelos atores sociais envolvidos diretamente no torneio, mas efetivamente pela interpretação e construção de um imaginário coletivo de que o futebol em si é capaz de provocar uma transformação social, política e econômica num país. De certa forma, imaginar que aqueles jogadores talentosos e habilidosos com a bola nos gramados internacionais pudessem ali, naquele momento, aumentar a auto-estima da população, a tentativa de demonstrar e tornar-se convencido que o brasileiro é capaz de uma superação e afirmar-se como uma nação vitoriosa.

“O que fica ali foi o que foi dito e pensado naquela época, mas não por aquele grupo né... o que a conquista de 70 se transformou realmente socialmente, politicamente o que o jogador dizia, pensava... ficou? Ficou pouco. Ficaram pessoas que foram ícones daquele momento, mas acho que a mensagem mesmo não ficou... quer dizer, eles não participaram disso diretamente. Aquele grande movimento foi julgado, visto, utilizado pra isso né... uma final de ditadura, uma espécie de corrente pra frente mesmo, um grande Brasil, ‘vamos lá, vamos todos e se cria essa corrente’, acho que você é diminuir demais muitas vezes, ‘vamos dar alegria a esse povo porque esse povo não come...’ eu acho isso uma hipocrisia até porque... então você fala assim ‘ já que não come então vamos dar a alegria do futebol...’ o que é que é isso né?”²⁴

O depoimento de Leonardo estabelece uma visão crítica sobre o tratamento do futebol no imaginário, como algo que induz diretamente algum tipo de mudança ou transformação. Mas verificamos que o futebol possui um componente de poder, que não

²⁴ Leonardo Araújo – Ex-jogador de futebol profissional, tetracampeão mundial de futebol em 1994, vice-campeão de futebol mundial em 1998, instituidor da Fundação Gol de Letra, presidente da Fondazione Milan e atual dirigente do AC Milan – Itália. Entrevista concedida ao autor em 06/01/2005.

pode gerar no imaginário algum tipo de mudança no quadro social, mas que poderia sim, permitir o aproveitamento do imaginário como algo possível para induzir a um processo de transformação. Se a organização do futebol contasse com uma estrutura bem administrada, com o desenvolvimento de uma política de desenvolvimento sustentável por meio do aproveitamento do poder do esporte, é possível que pudesse, então, contribuir para algum tipo de desenvolvimento social na medida em que a sociedade construa valores e, dessa forma, associe esses valores ao futebol.

“(...) a nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida com um companheirismo profundo e horizontal. Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas.(...)”²⁵

As descrições apontadas por Benedict Anderson evidenciam o conceito de uma comunidade imaginada, onde todos se manifestam de acordo com uma linha de pensamento e identificação de pertencer a alguma coisa. No caso do futebol, verificamos que uma seleção brasileira é capaz de gerar uma forte ação de pertencimento, uma certa comunidade imaginada chamada Brasil, onde na ocasião de uma Copa do Mundo todos utilizam o futebol como uma linguagem compartilhada. Dessa forma, seria possível agregar esses valores num amplo projeto de desenvolvimento social no país. Mas a relação predatória do futebol, estabelecida prioritariamente por um pequeno grupo de dirigentes de clubes, empresários, procuradores, que articulam o futebol somente como um negócio, compromete esse tipo de pensamento. De certa forma, este estudo propõe uma reflexão para analisar a necessidade para um amplo debate a respeito da mudança de papel do futebol na sociedade brasileira.

“Vivemos um imobilismo total. Ninguém discute o modelo do futebol atual. Não há interesse

²⁵ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989, p.16.

nisso. Ninguém quer discutir o impacto social que o futebol pode trazer”²⁶

O que Leonardo cita como imobilismo diz respeito à indústria que se tornou o futebol no Brasil, cada vez mais preocupada em comercializar jogadores do que efetivamente proporcionar o espetáculo dos jogos que, se bem administrado numa nova cultura organizacional, seria capaz de contribuir com uma política de ação social para a sociedade.

Na lógica de usar o futebol como um meio de contribuição social, surgem iniciativas que procuram uma forma de prosperar com o desenvolvimento de seus projetos, seja através de fundações, institutos, associações, creches ou doações a entidades assistenciais. Usar o elemento futebol como um potencial para alavancar projetos não é novidade nos tempos atuais. As ações pontuais e doações sempre existiram e passam a crescer na medida em que a consciência e a solidariedade dos jogadores aumentam ao longo do tempo. Muitos deles, em razão da atividade atual como jogador, com o tempo dedicado aos treinamentos e viagens para jogos por conta do calendário movimentado, optam por contribuir de forma isolada, como o jogador Ronaldo, “o fenômeno”, um dos grandes atletas em atividade, principal destaque do time espanhol Real Madrid e da seleção brasileira.

“Tenho certeza que muita gente no passado queria fazer alguma coisa pelos mais pobres. Mas a realidade era outra. O dinheiro que o futebol movimenta hoje em dia proporciona a chance de o jogador colaborar de verdade com a vida das pessoas, não só marcando gols”²⁷

Ronaldo é uma espécie de símbolo da modernidade na área assistencial. Embaixador da Organização das Nações Unidas desde fevereiro de 2000, ele costuma utilizar sua imagem para arrecadar dinheiro para crianças do mundo inteiro. Já esteve em Kosovo em plena guerra civil, visitou a África e a Ásia. Em 2004 contribuiu com R\$ 160 mil para a reconstrução de um teatro na comunidade da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro.

²⁶ Leonardo. Entrevista concedida ao autor em 06/01/2005.

²⁷ Ronaldo. Entrevista concedida ao autor em dezembro de 2002.

Além das visitas e jogos beneficentes que organiza, Ronaldo costuma ajudar financeiramente instituições.

“(...) Ronaldo ajuda muita gente, muitas organizações, creches e projetos sociais. Apenas algumas costumamos divulgar, por uma questão de estratégia mesmo... Senão fica parecendo que é demagogia, marketing, essas coisas”²⁸

Os depoimentos demonstram que existe uma possibilidade para o aproveitamento do futebol como um instrumento de contribuição na área social. Talvez não se tenha ainda a fórmula ou o modelo a ser adotado e utilizado para motivar outros jogadores, empresários, clubes e aqueles que convivem neste segmento. O que parece unânime é o sentimento que os atletas possuem no desejo de ajudar. Cada um ao seu jeito e da sua maneira, mas a intenção de retribuir com alguma coisa para a sociedade, parece evidente nos relatos. Como se a satisfação profissional, o reconhecimento e o mérito pela atuação na profissão, a titularidade máxima de “campeão mundial” e o conforto financeiro não fossem o suficiente para o indivíduo sentir-se realizado em sua vida. O que talvez possa ser compreensível é a conduta pessoal de cada indivíduo, que num primeiro plano, ao acumular sua primeira riqueza, pensa em si próprio e em seus familiares. Num segundo momento, o pensamento na sociedade passa a ser uma condicionante favorável. De certa forma, isso ainda não está regrado, definido, instituído, talvez pelo próprio processo ainda ser incipiente e a necessidade desse grupo de indivíduos precisar se organizar para tal.

“Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar *classes* no sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, logo, práticas e tomadas de posições semelhantes (...)”²⁹

²⁸ Rodrigo Paiva - assessor de imprensa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Entrevista concedida ao autor em dezembro de 2002.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1989, p.136.

As características descritas por Pierre Bourdieu na definição do conceito de “classes” no espaço social contemplam a necessidade da integração desses indivíduos com uma finalidade em comum, no entendimento de que o grupo mobilizado pode conseguir conquistas de maior relevância do que atuando isoladamente. Ou seja, mais do que jogadores de futebol atuando de forma individualizada, esses homens, na lógica da iniciativa privada, podem se transformar num conjunto de indivíduos que contemplam o mesmo desejo de provocar algo para o bem público.

1.4 - O futebol como representação social

Os atletas campeões mundiais de futebol em 1994 receberam pela mídia impressa e eletrônica o título de “Heróis do Tetra”.³⁰ Daquela geração vitoriosa, oito atletas tiveram a iniciativa de instituir projetos sociais. São eles: Romário, Dunga, Taffarel, Jorginho, Bebeto, Cafu, Raí e Leonardo. Alguns desses projetos acabaram não indo adiante ou ainda estão na tentativa de viabilização, enquanto outros já estão em funcionamento. De qualquer forma, torna-se visível o número relevante de atletas que tiveram a iniciativa de formatar um projeto social – algo que pudesse funcionar em longo prazo -, contrariando modelos anteriores onde o jogador de futebol realizava apenas ações filantrópicas pontuais, individuais e isoladas. Em nenhum outro ano de copa do mundo de futebol tivemos um número expressivo como esse.

Podemos identificar alguns antecedentes históricos que contribuíram para a forma de pensar daqueles atletas intitulados como “Heróis do Tetra”. Afinal, mesmo no imaginário da população, o Brasil avançava para algum tipo de mudança. Conforme Roberto DaMatta:

“(…) O Tetra – conquistado dramaticamente por pênaltis e com um elemento insofismável de sorte – sinalizou que as coisas poderiam dar certo no Brasil. Minha interpretação é que essa conquista foi um presságio,

³⁰ Museu dos Esportes. <http://www.museudosesportes.com.br/copas.php>, acessado em 11/10/2004.

um sinal de que o Brasil entrava nos eixos e, eis a metáfora, que Deus voltava a ser brasileiro (...).³¹

Estas características identificadas por DaMatta ressaltam um certo exagero na construção do imaginário. A citação do drama na batida dos pênaltis, a referência de que “... o Brasil entrava nos eixos...” e “... que Deus voltava a ser brasileiro...”, ainda que com uma boa dose de humor, engrandece quase de forma grotesca a competição ou o jogo em si. Esse tipo de construção é muito comum de ser utilizada em narrativas, textos jornalísticos, locuções e comentários nos meios de comunicação, que, de certa forma, contribuem enormemente para a construção do imaginário social. De qualquer forma, a colocação de DaMatta pode adquirir maior relevância a partir de um evento que antecedeu a disputa da Copa do Mundo de Futebol – a morte trágica do piloto Ayrton Senna, um dos grandes ídolos do esporte nacional, no dia 1º de maio de 1994. A população brasileira ficou comovida com o episódio e o presidente Itamar Franco decretou luto oficial de três dias.

Dias depois, a seleção brasileira partiu para a Copa do Mundo dos Estados Unidos. Naquele mundial, o Brasil estaria repetindo as façanhas de 1958, 1962 e 1970, tornando-se o primeiro país a conquistar pela quarta vez um título de campeão mundial de futebol. Jogadores como Taffarel, Jorginho, Cafu, Aldair, Dunga, Raí, Bebeto, Leonardo, Zinho e Romário, seriam “coroados” no Brasil como os “Os Heróis do Tetra”.

Podemos destacar, desta forma, esses três acontecimentos ocorridos no ano de 1994: A morte do piloto Ayrton Senna, a conquista do tetracampeonato mundial de futebol e o lançamento do Plano de Estabilização Econômica que criou uma nova moeda, o Real; tendo como antecedente histórico, o *impeachment* do presidente Collor em setembro de 1992, que contribuiu para o processo de reconstrução do conceito de “herói nacional” elaborado até então. Conforme diz o jogador Romário:

“(...) Acho que depois de tanta coisa ruim e triste que aconteceu este ano - as perdas do Dener e do Ayrton Senna, essas matanças que acontecem, fome, essas coisas,... -, o Brasil merece a Copa. Eu posso colocar a Copa do Mundo para o brasileiro como se fosse um prato de comida. Se a gente

³¹ DAMATTA, Roberto. Brasil: Futebol tetracampeão do mundo. Entrevista para a Revista Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, UERJ, 1995, p.7.

ganhar esta Copa, estará dando um prato de comida para esse povo que está com fome. (...)”³²

Neste depoimento, Romário cita o jogador de futebol Dener, que atuava pelo Vasco da Gama e morreu em 10 de abril de 1994, num acidente de automóvel na cidade do Rio de Janeiro³³, além de Ayrton Senna. Ambos eram queridos pela torcida brasileira e mantinham um carisma conquistado nas atividades esportivas que realizavam. Ainda na declaração, Romário fala sobre “... *essas matanças que acontecem, fome, essas coisas, ... -, o Brasil merece a Copa*”, como se todo e qualquer tipo de perda, acidente, morte, fosse atribuída a uma derrota e isso fosse algo negativo. O que foi dito pelo jogador Romário - considerado como o grande destaque daquela competição -, reforça o que foi citado por DaMatta, no sentido de entender o futebol como algo que “dá certo” e que, com isso, poderia “fazer o Brasil dar certo ou mudar para algo melhor”. As concepções formuladas no imaginário social referente à imagem do herói e ao evento do tetracampeonato poderiam dar a entender que, de certa forma, seria possível ‘aliviar’ as crises brasileiras. Os problemas de auto-estima da população poderiam ser solucionados com a conquista de “sermos tetracampeões mundiais” – o futebol, de certa forma, nesse campo do imaginário, talvez pudesse tentar resolver isso.

Um outro fato relevante, que podemos também considerar como um antecedente histórico, na decorrência da falta de credibilidade ocasionada pelo governo Collor, foi o surgimento de novas Organizações Não-Governamentais (ONGs) no início da década de 1990, principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Tais movimentos também contribuíram para o entendimento desses jogadores de que uma nova possibilidade de ação não-governamental, sem fins lucrativos, poderia contribuir em favorecimento do benefício público. O entendimento de que eles [atletas profissionais do futebol], na lógica de sociedade civil organizada, poderiam ter a iniciativa para realizar alguma ação em prol da sociedade.

Nesse sentido, a tentativa deste estudo procura demonstrar a possibilidade de implementação de ações sociais efetivas por meio de projetos sociais que foram instituídos por alguns jogadores de futebol, que tomam como lastro estas concepções presentes no

³² Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1994. Caderno de Esporte, p.13.

³³ Revista Veja – arquivo. <http://vejaonline.abril.com.br/notitia/servlet>. acessado em 10/01/2005.

imaginário. A noção de que o futebol é um elemento transformador na perspectiva de uma possibilidade e não somente a afirmação através do imaginário, conforme citação do ex-jogador Leonardo Araújo, que também pertencia ao grupo de jogadores vitoriosos da geração de 1994:

“(…) Naquele momento, o tempo todo conversávamos se, de fato, o título mundial mudaria alguma coisa no Brasil. Existia uma cobrança muito grande no grupo, certamente pelo fato de ficarmos mais de 20 anos sem ganhar o título, mas também tinha essa coisa de um Brasil melhor, algo assim... Mas eu não conseguia ver essa mudança, caso ela existisse, de forma imediata (...)”³⁴

O depoimento de Leonardo reflete um outro contexto, no sentido de que “as coisas podem mudar e não efetivamente acreditarmos que a conquista do mundial em si seria automaticamente a consequência para uma mudança”.

Podemos considerar o jogador Romário como um personagem emblemático na Copa de 1994, o símbolo de uma geração vitoriosa, onde a sua fala evidencia a citação de DaMatta, mas difere do pensamento de Leonardo, que procura desenvolver uma percepção para a possível construção de um processo social e não a realização dele em si. Ou seja, o pensamento de que é possível apropriar-se do futebol de forma estratégica, utilizando os atletas, jogadores, times, as marcas dos clubes, os grandes ídolos, como instrumentos capazes de mobilizar comunidades, sensibilizar empresas e organizações, debater questões com o poder público. A possibilidade de utilizar o futebol não somente como um jogo de arrecadação de alimentos ou um torneio beneficente como um fim, e sim utilizar o futebol como um meio capaz de mobilizar diversos segmentos da sociedade em prol de um fim público. A possibilidade deste esporte contribuir para o desenvolvimento local de uma cidade, utilizar jogadores com uma ação socialmente responsável no uso de sua imagem nos meios de comunicação, nas suas ações e condutas diante da sociedade. Esses acontecimentos podem ensinar uma nova consciência do jogador de futebol profissional, ainda de forma desordenada, mas com o desejo de realizar algo em benefício de causas

³⁴ Entrevista concedida ao autor em 29/10/2004.

sociais. Na tentativa de não agir somente de forma pontual, assistencialista, mas pensar em projetos de longo prazo, contínuos, consistentes, diferentemente do que havia até então, conforme diz Romário:

“(…) Precisamos desta alegria e eu, assim como meus companheiros, vamos fazer tudo para que ela possa ser dada ao nosso povo. Mas que isso não sirva para esconder nossos problemas, como a fome, a miséria, as pessoas abandonadas (...) Vou dedicar o tetra ao povo sofrido (...)”³⁵

O discurso de Romário procura chamar a atenção dos problemas brasileiros e gera um ímpeto de querer ajudar, contribuir para a nação, na lógica de que, de alguma forma, a vitória e os belos gols poderiam amenizar a fome, o sofrimento e as mazelas do país. Este raciocínio pode ser compreendido pelo fato deste jogador ter vivenciado uma infância pobre e difícil e, dessa forma, efetiva-se o desejo de contribuir em prol daqueles que enfrentam dificuldades para a sobrevivência. Por outro lado, acaba contribuindo para um olhar que define grande parte do povo brasileiro como “pobre coitado”, vítima passiva, de baixa auto-estima, onde o futebol é tratado como um ópio, capaz de amenizar sofrimentos e miserabilidade.

Esse imaginário social não funcionava na lógica de um pequeno grupo composto por Leonardo, Dunga, Raí, Jorginho e o técnico Carlos Alberto Parreira, isto é, o entendimento de que as construções operadas no imaginário social a partir da vitória não seriam suficientemente capazes de provocar uma ampla transformação social. Era necessário refletir para o risco do ufanismo exagerado e, num estágio adiante, discutir a participação do jogador de futebol atuando somente em eventos pontuais filantrópicos, tais como doação de alimentos, cestas básicas, agasalhos e demais ações assistencialistas. Alguns atletas conversavam entre si nas concentrações, hotéis, alojamentos, sobre a possível realização de algo além da ação pontual, que pudesse contribuir na formação de uma nova geração no médio e longo prazo. Ainda que estas construções estivessem expressas no imaginário social, tornava-se fundamental o aproveitamento das referências

³⁵ Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 13 de julho de 1994. Caderno de Esporte, p.11.

mitificadas até então, tais como ‘Salvadores da Pátria’, ‘Heróis’, e propor uma reflexão para apontar caminhos no entendimento do “por que” e “como” seria possível pensar em práticas efetivas para um novo rumo para o quadro social do Brasil.

1.5 - Futebol e nacionalidade

O Brasil é conhecido internacionalmente como “o país do Futebol”. Não é raro acompanharmos a cada temporada a venda de craques para o mercado internacional. O mundo inteiro admira e reverencia o futebol brasileiro. Foi assim na Copa de 1950, provocando uma frustração nacional quando todos davam como certa a vitória brasileira no Mundial, num time comandado por Zizinho e que acabou perdendo em casa para o Uruguai pelo placar de 2 a 1, diante de um público de 200 mil pessoas. Pelé e Garrincha formaram a dupla fenomenal na conquista da Copa de 1958 na Suécia. Em 1962, no Mundial do Chile, o Brasil conseguiu o bi-campeonato mundial e, finalmente, em 1970, o tricampeonato mundial no México, conquistado de forma brilhante pelo talento de craques como Pelé, Tostão, Gerson e Jairzinho.

Capaz de representar o que há de melhor no celeiro de talentos do futebol no Brasil, a seleção brasileira é percebida como um verdadeiro “patrimônio histórico”. Vestir a camisa amarela da seleção é privilégio de poucos e uma tarefa de honra, orgulho e responsabilidade para os jogadores. Existe uma relação respeitosa, de paixão e amor à pátria pelo cidadão brasileiro, que vibra e se emociona com a seleção em campo. Por conta disso, o aproveitamento político numa situação como essa acaba sendo oportuno. Foi assim na Copa de 1958, quando a seleção brasileira retornou vitoriosa para o Brasil com o caneco que serviu como instrumento político do presidente Juscelino Kubitscheck, e durante a conquista da Copa de 1970, quando o futebol era utilizado pelo governo para encobrir a repressão e o cerceamento das liberdades. A então “corrente pra frente” puxada pelos atletas do tricampeonato mundial, passava uma imagem internacional positiva do Brasil, resgatava a auto-estima da população, que cantava o hino nacional com um orgulho cada vez mais patriota, mas ao mesmo tempo servia para esconder as tensões políticas da ditadura militar no país.

O futebol, de certa forma, provocava uma ‘comunidade imaginada’ na nação brasileira. Ou seja, uma ‘nação brasileira’ era constituída naquele momento por um número de indivíduos que faziam parte da sociedade e que se comportavam, agiam, comungavam dos mesmos princípios, se consideravam e se imaginavam componentes daquela dita “nação”.

“(…) Dentro de um espírito antropológico, proponho, então, a seguinte definição para nação: ela é uma comunidade imaginada como implicitamente limitada e soberana. (...)”³⁶

O foco principal descrito nos estudos de Benedict Anderson procura discutir o conceito de nação e nacionalidade e, se de fato, existe alguma possibilidade de tratarmos isso como uma construção social. Caso venhamos afirmar que há essa provável construção social, é possível que esteja arraigada na memória dessa coletividade.

O referencial de nação que citamos, com base nos estudos de Anderson, está diretamente relacionado à construção da nacionalidade. Ou seja, para constituirmos o que chamamos ‘nação’, devemos nos remeter à elaboração de um passado nacional. Quando costumamos dizer que “somos brasileiros” ou que “somos franceses”, o “ser” é fundamentado numa construção de um processo do passado, que nos leva a assumir essa questão, sem ao menos questionarmos sobre isso.

Podemos ilustrar esse raciocínio no contexto do esporte, especialmente no caso do futebol, o quanto esse esporte, cada vez mais, tornou-se, em definitivo, um dos grandes fenômenos brasileiros associado ao sentido de identidade nacional, o quanto o futebol simboliza o que representa toda uma nação e nela, o comportamento patriota capaz de provocar diversos desdobramentos para apropriações ideológicas.

“Toda a Copa tem sua abordagem com um foco na Sociedade... tudo assim meio rotulado né... essa história talvez seja em parte uma verdade, por tudo que se viveu, o que o futebol representou, o que o futebol representava em 1950, que talvez tenha sido a primeira vez que o Brasil

³⁶ ANDERSON, Benedict. *Op.cit.*, p.14.

lutou por uma conquista maior e tudo o que o Brasil vivia até numa auto-estima, a construção do Maracanã para mostrar ao povo, para mostrar ao mundo que o Brasil tinha poder de realização, depois essa possibilidade de ser o número um em alguma coisa, que o futebol ia mostrar realmente uma força de todo um povo... Então todos esses momentos de uma Copa do Mundo - o que se faz e o que se diz lá, fica marcado para ser utilizado em algum momento na política de um país, por exemplo. O estereótipo do brasileiro contribui. O que se faz, o que se diz, o que se pensa, é propagado pelo mundo inteiro. Toda Copa é analisada assim...”³⁷

O depoimento de Leonardo ilustra essa possibilidade de compreendermos o futebol como uma representação nacional de um país e o quanto temos a necessidade de coletivizar nossas metas audaciosas de “sermos” os melhores, a referência na questão. O futebol brasileiro, aqui representado pelos seus torcedores, jogadores e dirigentes, “estufa o peito” para dizer orgulhosamente que é o único pentacampeão mundial.

Mario Filho, Nelson Rodrigues, João Saldanha, Armando Nogueira, Ruy Castro – somente para citar alguns nomes - souberam, como poucos, escrever crônicas sobre o futebol e conseguiram traduzir com enorme riqueza o culto aos gramados, a paixão do homem pelo mundo da bola, esse objeto mágico que ao deslizar pela grama, provoca um deslumbramento coletivo num estádio repleto com mais de cem mil expectadores. A pátria em chuteiras, os heróis imortalizados pelos seus dribles, lances e gol geniais. A emoção a cada cena, a cada jogada, a explosão maior da torcida pelo gol. O que faz essa multidão pegar um trem, um ônibus lotado e se amontoar com milhares de outros fiéis para assistir noventa minutos de pura paixão? O que faz um trabalhador assalariado, com as dificuldades que possui para conviver num centro urbano tão complexo, alimentar-se dessa paixão, capaz de provocar discussões no botequim, no ambiente de trabalho? Como se procede esse vínculo de comunhão com o futebol e os desdobramentos que ele possibilita? Uma única disputa esportiva, que tinha como finalidade nos seus primórdios, apenas proporcionar uma atividade prazerosa para os homens, é capaz de transformar, em noventa minutos, o Brasil num país idealmente perfeito.

Benedict Anderson trata a abordagem da “comunidade política imaginada” dentro do espírito antropológico, apontando que, independentemente da dimensão do que podemos

³⁷ Leonardo. Entrevista concedida ao autor em 06/01/2005.

pensar e projetar, do que de fato significaria o que então denominamos nação, não teremos como mensurar efetivamente a proporcionalidade da abrangência que possa ser possível acerca do tema.

“(...) ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão. (...)”³⁸

Nas características apontadas por Benedict Anderson, uma ampla rede de indivíduos não precisa necessariamente se conhecer, mas formam ou imaginam formar, pertencer a uma nação imaginada, tal qual mencionamos na referência à “corrente pra frente” criada em meados dos anos 70 na conquista do tricampeonato mundial. Ou seja, se faço parte de um grupo como uma “nação verde e amarela”, uma “torcida corrente pra frente”, me sinto pertencente a uma corrente ideológica pela qual se estabelece um pertencimento, gerando uma identidade e contribuindo para a elaboração de uma memória coletivizada. Há algo nessa dita “nação” pela qual faço parte que, em particular, me faz projetar um ideário e que me faz pertencer e fazer parte da sua construção. E, de certa forma, alguns elementos como a camisa da seleção e a bandeira nacional, se tornam símbolos tradicionalmente instituídos e sacramentados.

“(...) deve-se destacar um interesse específico que as “tradições inventadas” podem ter, de um modo ou de outro, para os estudiosos da história moderna e contemporânea. Elas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a “nação”, e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado Nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas, e daí por diante. (...)”³⁹

³⁸ ANDERSON, Benedict. *Op.cit.*, p.14.

³⁹ HOBBSAWM, Eric. *Introdução: a invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997, p.22.

Na perspectiva de Eric Hobsbawm, o ideário da nação trabalha constantemente com o registro da temporalidade. A eficácia do discurso da nação tem uma “religião laica”, uma forma de reverenciar a institucionalização dos procedimentos, uma veneração, que possui dogmas, um sacramento, uma vinculação com o ideal nacional. Nesse sentido, podemos buscar uma abordagem antropológica dos referenciais da memória coletiva.

A própria abordagem do futebol como fenômeno cultural nos aponta para isso. O que é coletivizado no passado glorioso da seleção brasileira ou mesmo na conduta atual nos remete a um registro, a uma elaboração de um discurso memorial que nos fortalece como Nação – “somos igual ao Ronaldo” ou, “nos identificamos com o Robinho” – comungamos dos mesmos princípios nacionalistas e somos iguais também porque nos identificamos com o ideário de uma grande nação, vitoriosa, soberana.

Capítulo 2 - O Mundial de 1994 – A conquista do tetra

2.1 – Antecedentes históricos

A conquista do Mundial de 1994 pela seleção brasileira de futebol simbolizou uma das grandes conquistas do futebol brasileiro. Após o tricampeonato de 1970 o Brasil contou com diversas equipes que disputaram outras Copas do Mundo e praticamente em todas as competições, apresentou uma equipe talentosa, com enorme favoritismo, mas que acabava derrotada nas finais do torneio. No ano de 1994, sob o comando de Carlos Alberto Parreira, a seleção nacional embarcou para os Estados Unidos desacreditada pela torcida brasileira. Ainda assim, o talento excepcional e individual dos jogadores dentro dos gramados, levou o Brasil ao título inédito de tetracampeão mundial de futebol.

“Estou com saudade de 1994. O Plano Real tinha dado certo, o Brasil tinha ganho a Copa do Mundo, os dias eram azuis e estava sendo eleito um presidente novo, com palavras novas, representante da elite cultural que sempre esteve fora do poder. FHC venceu, apesar da inveja assustadora de seus colegas de Academia, e era um político que trazia nova “ agenda progressista” , que até então se resumiria a um confuso sarapatel de “ rupturas” revolucionárias, vagos sonhos operários, tudo numa algaravia de conceitos getulistas, terceiro-mundistas e leninistas que nos levaram às derrotas desde 35 até 68”⁴⁰

Conforme relatado por Arnaldo Jabor, o ano de 1994 foi um ano especial para o cenário sócio-político brasileiro e esses acontecimentos, de certa forma, contribuíram para o engrandecimento da conquista do tetracampeonato mundial. No presente estudo, destacamos alguns eventos que consideramos de relevância não só para a valorização da conquista do mundial de futebol, como também para uma reflexão dos atletas tetracampeões mundiais a pensar de forma mais ampla nas questões da sociedade brasileira.

Primeiramente, como antecedente histórico, consideramos que o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo em setembro de 1992, tenha contribuído imensamente para o processo de reconstrução do conceito de “herói nacional”. Collor chegou ao poder

⁴⁰ JABOR, Arnaldo. O Globo, Rio de Janeiro, 31 de maio de 2005. Segundo Caderno, p.8.

com uma campanha eleitoral que potencializava a construção de um candidato sério, íntegro, capaz de solucionar os problemas do país de forma ética, ágil e objetiva. A divulgação de sua campanha e sua posse como presidente era semelhante a um “super-herói”. Mas o povo brasileiro ficou frustrado com o final desastroso de seu governo, imerso num mar de corrupção. Desde então, a necessidade de cultuar um “herói nacional” parecia um eterno desafio para o povo brasileiro.

Após o fracasso do período Collor, a população brasileira estava desacreditada. Ficava cada vez mais difícil acreditar que o poder público, sozinho e isoladamente, seria capaz de provocar uma ampla transformação no desenvolvimento social do país. Diversas iniciativas surgiam pelo Brasil. A sociedade debatia de forma mais ampla as perspectivas e possibilidades para um crescimento econômico e social. E assim, em meados da década de 1990, era possível perceber o surgimento de novas ONGS no país.

Em 1994, o piloto de automobilismo Ayrton Senna era o grande ídolo do esporte brasileiro, levando o país inteiro a vibrar não somente com suas vitórias e conquistas nas pistas, como também pela sua conduta, postura e imagem na mídia. Dias antes do embarque da seleção brasileira para a Copa do Mundo nos Estados Unidos, Ayrton Senna morreu num acidente automobilístico. No mês seguinte à morte de Senna, no dia 1º de junho de 1994, durante a disputa da Copa do Mundo, o governo lançou o programa brasileiro de estabilização econômica, que resultaria no fim de quase três décadas de inflação elevada e na substituição da antiga moeda pelo Real.

“É claro que o lançamento de uma nova moeda, um novo plano econômico de um governo, no meio de uma Copa do Mundo, é algo que favorece o quadro para a população aceitar bem essa proposta do governo. Principalmente, se o time estiver indo bem no torneio”.⁴¹

Dessa forma, a inflação foi controlada sem congelamentos de preços, confisco de depósitos bancários ou outros mecanismos da complexa economia brasileira. Por conta do fim da inflação, a economia brasileira retomou seu crescimento rapidamente, fazendo com que o Ministério da Fazenda elaborasse uma política de restrição à expansão da moeda e do

crescimento econômico auto-sustentáveis, viabilizando a retomada do crescimento com distribuição de renda.⁴² Sendo assim, no governo de Itamar Franco foi criado o Plano Real, articulado por seu ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso.

“Não dá pra ter a idéia exata do que acontece no nosso país, quando estamos concentrados numa Copa do Mundo. Mas é claro que percebemos toda uma euforia, toda uma motivação da população, pela imprensa principalmente. Sem dúvida que pode ser oportuno algum tipo de ação governamental que se aproprie desse momento. No caso do Plano Real, acho que aconteceu dessa forma.”⁴³

Esses acontecimentos contribuíram para a construção de um ideário nacional, ainda que no imaginário da população, com a ajuda dos veículos de comunicação, mas apontando para a possibilidade de mudança de comportamento do indivíduo perante a sociedade.

2.2 – O Brasil na Era Collor

Fernando Collor de Mello chegou à presidência da República no segundo turno da eleição presidencial de novembro de 1989, ao derrotar nas urnas o candidato que surgiu dos movimentos de luta dos trabalhadores do ABC paulista, Luís Inácio Lula da Silva, um importante líder sindical e que era, até então, a grande liderança do Partido dos Trabalhadores (PT). Ao contrário de Lula, Fernando Collor tinha trajetória proveniente da elite, não possuía um partido forte que o apoiasse (foi lançado pelo modesto Partido da Reconstrução Nacional -PRN), mas soube usar com eficiência as ferramentas de marketing para discursar temas de moralização, combater os “altos salários” do funcionalismo público, que denominava de “marajás”⁴⁴, e com o apoio de uma mídia poderosa, como a

⁴² ABREU, Alzira, BELOCH, Israel, LAMARÃO, Sérgio, LATTMAN-WELTMAN, Fernando (orgs.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB) – Pós-1930*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001, vol.2, p.2332-2333.

⁴³ Raí, ex-jogador de futebol profissional e tetracampeão mundial em 1994. Entrevista concedida ao autor em 24/05/2005.

⁴⁴ Collor passou a se autodenominar “caçador de marajás”, termo que surgiu durante o exercício do mandato de governador de Alagoas (1987-1991), quando congelou o próprio salário, instalou livro de ponto nas

Rede Globo de Televisão, conseguiu a adesão de parcelas significativas do povo brasileiro.⁴⁵

Collor trazia como promessa de campanha a redução do papel do Estado na economia, a moralização da política e o fim da inflação. Dias depois de sua posse, lançou um programa de estabilização que levou o seu nome, o “Plano Collor”, contendo um pacote econômico que bloqueava as cadernetas de poupança e contas correntes de pessoas físicas e fazia um surpreendente confisco monetário nas contas de pessoas jurídicas. Além de eliminar a inflação, o novo governo impôs uma reforma administrativa que extinguiu órgãos e empresas estatais, promoveu as primeiras privatizações, abriu o mercado brasileiro às importações, decretou um congelamento de preços e a pré-fixação dos salários. Embora tenha reduzido a inflação, o plano trouxe a maior recessão da história brasileira, resultando no aumento do desemprego e na quebra de empresas. Aliado ao plano, o presidente imprimia uma série de atitudes características de sua personalidade, que ficou conhecida como o “jeito Collor de governar”.⁴⁶

Amante dos esportes, Fernando Collor de Mello fazia questão de mostrar o seu estilo exibicionista. Faixa preta em caratê, gostava de natação e tinha o hábito de fazer corridas dominicais no Lago Norte, em Brasília. Em suas longas caminhadas, costumava aparecer com camisetas estampadas com frases relacionadas ao momento do seu governo, tais como: “Criança: prioridade nacional”; “O tempo é o Senhor da razão” e “Não fale em crise. Trabalhe!”. Já eleito presidente da República, fez um vôo num Mirage F103 da Força Aérea Brasileira e rompeu a barreira do som a 13 mil metros de altitude em treinamentos do Exército na Amazônia. Pilotou a 160 km/h uma motocicleta Kawasaki Ninja de mil cilindradas pelas ruas de Brasília. Em junho de 1990, numa visita à Itália, pouco antes da Copa do Mundo, visitou a escuderia da Ferrari, em Maranello, onde quebrou o protocolo e dirigiu o modelo F40, carro esporte que se assemelha a um bólido de Fórmula 1; pisou fundo até 165 km/h, num limite máximo de 280 m/h. Depois, pilotou um Testa Rossa. Tanto nos esportes mais radicais como nas simples caminhadas nas redondezas da Casa da

dependências administrativas e recusou-se a cumprir decisão do Tribunal de Justiça de Alagoas, que ordenara o pagamento dos altos salários que ele havia reduzido.

⁴⁵ ABREU, Alzira, BELOCH, Israel, LAMARÃO, Sérgio, LATTMAN-WELTMAN, Fernando (orgs.). *Op.cit.*, vol.2, p.1441-1450; COSTA, Gleiner Vinicius Vieira. *Brasil, Nova República e Imprensa. A ascensão e queda de Fernando Collor*. Monografia de conclusão de Bacharelado em História. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2005.

⁴⁶ *Ibidem*.

Dinda em Brasília, a imagem de Collor era promovida como um presidente jovem, arrojado e que assumia e enfrentava desafios.

Esse era a imagem midiática construída e que muito agradava ao povo brasileiro, que naquele momento, parecia carente de um herói, de um salvador da pátria. Collor era o símbolo da modernidade nacional – saudável, pronto para qualquer enfrentamento que o país necessitasse. O ‘estilo Collor’ fazia sucesso até mesmo no exterior. George Bush, então presidente dos Estados Unidos, comparou o estilo do presidente brasileiro ao personagem do cinema americano “Indiana Jones”.

Fernando Collor soube construir suas bases políticas. O cenário político brasileiro era muito favorável devido à ausência de lideranças e o desencanto de uma população que acabara de sofrer com a morte de Tancredo Neves e o fracasso do Plano Cruzado. O "caçador de marajás" parecia a salvação.

Mas em pouco tempo, a gestão de Fernando Collor acabou se complicando pelo excesso de ambição. Com os problemas ocasionados pelo novo plano econômico que não conseguiu acabar com a inflação, o país amargou uma enorme recessão no ano de 1991. Além disso, o surgimento de suspeitas de envolvimento de ministros e funcionários do alto escalão do governo numa ampla rede corrupção, colocava a era Collor no início de uma crise. Nem mesmo sua esposa, Rosane Collor foi poupada, sendo alvo de acusações por má administração do dinheiro público e de favorecimento ilícito de seus familiares. As suspeitas transformam-se em denúncias através da mídia.

Mas o pior ainda estava para acontecer. Pedro Collor, irmão do presidente, foi capa da revista *Veja* na edição do dia 25 de abril de 1992 e deu uma entrevista bombástica onde falou sobre um esquema de tráfico de influência e irregularidades financeiras comandado pelo empresário Paulo César Farias, amigo de Fernando Collor de Mello e tesoureiro de sua campanha eleitoral, que ficou conhecido por "esquema PC". Logo após, o Congresso Nacional instalou uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para investigar o caso. A revista *Isto É* publicou uma entrevista com Eriberto França, motorista da secretária de Fernando Collor, Ana Acioli, que confirmou que as empresas de PC faziam depósitos regulares em contas fantasmas movimentadas pela secretária. Todas essas informações atingiam diretamente o presidente da República. Surgiram manifestações populares em

todo o país e os estudantes organizaram diversas passeatas pedindo o *impeachment* do presidente.⁴⁷

Depois de um penoso processo de apuração e confirmação das acusações e da mobilização de amplos setores da sociedade por todo o país, o Congresso Nacional, pressionado pela população, votou o *impeachment* presidencial. Primeiramente, o processo foi apreciado na Câmara dos Deputados, em 29 de setembro de 1992, e, depois, no Senado Federal, em 29 de dezembro. O presidente também foi denunciado pela Procuradoria-Geral da República pelos crimes de formação de quadrilha e de corrupção. No dia 2 de outubro de 1992, Collor foi afastado e seu vice, Itamar Franco, assumiu interinamente. Durante o julgamento do *impeachment* no Senado, Fernando Collor renunciou. Mesmo assim, a sessão prosseguiu, e, no dia seguinte, ele teve os direitos políticos cassados por oito anos.⁴⁸

“Resultado é festejado como Copa do Mundo. Em todo país, o povo comemorou o resultado da votação nas ruas, como se fosse a vitória do Brasil numa final de Copa do Mundo. Houve maiores concentrações em Brasília, no Rio e em São Paulo e carnaval em Recife e Salvador. Em Canapi (AL), quem torcia contra Collor viu TV trancado na própria casa, com medo da família Malta”.⁴⁹

Sem golpe militar ou qualquer tipo de ação violenta, o presidente Fernando Collor de Mello foi substituído, o que evidenciava um processo de amadurecimento da classe política brasileira, algo particular, surpreendente e relevante para um país da América Latina. Fernando Collor militava pela moralidade, pelo combate voraz à corrupção e, no entanto, teve em seu governo casos escandalosos e vergonhosos de corrupção. Seu homem de confiança, Paulo César Farias, foi um dos principais envolvidos no esquema de corrupção dentro do governo, sendo que a CPI apurou que muito dinheiro foi desviado para a conta corrente particular do próprio presidente. Vários ministros foram denunciados por corrupção, porém não houve condenações. Paulo César Farias chegou a ser preso, mas em pouco tempo ganhou a liberdade, sendo encontrado morto em 23 de junho de 1996.

⁴⁷ ABREU, Alzira, BELOCH, Israel, LAMARÃO, Sérgio, LATTMAN-WELTMAN, Fernando (orgs.). *Op.cit.*, vol.2, p.1441-1450.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ O Globo. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2002. Capa.

2.3 – O terceiro setor e as ONGS

Neste trabalho procuramos compreender de que forma os atletas tetracampeões mundiais de futebol buscaram inspiração e motivação para a implantação dos seus projetos, mas também entender como funcionava a visão deles sobre o terceiro setor e o surgimento de ONGS no Brasil.

No ano de 1994, além dos acontecimentos históricos citados e que provocaram uma certa motivação para os atletas tetracampeões instituírem seus projetos sociais, observamos que a década de 1990 foi marcada por alguns movimentos importantes, eventos, surgimento de ONGS e a abertura para um amplo debate sobre terceiro setor e responsabilidade social corporativa.

Em 1992 realizou-se na cidade do Rio de Janeiro a Conferência Mundial de Meio Ambiente (Eco-92), onde representantes de mais de 178 países se reuniram para planejar maneiras de equacionar os problemas ambientais do planeta. A Eco-92 trouxe promessas de proteger ecossistemas e gerou a “Agenda 21” - um documento que foi assinado pelos países participantes do evento e que se refere às preocupações com o futuro no século XXI. A iniciativa serve de guia para as ações do governo e de todas as comunidades que procuram desenvolvimento sem precisar destruir o meio ambiente. Da mesma forma que os países se reuniram e fizeram a Agenda 21, as cidades, os bairros, os clubes, as escolas também poderiam fazer sua Agenda 21 local, bastando para isso reunir as pessoas da comunidade local interessadas em melhorar a qualidade de vida, adotando medidas que possam resolver os problemas encontrados por elas, com o objetivo de garantir um meio ambiente

popularizada como "Campanha contra a fome", ou como ficou mais conhecida, "Campanha do Betinho".

Em dezembro de 1993, o clima na cidade do Rio de Janeiro era de medo e indignação. Em meio às tensões políticas, perdas econômicas e crise social, a população sofria com uma onda de seqüestros e dois crimes bárbaros: o primeiro, a chacina de 21 moradores em Vigário Geral, que culminou numa passeata de protesto e manifestação popular que fez nascer o Grupo Cultural Afro Reggae (GGCAR), um programa social que envolvia oficinas de música, capoeira, teatro, hip hop e dança, e o segundo, o assassinato de oito meninos de rua junto à Igreja da Candelária no centro da cidade. Em resposta, foi organizada uma mobilização em toda a cidade no dia 17 de dezembro, quando ao meio-dia, milhares de pessoas vestidas de branco fizeram dois minutos de silêncio e pediram paz. Nesta data nasceu o Viva Rio, uma ONG sem fins lucrativos e apartidária que incentivou indivíduos, associações e empresas a construir uma sociedade mais justa e democrática. Com o apoio da população, o Viva Rio desenvolveu campanhas de paz e projetos sociais em cinco áreas: direitos humanos e segurança pública, desenvolvimento comunitário, educação, esportes e meio ambiente. Hoje atua em cerca de 350 favelas e comunidades de baixa renda da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sempre em parceria com entidades locais, investindo principalmente nos jovens, mais vulneráveis aos riscos sociais, e buscando a superação da violência.

“A violência no Rio de Janeiro escapava do controle na primeira metade da década de 90. Os seqüestros se sucediam, enquanto o tráfico de drogas consolidava as bases nas favelas. Não parecia haver futuro para a cidade. Nesse momento, o carioca demonstrou que tinha condições de se mobilizar e agir para cobrar das autoridades o que elas são pagas para fazer: trabalhar com eficiência. Lançada a idéia pela ONG Viva Rio, o movimento de reação àquele estado de coisas recebeu o apoio de outros grupos organizados da sociedade e da população em geral. O Reage, Rio convocou uma manifestação histórica pela paz para 28 de novembro de 1995, uma terça-feira. Choveu. Véspera, havia sido anunciada a morte de um executivo seqüestrado (...)”⁵⁰

⁵⁰ O Globo. Primeiras Páginas – 80 anos de História nas manchetes do Globo. Rio de Janeiro: 2005, p.186.

Esses movimentos também influenciaram os atletas tetracampeões mundiais que naquele mesmo período realizaram o sonho de conquistar uma copa do mundo de futebol. Ao mesmo tempo sabiam que o país e o Rio de Janeiro - cidade onde alguns viviam - não pareciam funcionar em sintonia com o sonho da conquista. Alguns daqueles atletas percebiam que a sociedade civil organizada manifestava-se cada vez mais como uma força de atitudes para uma mudança urgente no quadro social brasileiro.

2.4 – A morte de Ayrton Senna

Ayrton Senna da Silva era um homem singular, um atleta por excelência. Sem dúvida alguma, ele faz parte de uma seleta galeria de pilotos geniais e surpreendentes do automobilismo mundial de todos os tempos, assim como o argentino Juan Manuel Fangio,

Começava ali uma das carreiras mais espetaculares da história do automobilismo mundial. Ao morrer, Senna contabilizava 41 vitórias, 65 *pole positions* em 161 provas disputadas, 3 campeonatos mundiais e 1 sonho: O Instituto Ayrton Senna – idealizado pela sua irmã Viviane.

Senna acumulava recordes e dinheiro em alta velocidade. Perseguia a perfeição e desafiava a morte. Desejava sempre mais. Não apenas a vitória, mas algo muito maior: a incessante superação do próprio limite, na sua busca obstinada da perfeição. Ele almejava o impossível, o absoluto. Nessa procura obcecada, nenhum esportista brasileiro, com exceção de Pelé, o atleta do século, foi tão longe. "Canalizo todas as energias para ser o melhor do mundo", era assim que resumia suas ambições. "Se depender de mim, esgotarei os adjetivos do dicionário", assim como todos os supercampeões, aqueles que desafiam marcas, padrões, metas e verdades estabelecidas, e que se transformam em mitos.⁵²

Ayrton Senna nasceu numa família de classe média alta em São Paulo. O pai, Milton, tinha uma indústria metalúrgica e alguns outros negócios. Cresceu em companhia da irmã mais velha Viviane e o irmão caçula Leonardo. Ayrton não chegou a ser um aluno exemplar na escolar, embora nunca tivesse repetido ano e como todo adolescente normal, tinha no quarto pôsteres de seus ídolos: Jackie Stewart (tricampeão mundial de Fórmula 1), Emerson Fittipaldi (bicampeão), Niki Lauda e Gilles Villeneuve.

Fez um primeiro grau sem destaques e à medida que melhorava nas pistas, piorava no colégio. Completou o segundo grau no Colégio Rio Branco, no bairro paulistano de Higienópolis, em 1977. Depois de entrar numa faculdade de administração de empresas, trancou a matrícula no terceiro mês e decidiu então, com a única credencial de seu sucesso nas pistas sul-americanas de kart, tentar a sorte nas pistas inglesas. Como a maioria dos pilotos que seguem esse caminho, Senna tinha um bom patrocinador, seu pai. Mesmo não demonstrando entusiasmo pela carreira do filho, Milton da Silva comparecia com a verba suficiente para cobrir as despesas de Ayrton. Anos depois retornou ao Brasil e aos poucos assumia papel de destaque no automobilismo brasileiro.⁵³

⁵² <http://www.geocities.com/RodeoDrive/4541/frases.htm>, acessado em 11/12/2002.

⁵³ <http://www.f1sport.com.br/pilotos.htm>, acessado em 20/12/2004.

Nos negócios, nas pistas e na vida, Senna era muito exigente. Pensava em carros e pistas o tempo todo e cobrava o mesmo de quem trabalhava com ele. Com sua gana perfeccionista, revolucionou a maneira de trabalhar dos pilotos da fórmula 1. Durante a temporada de campeonato, chegava cedo ao autódromo e só saía à noite. Passava o dia inteiro tratando do carro, conversando com a equipe ou dando entrevistas. Obsessivo pelo trabalho, Senna era também louco pelo movimento, pela velocidade e por todo o tipo de esportes que pudessem lhe provocar vertigens. Detestava ficar parado. Corria e fazia exercícios de musculação para manter a forma física. Até aí, estava trabalhando. Nas horas de folga, divertia-se praticando esqui aquático e jet-ski, pilotando avião e helicóptero.

Exatamente no dia primeiro de maio de 1994, milhares de brasileiros que já estavam acostumados a amanhecer em frente ao aparelho de televisão, acertariam o canal na TV Globo à espera do empolgadíssimo locutor Galvão Bueno. Antes do almoço de domingo, esperavam assistir a mais uma vitória de um brasileiro tricampeão mundial, aclamado por muitos como o maior piloto de todos os tempos. Naquela manhã, acontecia o Grande Prêmio de Imola, em San Marino. Para surpresa de todos, um acidente a trezentos quilômetros por hora na curva Tamburello encerraria tragicamente a trajetória de Ayrton Senna. A população brasileira ficou comovida com o episódio e o presidente Itamar Franco decretou três dias de luto oficial.⁵⁴

“Brasil perde Senna. As manhãs de domingo vão ficar mais tristes. Morreu ontem, aos 34 anos, Ayrton Senna da Silva, o maior ídolo do povo brasileiro. Na sétima volta do Grande Prêmio de San Marino (vencido pelo alemão Michael Schumacher, da Benetton), em Ímola, o Williams do tricampeão mundial de Fórmula 1 falhou, não fez a Curva Tamburello, saiu da pista a quase 300 km/h e bateu no muro de proteção. A imagem, assustadora, paralisou o país. Dentro do carro, que tinha o lado direito completamente destruído, Senna jazia inerte, com a cabeça pendendo para a esquerda. No choque, Senna sofreu lesões cerebrais múltiplas. Em um minuto e quarenta segundos os médicos chegaram ao local do acidente e, dois minutos depois, com Senna deitado no chão, faziam uma traqueostomia para reanimar o piloto que sofrera uma parada cardiorrespiratória. Depois de 17 minutos, Senna foi transportado para o

⁵⁴ <http://www.f1sport.com.br/pilotos.htm> acessado em 20/12/2004.

hospital. As 13h40m de Brasília foi anunciada oficialmente a sua morte. No mesmo circuito de Imola que matou Senna, morreu antontem o piloto Roland Ratzemberger e escapou da morte o brasileiro Rubens Barrichello.⁵⁵

As imagens ficaram gravadas na memória dos brasileiros. Na sétima volta do Grande Prêmio de San Marino, no autódromo de Imola, na Itália, Ayrton Senna passa direto pela curva Tamburello e espatifa-se no muro de concreto. O boletim médico do hospital Maggiore de Bolonha, para onde o piloto foi levado de helicóptero, anunciou a morte cerebral de Ayrton Senna. A notícia do acidente deixou o Brasil pasmo. Mesmo os que ainda não haviam se levantado ou não acompanhavam a transmissão do Grande Prêmio de San Marino, em Imola, logo souberam o que se passava. Em telefonemas consternados, o desastre era o tema único das conversas.

Aconteceram muitas manifestações de apreço absolutamente espontâneas. No Rio de Janeiro, era dia de Vasco e Flamengo no Maracanã. A morte de Ayrton Senna uniu as torcidas rivais. Antes do início da partida, determinou-se o tradicional minuto de silêncio, que, talvez pela primeira vez, foi cumprido por todos os torcedores. Encerrado o prazo, o maior estádio do mundo foi tomado por um coro eletrizante de 100.000 pessoas, que agitavam os braços e entoavam: "Olê, olê, olê, olá/Senna, Senna". Em outros estados, o mesmo comportamento foi observado. No estádio do Mineirão, antes do jogo Atlético e Cruzeiro, no Recife, onde se enfrentaram Santa Cruz e Sport, no Morumbi, onde o Palmeiras enfrentou o São Paulo.

“Não tinha como ser diferente. Era certo que teríamos uma reação como aquela. O Senna não era ídolo somente no Brasil. Em abril de 94, ele deu o pontapé inicial no estádio Parc de Princes, num amistoso Brasil contra a França; alguns meses antes do início da Copa do Mundo. A torcida francesa inteira o aplaudiu e olha que ele estava na casa de Prost, que foi seu grande adversário”.⁵⁶

⁵⁵ O Globo. Rio de Janeiro, 02 de Maio de 1994. Capa.

⁵⁶ Raí. Entrevista concedida ao autor em 24/05/2005.

O depoimento de Raí, capitão da seleção brasileira no Mundial de 1994, descreve a importância de Ayrton Senna como um ídolo respeitado e querido por todos. Senna acompanhou alguns momentos da seleção brasileira, principalmente os jogos que antecediam a Copa como o amistoso do Brasil contra a França, realizado no Estádio Parc de Princes.

“(…) Alguns minutos antes do jogo, ele [Ayrton Senna] foi lá no vestiário conversar com os jogadores, dar uma palavra, uma mensagem... Foi bem bacana. Depois ele deu o pontapé inicial para o início do jogo. Sem dúvida, ele era um grande atleta e todos nós reconhecíamos isso nele (...)”⁵⁷

Conforme depoimento de Raí, podemos tratar como uma hipótese o fato de que a conduta do atleta Ayrton Senna e o seu desejo em trabalhar pelas crianças do Brasil – que mais tarde se daria na criação do Instituto Ayrton Senna -, estariam também contribuindo para o pensamento e formação dos atletas que posteriormente decidiram instituir projetos sociais.

Parece evidente que a busca confiante e determinada por um ideal fez com que a vida do piloto Senna, um dos mais reconhecidos atletas em todo mundo por seu talento excepcional, pudesse ir além das corridas e pela velocidade. Senna era motivado pela paixão por seu país e pelo povo brasileiro, demonstrada a cada vitória nas pistas ao empunhar uma bandeira do Brasil, e na crença de que cada criança e cada jovem têm o direito a uma chance de realizar seus sonhos, o direito de uma oportunidade de vida. As conquistas desse homem singular no automobilismo e na vida se tornaram conquistas de um país. Após sua morte, Viviane Senna, sua irmã, fundou o Instituto Ayrton Senna para continuar, mais uma vez, a busca por um ideal: o direito de viver numa sociedade justa e equitativa, o direito à esperança, o direito de ter uma oportunidade. Oportunidade de estudar, de ter saúde e acesso à cultura e ao trabalho.

⁵⁷ *Id., ibid.*

A trajetória de Ayrton no automobilismo, não só com as suas vitórias nas pistas, mas como também sua postura como atleta profissional, conquistou admiradores pelo mundo afora.

“Sem dúvida, o Ayrton Senna foi um grande exemplo pra todos nós. Uma pessoa maravilhosa, um exemplo a ser seguido não só como atleta profissional como um cidadão brasileiro”⁵⁸

“Acho que o Senna foi uma referência fortíssima. Até então era difícil ter alguém se destacar de uma forma diferente assim no esporte, que conseguisse simbolizar um perfil de brasileiro de uma forma tão positiva.”⁵⁹

“Pra Fundação Gol de Letra foi fundamental o direcionamento dado pelo Instituto Ayrton Senna. Conversávamos muito com a Viviane sobre que caminhos poderíamos seguir com o projeto que eu e o Leonardo tínhamos em mente. É claro que o Instituto já era uma síntese de algumas idéias do Ayrton e muitas coisas batiam como que nós aspirávamos.”⁶⁰

“Olha, o Senna tinha uma luz muito especial sabe... tudo o que ele fez, os títulos que ele deu ao Brasil pelo esporte, o trabalho dele pelas crianças... Deus sempre iluminou muito ele...”⁶¹

“Sem discussão, o Senna foi um dos grandes esportistas brasileiros de todos os tempos. O cara conseguiu ser um grande exemplo pra todos nós”⁶²

Conforme os depoimentos acima sobre o atleta e cidadão Ayrton Senna, observamos o quanto o carisma e a influência do piloto pôde ser exercida nos tetracampeões mundiais e, certamente, como serviu de fator motivacional para a

⁵⁸ Cafu. Atleta profissional de futebol, tetracampeão mundial. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004.

⁵⁹ Leonardo. Entrevista concedida ao autor em 30/05/05.

⁶⁰ Raí. Entrevista concedida ao autor em 24/05/05.

⁶¹ Bebeto. Ex-atleta profissional de futebol, tetracampeão mundial. Entrevista concedida ao autor em 12/05/05.

⁶² Jorginho. Ex-atleta profissional de futebol, tetracampeão de futebol mundial. Entrevista concedida ao autor em 12/05/05.

implantação dos seus projetos sociais. Nos casos mais diretos, como a Fundação Gol de Letra, criada por Raí e Leonardo em 1998, o Instituto Ayrton Senna apoiou e orientou o desenvolvimento de seu programa básico de 6 a 14 anos. Os demais projetos não tiveram um apoio direto do Instituto, mas tomavam como base o seu modelo de desenvolvimento.

O que procuramos evidenciar é que a postura e a conduta de Ayrton Senna da Silva como um grande ídolo no cenário esportivo nacional e internacional, mas também como um cidadão brasileiro, serviu de parâmetro para as aspirações dos jogadores tetracampeões a acreditarem na possibilidade de criação de um projeto social. Num segundo momento, a própria existência do Instituto Ayrton Senna, sua missão e objetivos, era um estímulo para esses jogadores de que seria possível criar alguma ONG nos moldes e princípios estabelecidos por aquela entidade. Todos os jogadores de futebol citados apontaram como o maior desejo a possibilidade de realizar alguma ação para crianças, adolescentes e jovens. Para esses atletas, o modelo do Instituto Ayrton Senna despertava a atenção como um exemplo, pelo fato de ter sido construído tendo como base um ídolo do esporte e o foco em crianças e jovens. Alguns desses atletas profissionais de futebol, orgulhosos da conquista do mundial e com uma situação financeira em ascensão, reconheciam a necessidade e a importância de existir um projeto a médio e longo prazo que pudesse contribuir de alguma forma para uma sociedade mais equitativa, mais sustentável. Todos os projetos sociais instituídos pelos atletas profissionais de futebol analisados possuem como foco a ação educativa para crianças e jovens de comunidades populares, ou seja, exatamente o foco escolhido pela Fundação Gol de Letra [Raí e Leonardo], pela Fundação Cafu [Cafu] e pelo Instituto Bola Pra Frente [Jorginho e Bebeto].

2.5 – O mito do herói

Dias depois da morte do piloto Ayrton Senna, mais precisamente no dia 25 de maio de 1994, um avião DC – 10 com 41 integrantes, embarcou para os Estados Unidos com a delegação brasileira de futebol. Era o início dos treinamentos da seleção que foram realizados na Universidade de Santa Clara, na Califórnia. Durante três semanas, o Brasil realizou treinamentos para estreiar na Copa contra a Rússia. Naquele mundial, o Brasil

estaria repetindo as façanhas de 1958, 1962 e 1970, tornando-se o primeiro país a conquistar pela quarta vez um título de campeão mundial de futebol. Jogadores como Taffarel, Jorginho, Cafu, Aldair, Dunga, Raí, Bebeto, Leonardo, Zinho e Romário, seriam “coroados” no Brasil como “os heróis do tetra”.

É muito comum o brasileiro cultuar o ídolo e em muitos casos até usá-lo em referência de chacota. Foi assim com as amantes de D. Pedro I, o jeito dito atabalhoado de D. João, as manias do ‘rei’ Roberto Carlos, o discurso do ‘rei’ Pelé, o topete usado por Ronaldo ‘o fenômeno’, entre outros. Por outro lado, ainda com o bom humor ácido e voraz, parece que nascemos pré-destinados a cultuar o ídolo, a identificar ‘heróis’ em nossa sociedade. *“Infeliz o país que não tem heróis... Não. Infeliz o país que precisa de heróis”*, o trecho da montagem teatral ‘Vida de Galileu’, escrita por Bertold Brecht em 1938, já antecipava as possibilidades do convívio numa sociedade que corria o risco de não ter a autonomia necessária para constituir-se suficientemente, tendo que inevitavelmente buscar a figura de um líder, de um herói para solucionar seus problemas.⁶³

“Na época do *Movimento Diretas Já* eu jogava pelo Corinthians e recebi uma proposta para jogar no time da Fiorentina da Itália. Particpei do movimento ativamente e estava presente no palco montado no Vale do Anhangabaú, onde eu disse pra toda aquela multidão que estava lá: *“Se a emenda do Dante de Oliveira for aprovada e tivermos de fato eleições diretas no Brasil, recuso o convite para jogar na Itália, faço que nem D. Pedro: Diga ao povo que eu fico!”* Rapaz, a multidão veio abaixo, foi emocionante”⁶⁴

O relato do “doutor” Sócrates, atleta que defendeu a camisa da seleção brasileira e líder da democracia corintiana, identifica o potencial do ídolo, jogador de futebol, como um grande herói no imaginário popular. O Brasil naquele janeiro de 1984 lutava pela redemocratização e pelas eleições diretas. O cenário inicial era a Praça da Sé, centro da cidade de São Paulo. Os movimentos se espalhavam por todo país, mas a campanha das diretas somente conquistou as ruas depois do histórico comício de 25 de janeiro. Marcado para o dia do aniversário da cidade de São Paulo, o primeiro grande comício da campanha

⁶³ <http://www.mackenzie.com.br/universidade/psico/publicacao/revista2.1/art2>, acessado em 05/03/2005.

⁶⁴ Sócrates. Ex-atleta de futebol profissional. Entrevista concedida ao autor em Ribeirão Preto (SP) em 1º/03/2005.

por eleições diretas para presidente foi organizado pelo governador paulista Franco Montoro. Participaram também diversos partidos políticos de oposição, além de lideranças sindicais, civis e estudantis. A expectativa era das mais tensas e o governo militar tentava minar o impacto do evento. Num dia chuvoso, aos poucos a praça foi lotando e, no final, cerca de 300 mil pessoas gritavam por "Diretas já!" no centro da cidade. Além de políticos, também estiveram presentes artistas como Fernanda Montenegro, Gilberto Gil, Alceu Valença, Fafá de Belém e Chico Buarque de Holanda. No palanque, estavam o presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Ulisses Guimarães, o senador paulista pelo PMDB, Fernando Henrique Cardoso e o governador do Rio de Janeiro, o pedetista Leonel Brizola.⁶⁵

Com o sucesso do comício realizado em São Paulo, todos os governadores de oposição resolveram fazer o mesmo em seus estados, no que ficou comprovado o anseio popular. A partir de fevereiro, os comícios pelas eleições diretas foram se sucedendo nas principais capitais do país. No dia 16 de abril, pouco antes da votação das diretas, realizou-se um último comício em São Paulo. Só que desta vez, a Praça da Sé parecia muito pequena. Foi escolhido o vale do Anhangabaú, que recebeu uma multidão estimada em mais de 1,5 milhão de pessoas. Foi a maior manifestação política jamais vista no país. Ainda assim, a emenda Dante de Oliveira teve 298 votos a favor e 65 contra. Uma maioria insuficiente para passar, pois não atingiu os dois terços necessários para mudar a Constituição. Deu a lógica do poder e não das ruas. Dessa forma, sem eleições diretas para presidente da República, Sócrates, com o seu discurso “heróico” e com uma boa dose de humor, acabou indo jogar no futebol italiano. De qualquer forma, podemos identificar no depoimento o quanto a autoridade carismática do jogador é capaz de provocar inquietações no comportamento do grande público, mesmo em se tratando de questões políticas.

Em *A sociedade contra o social*, Renato Janine Ribeiro faz um paralelo entre o ex-presidente Fernando Collor de Mello e o piloto de automobilismo Ayrton Senna. Ao distinguir público e privado, o autor faz referência ao “terceiro setor” como uma terminologia “pós-moderna”, pois nesse sentido, diferentemente de uma pessoa provocar uma ação para o bem público a partir de uma instância pública, surge uma nova

⁶⁵ ABREU, Alzira, BELOCH, Israel, LAMARÃO, Sérgio, LATTMAN-WELTMAN, Fernando (orgs.). *Op.cit.*, vol.2, p.1879-1882.

possibilidade, quando então uma pessoa pode fazer uso da ação em caráter privado, porém, com fim público. Ou seja, iniciativas privadas que não possuem pretensão para lucrar, iniciativas de certa forma no plano público, que não são elaboradas por nenhum governo. Nesse caso, são cidadãos contribuindo de modo voluntário, espontâneo e natural com ações para o coletivo, o bem público.⁶⁶

Atualmente, em diferentes regiões, indivíduos buscam formas de atuação perante o coletivo e isso contribui para o desenvolvimento da solidariedade em diferentes cidades e países. Renato Janine Ribeiro destaca o espaço político para discutir a figura do homem público, num contexto específico ao piloto de automobilismo Ayrton Senna.

“(...) Senna aparecia como um modelo positivo, e os políticos como padrão negativo, do exercício efetivo do poder. As qualidades do campeão, em especial seu sucesso como fruto de uma dedicação ao trabalho, apareciam como aquelas que os homens públicos deveriam ter, e não tem (...)”⁶⁷

Consagrado como piloto campeão mundial, Ayrton Senna tornou-se um grande ídolo para o público brasileiro e estrangeiro. Suas conquistas no automobilismo contribuíram para frutificar outras vitórias que serviram para realizações no campo social desde o mês seguinte a sua morte, quando então nascia o Instituto Ayrton Senna.

“Iniciativas privadas que não visam ao lucro; iniciativas na esfera pública que não são feitas pelo Estado. Nem empresa, nem governo, mas sim cidadãos participando, de modo espontâneo e voluntário, em um semo

67

governamental – coexiste hoje, no interior de cada sociedade, com o setor público estatal e com o setor privado empresarial. (...)”⁶⁸

A descrição de Fernandes aponta para a confirmação de que indivíduos, caracterizados numa iniciativa privada, são capazes de gerar ações organizadas para um bem público. No caso do esporte, em particular, o futebol, essa possibilidade pode ser factível. Diferentemente do piloto de automobilismo Ayrton Senna, os jogadores de futebol citados ainda estão vivos. Certamente, o modelo do Instituto Ayrton Senna pode ter servido de uma motivação ainda maior para os atletas de futebol apostarem seu tempo nesta empreitada.

A determinação e o esforço por um ideal fizeram com que a trajetória de vida do piloto Ayrton Senna o tornasse um atleta de destaque em todos os países por onde passava, exibindo o seu talento excepcional a cada manobra realizada, fazendo com que o seu carisma ultrapassasse muito além das corridas. A impressão que dava é que a velocidade de Senna era motivada pela paixão pelo Brasil, pelo povo daquele país. A cada conquista nas pistas, Ayrton empunhava a bandeira do Brasil, orgulhoso de mais uma vitória. As conquistas de Ayrton no automobilismo e na vida se tornaram conquistas de um país. Com essa referência, foi criado o Instituto Ayrton Senna, uma organização não governamental sem fins lucrativos, que pudesse concretizar um sonho do piloto: um Brasil onde cada criança e jovem deveria ter o direito a uma oportunidade de vida. A criação do Instituto teria como objetivo dar continuidade na busca do ideal: o direito de viver uma sociedade justa, equitativa, o direito à esperança, de ter uma oportunidade de estudar, acesso à saúde, à cultura e ao trabalho.

“(...) Quando, ao cruzar a linha de chegada, Senna, vitorioso, levantava a bandeira brasileira, o orgulho nacional se erguia. Um orgulho tantas vezes obscurecido, diante de constatações como a vergonhosa concentração de terras, riquezas e oportunidades; a devastação do nosso patrimônio natural; o oportunismo cínico, a corrupção, a violência, a indiferença diante do assassinato de

⁶⁸ FERNANDES, Rubens. *Privado porém público: o terceiro setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.11.

crianças. A imagem vitoriosa de Ayrton assim se transforma na imagem de um país que dá certo (...)"⁶⁹

O que apresentamos como uma hipótese é que a trajetória bem-sucedida do piloto Ayrton Senna no esporte, a forma trágica como morreu, a comoção nacional com o seu falecimento e, mais adiante, a criação do Instituto que leva o seu nome, foram acontecimentos que juntamente com o cenário sócio-político brasileiro, serviram como motivação para que os atletas “Heróis de 94” despertassem o desejo de trabalhar por causas sociais. Mais que isso, o modelo organizacional do Instituto Ayrton Senna, ainda que não possua uma operação em formato de atendimento direto às crianças, adolescentes e jovens, foi reconhecido por esses jogadores como um parâmetro para a construção de outros modelos de intervenção social, na tentativa de realizar um programa de educação pelo esporte.

O modelo do Instituto Ayrton Senna em si pode não ter sido um padrão determinado para a aplicabilidade direta dos projetos, mas a iniciativa de se apropriar da imagem de um ídolo esportivo no Brasil, a utilização de suas redes de relacionamento em prol de causas sociais, despertaram atenção dos jogadores. Até então, não existia no Brasil um ídolo tão singular e com conduta e valores como de Ayrton Senna. O futebol cultuou grandes gênios nos gramados como Pelé, Garrincha, Sócrates, Zico, entre outros, mas numa época em que os ídolos esportivos não contavam com recursos tecnológicos avançados, capazes de construir os “heróis midiáticos”, fenômeno que ocorreu a partir dos anos 1990. Além do mais, existiam ações filantrópicas e pontuais, mas não existia a concepção de projetos sociais que pudessem funcionar de forma contínua, contribuindo para um bem público.

O presente trabalho procura estabelecer linhas e parâmetros de avaliação que comportem as iniciativas dos projetos que estão sendo desenvolvidas, sendo capaz de gerar a análise de uma leitura crítica a respeito. A leitura crítica do cenário permitirá uma reflexão futura, até como uma perspectiva propositiva, avaliando os possíveis caminhos para a percepção ampla do uso do futebol como um instrumento de transformação social.

⁶⁹ SENNA, Viviane. *Acreditando no Brasil luminoso - Relatório Anual de Atividades*. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 1999, p.9.

2.6 – “Heróis de Verdade”

Alexandre Carfer, 19 anos, Allan Pallarini, 16, Fabio Cruz, 17, Renato Miranda, 16 e Thiago Pallarini, 15 anos, são cinco jovens que nasceram e cresceram na comunidade de Vila Albertina, região do Tremembé, em São Paulo. Eles participam do projeto Formação de Agentes Comunitários (FAC), desenvolvido pela Fundação Gol de Letra, instituída pelos ex-jogadores de futebol Raí e Leonardo. Na Fundação Gol de Letra, esses jovens descobriram a história de sua comunidade e aprenderam a desenvolver instrumentos onde pudessem expressar seus ideais. E assim, Alexandre, Allan, Fabio, Renato e Thiago resolveram contar uma história, segundo eles, a história dos “heróis de verdade”. Eles estão produzindo um longa-metragem em homenagem ao ídolo Ayrton Senna, que por uma coincidência, assim como eles, também nasceu na região do Tremembé.⁷⁰

Os jovens já fizeram contato com o Instituto Ayrton Senna, apresentaram o clipe do filme para a Superintendente Margareth Goldenberg e para Viviane Senna, Diretora Executiva do Instituto. O que seria um sonho está caminhando para tornar-se uma realidade: o Instituto Ayrton Senna aprovou a idéia dos jovens e está buscando fonte de financiamento junto aos seus principais parceiros para que o filme possa ser produzido no ano de 2006, quando se comemora o aniversário de doze anos do Instituto Ayrton Senna.

Os jovens da Gol de Letra pouco viram das vitórias de Ayrton Senna nas pistas, nem sequer vibraram com os gols de Raí e Leonardo nos mundiais que o Brasil disputou, mas herdaram a imagem positiva do ídolo e o exemplo a ser seguido como cidadão, a de preservar valores como a ética, dignidade, solidariedade e fraternidade. E isso se torna uma questão fundamental para a formação que eles buscam, o ideal que compartilham.

O desafio em questão é a tentativa de provocar um debate mais amplo para que possamos compreender de que forma podemos trabalhar os ídolos esportivos para que sirvam de referência e exemplo no exercício da cidadania. De que forma o jogador de futebol pode disponibilizar de ferramentas que sejam, de fato, eficientes, no sentido de colaborar numa ampla transformação social. Não basta apenas o jogador de futebol famoso criar escolinhas de futebol. A metodologia das escolinhas já contribui para um processo de exclusão social, quando se torna necessário escolher ‘quem joga melhor’ e ‘quem joga

⁷⁰ RODRIGUES, Ernesto Carneiro. *Ayrton: o herói revelado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p.19.

pior'. Os melhores podem ser encaminhados para os clubes na tentativa de torná-los profissionais um dia, mas a grande maioria fica marginalizada, pois nem todos serão aproveitados. Frustração para a criança e também para a família, que deposita naquele projeto o grande sonho do filho de tornar-se um jogador de futebol bem-sucedido, atuando num grande clube brasileiro ou europeu.

A proposta deste trabalho é destacar a importância de práticas sócio-educativas desenvolvidas nos espaços populares, que possam fazer com que uma geração de crianças e jovens possa atuar com autonomia e que sejam protagonistas de mudanças em suas realidades. Os jovens da Fundação Gol de Letra, com o filme “Heróis de Verdade”, procuram desenvolver um ‘olhar’ próprio, um olhar autêntico e legítimo na comunidade em que moram, no cenário em que vivem. No filme, utilizando a linguagem do vídeo, eles contextualizam com o ídolo Ayrton Senna outras formas de culto ao herói. De que forma um menino dentro da favela pode ser também um herói, na medida em que também conquista muitas vitórias: ele vence um tiroteio do tráfico ao se esquivar de balas perdidas e vence quando consegue antecipar um temporal que pode fazer rolar uma pedra no teto do barraco, ou seja, esse menino também é um herói de verdade. E a construção do que comumente chamamos de ‘herói’ pode ter total ligação com um ídolo esportivo.

Nos próximos capítulos, faremos uma análise de três iniciativas desenvolvidas para a construção de projetos sociais que tiveram origem na ação de jogadores de futebol tetracampeões do mundo. Identificaremos a trajetória de cada um deles ao longo do processo e os elementos que caracterizam sua construção.

Capítulo 3 – Fundação Gol de Letra ⁷¹

3.1 – Processo histórico e análise da atuação

Filho de migrantes nordestinos, Raí Sampaio Vieira de Oliveira é o caçula de uma família de seis irmãos. Nascido em Ribeirão Preto, teve como ídolo no futebol o seu irmão mais velho, Sócrates, que atuou pelo Corinthians e pela Seleção Brasileira. Raí começou sua atuação profissional pelo Botafogo de Ribeirão Preto, depois atuou no São Paulo Futebol Clube, no Paris Saint Germain, da França, e na seleção brasileira, onde se sagrou tetracampeão mundial em 1994.

Leonardo Nascimento de Araújo, também caçula, só que de uma família de três irmãos, nasceu em Niterói (RJ), deu início a sua trajetória no futebol profissional no Flamengo em 1987, depois atuou no São Paulo Futebol Clube, no Valencia, da Espanha, no Kashima Antlers, do Japão, no Paris Saint Germain, da França e no AC Milan, da Itália. Também com passagens pela seleção brasileira, conquistou o título de tetracampeão mundial em 1994, ainda que uma infeliz cotovelada no adversário americano Tab Ramos, por pouco não prejudicou o título e a sua brilhante carreira. Foi também vice-campeão mundial em 1998.

Raí e Leonardo tornaram-se amigos ainda nos tempos de São Paulo, dirigidos pelo técnico Telê Santana no início dos anos 1990 (1993-1994). Conversavam sobre futebol, música, faziam planos e tinham muitos sonhos.

“A gente treinava no São Paulo, ali na Barra Funda,... e do lado do Centro de Treinamento tinha um rio que passava, tinha uma comunidade que morava ali ao entorno daquele rio, em condições muito ruins... Não tinha como a gente ver aquilo e não se incomodar, achar aquilo normal... Desde aquela época, já conversávamos muito sobre essas coisas... Pensávamos em fazer

⁷¹ **Identificação da entidade: Unidade São Paulo** - C.N.P.J: 02.820.605/0001-54 – Endereço: Rua Antonio Simplício, 170. Cep: 02354-290 – Vila Albertina - São Paulo – SP - Telefone: 0XX11 6262-2009 -. **Unidade Niterói – RJ** - C.N.P.J: 02.820.605/0002-35 - Endereço: Rua Scylla Souza Ribeiro, Lote 1 A – Quadra 40 - Cep: 24340-000 – Niterói – RJ - Telefone: 0XX21 2609-1155. Página eletrônica: www.goldeletra.org.br

alguma coisa juntos pelas crianças, mas não sabíamos exatamente o quê, como, de que forma...”⁷²

Foram companheiros também na seleção brasileira e anos mais tarde, voltaram a defender a camisa do mesmo time, quando Leonardo transferiu-se do Kashima Antlers para o PSG da França, em 1996. Eram dois brasileiros que conseguiram posicionar-se num dos principais centros do futebol europeu, moravam em Paris, desenvolveram o aprendizado para apreciar a boa gastronomia, bons vinhos e respirar muita cultura. Mas isso não era o suficiente.

“Me chamava a atenção quando eu morava na França o fato da minha filha estudar na mesma escola que a filha da empregada doméstica. Comecei a perceber melhor algumas questões ligadas não somente às crianças mas também ao processo de educar...”⁷³

Raí e Leonardo não compartilharam apenas as conquistas do futebol e o conforto financeiro por ele proporcionado. A amizade, nascida nos gramados, conseguiu ir além das quatro linhas e transformar o que era um simples sonho de amigos na realidade concreta de apoiar crianças e jovens de baixa renda. Como forma de contribuir com a mudança da realidade de crianças e adolescentes em situação de exclusão social, educacional e cultural, foi criada a Fundação Gol de Letra no dia 10 de dezembro de 1998, com a abertura da primeira unidade na comunidade de Vila Albertina, no bairro do Tremembé, em São Paulo.

A experiência bem-sucedida na capital paulista permitiu a abertura da segunda unidade em Niterói, no Rio de Janeiro, no dia 10 de setembro de 2001. A união desses elementos impulsionou o trabalho, gerando o reconhecimento da Organização das Nações Unidas pela Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como modelo mundial no apoio a crianças menos assistidas, por desenvolver uma ação que envolve a comunidade, reforça o papel da escola e aumenta a auto-estima de crianças e adolescentes.

Em seu planejamento estratégico anual, com participação dos seus diretores, gerentes, coordenadores e assistentes, a Fundação Gol de Letra estabelece como será sua

⁷² Leonardo. Entrevista concedida ao autor em 29/10/2004.

⁷³ Raí. Entrevista concedida ao autor em 10/09/2004.

forma de atuação. Em seu último encontro realizado em julho de 2004, a instituição redefiniu seus parâmetros de atuação da seguinte maneira:

Visão – “Ser reconhecida como organização que desenvolve e dissemina práticas que contribuem para a transformação social”.

Missão – “Contribuir para a formação educacional e cultural de crianças e jovens para que possam atuar com autonomia na transformação de suas realidades”.

Valores – Fraternidade, Solidariedade, Dignidade e Perseverança.⁷⁴

Baseada em uma estrutura organizacional com uma unidade de atendimento no bairro do Tremembé, em São Paulo, e outra no bairro de Itaipu, em Niterói, no Rio de Janeiro, a Fundação centra sua atuação nas seguintes ações:

- Oferta de oportunidades educativas;
- Estímulo ao exercício dos direitos e deveres constitucionais pelas crianças, adolescentes, famílias e comunidade;
- Mobilização de pessoas, organizações sociais governamentais e não-governamentais, instituições privadas, pais, educadores, professores e profissionais;
- Estabelecimento de parcerias com o poder público, famílias e outros grupos sociais organizados e;
- Qualificação por meio de estudos e trocas de experiências sobre o tema de sua missão institucional.

3.2 – Os programas desenvolvidos pela instituição:

Programa Virando o Jogo

Funcionando em São Paulo desde o início da Fundação, o Programa Virando o Jogo reúne crianças de 7 a 14 anos em atividades que visam ampliar o conhecimento e o contato com diversas expressões culturais. A proposta de complementação escolar é guiada por um

⁷⁴ Planejamento Estratégico da Fundação Gol de Letra, atualizado em julho de 2004.

tema central, que funciona como um elo de ligação pelo qual interligam-se as artes plásticas, a música, a informática, a leitura e a escrita e o esporte. O uso dessas linguagens apresenta às crianças novas formas de conhecer e reconhecer o mundo.

As 240 crianças do Programa Virando o Jogo freqüentam a Fundação no período complementar ao turno em que estudam nas escolas e buscam nesse espaço aprender de maneira prazerosa com os colegas, educadores e funcionários, nas atividades específicas de dança, música, biblioteca, brinquedoteca, artes visuais, videoteca, capoeira, informática, educação física e leitura e escrita.

“Nosso dia-a-dia com as crianças começa com uma boa roda de conversa, três atividades específicas, a hora do lanche e a escovação bucal. As crianças e adolescentes participam ao máximo das decisões sobre o que vamos pesquisar, aprender ou experimentar e é dessa forma que metodologia de projetos acontece dentro do Programa Virando o Jogo.”⁷⁵

Com duração variável, dependendo do que se busca conhecer e construir, o programa Virando o Jogo trabalha com temas norteadores que facilitam as propostas interdisciplinares, tornando possível o diálogo entre as atividades realizadas pelos educadores. A integração desses conhecimentos contribui, ainda, para a construção coletiva de valores estéticos, políticos e éticos, na perspectiva de desenvolvimento de aptidões para a vida social.

“Nossas crianças freqüentam escolas públicas da região e são oriundas de famílias que apresentam composição numerosa em relação à renda familiar e insuficientes condições de moradia”⁷⁶

O programa Virando o Jogo possui como objetivo desenvolver uma ação interdisciplinar na promoção do exercício de cidadania para crianças e adolescentes, que

⁷⁵ Mônica Zagallo – coordenadora pedagógica da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004.

⁷⁶ *Id., ibid.*

permita a ampliação de uma ação educacional, cultural e social desses indivíduos, por meio de atividades de imersão e experimentação nos universos dos esportes, das artes e de apoio à escolarização.

Para que esse objetivo possa ser alcançado, a Fundação Gol de Letra conta com a seguinte estrutura de funcionamento: as turmas são organizadas por faixa etária e nível de desenvolvimento de habilidades e competências, a partir de 12 grupos, sendo seis em cada turno (matutino de 7h30 às 11h30 e vespertino de 13h30 às 17h30), perfazendo 120 crianças e adolescentes por período, com atividades diárias de segunda a sexta-feira. O dia começa com uma roda de conversa que leva cerca de 20 minutos diários; as duas primeiras atividades diárias contam com 50 minutos de duração e em seguida é servido o lanche (15 minutos). Em seguida, acontece o momento de socialização, onde as crianças contam com recreação de livre escolha no espaço da unidade (45 minutos). A última atividade diária acontece em seguida num tempo de duração de 10 minutos.

Na roda de conversa, as crianças são recebidas num ambiente acolhedor para o início do período. Criadas em 2003, as rodas procuram estreitar os vínculos afetivos e proporcionar um espaço de diálogo para a criação de regras de convivência entre o próprio grupo e os educadores.

A grade de atividades diária conta com diversas linguagens, alinhadas em três áreas centrais: apoio à escolarização (informática, biblioteca, leitura e escrita), arte-educação (música, dança, brinquedoteca, capoeira e artes visuais) e educação física e esportes (futebol, atletismo, basquete, vôlei e handebol). Os espaços de biblioteca, brinquedoteca e jogoteca complementam as atividades e projetos de todas as atividades, principalmente, as ligadas à leitura e escrita e à socialização.

Em paralelo às atividades da grade, há um trabalho de ‘Saúde Bucal’ por meio de escovação de dentes que acontece diariamente logo após o lanche, como um processo educacional para a compreensão da importância da higiene bucal e do cuidado com a dentição.

No que diz respeito à socialização, trata-se de um espaço lúdico e recreativo onde as crianças e os adolescentes socializam momentos de lazer e aprendizado em espaços organizados diariamente, propondo atividades diversificadas. As atividades têm seus dias

determinados numa grade específica, permitindo que cada um escolha aquelas que mais deseja durante a semana.

Neste programa, são desenvolvidos diversos projetos que associam as várias linguagens (música, dança, leitura e escrita, informática) e propõe processos que promovem o desenvolvimento de um trabalho cooperativo, no qual os envolvidos têm papel também propositivo, tanto na fase de criação, quanto nos momentos de avaliação compartilhada entre educadores e crianças. Os produtos gerados pelo processo educacional como apresentações, livros ilustrados e fichários de jogos, são levados e compartilhados com os pais, comunidade e escolas da região. No ano de 2004 e 2005, o Programa Virando o Jogo contou com alguns projetos realizados ao longo das práticas sócio-pedagógicas. O projeto “Mudança”, por exemplo, foi idealizado para associar as atividades de dança e música, proporcionando linguagens de muita receptividade entre as crianças. O tema desenvolvido nos últimos anos foi o meio ambiente e contou com a criação de instrumentos de sucata e a produção de uma apresentação das crianças e adolescentes envolvidos. Já o “Nossas Histórias”, é um projeto interdisciplinar desenvolvido entre as áreas de leitura e escrita e artes plásticas, que teve como objetivo desenvolver as competências para as práticas de leitura, de escrita e da oralidade, mobilizando diferentes técnicas de artes plásticas na ilustração de enredos e personagens. Intitulado “Jogos do Mundo Todo”, este projeto foi desenhado para envolver todas as turmas do Programa Virando o Jogo e as aulas de educação física, capoeira e informática. O principal objetivo do projeto foi aperfeiçoar o processo educativo de crianças e jovens nas práticas de jogos e brincadeiras infanto-juvenis. O produto dessa união entre as áreas é um *Fichário de Jogos*, com dicas de como jogar, regras e desenhos ilustrados do jogo com os recursos da informática.

“Frente à realidade complexa que vivem as crianças e adolescentes em nosso país, é preciso definir um marco de abordagem dos problemas e demandas estabelecidos. A questão da instrumentalização para o desenvolvimento das habilidades e capacidades básicas é o ponto de partida mais natural. O processo de desestruturação das redes públicas de ensino seja do ponto de vista físico, seja pedagógico ou mesmo operacional, leva-nos a enxergar claramente a necessidade de dialogar com esses espaços formais de ensino. Mais do que isso, requer intervenções diretas, sempre no sentido de fortalecer a centralidade da

escola no processo de formação social, e nunca a tentativa de substituí-la. A má qualidade do ensino público - somam-se muitas questões específicas e prioritárias. Algumas delas, como a defasagem idade-série e o índice crescente de alunos com idades avançadas que evoluem nos estágios e séries escolares sem mesmo terem sido alfabetizados, tornam-se focos de atenção para o Programa Virando o Jogo.

Uma ação ampla e complexa no sentido da ampliação e do fortalecimento do repertório escolar, cultural e social de crianças e adolescentes não pode replicar o desencontro das ações isoladas. Por isso o Programa Virando o Jogo vem desenvolvendo uma articulação com as famílias, as escolas e parceiros locais por meio da área social da instituição. ”⁷⁷

Ainda dentro do Programa Virando o Jogo, observamos o desenvolvimento de alguns projetos especiais que surgiram por conta de algumas oportunidades e que funcionam de forma complementar. Destaca-se o ‘Projeto Videoteca’, que acontece com o apoio do Canal Futura, que realiza com os mediadores uma capacitação específica para a manutenção de uma videoteca e otimização da utilização dos programas educativos deste canal televisivo. O ‘Projeto Formar – Marcenaria’, em parceria com a empresa Leroy Merlin, iniciado em agosto de 2003, constitui-se em uma oficina de marcenaria oferecida para jovens a partir de 14 anos e tem como objetivo ampliar o repertório dos jovens no desenvolvimento das artes manuais com madeira, despertando a criatividade e concentração como também a utilização correta do maquinário comum de uma oficina de marcenaria.

Além disso, observamos algumas parcerias institucionais responsáveis por alguns resultados como a da Fundação Abrinq, na participação na *Rede Nossas Crianças*, *Mudando a História* e *Aprender.com* – capacitação de jovens em informática, além do *Projeto Arrastão*, que consiste na troca de experiências na área de música e coleta seletiva de lixo.

O Programa Virando o Jogo conta também com algumas atividades especiais como as saídas para eventos, que são complementares ao processo educativo cotidiano. Em geral, são realizadas cerca de duas atividades especiais por mês, envolvendo espetáculos de teatro,

⁷⁷ Mônica Zagallo. Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004.

eventos artísticos, visitas a exposições e museus de artes relacionados ao projeto educativo em artes visuais, eventos internos como campeonatos, aniversariantes do mês e outras datas comemorativas.⁷⁸

Formação de Agentes Comunitários – FAC

O Programa Formação de Agentes Comunitários (FAC) teve seu início com jovens da unidade paulista. A proposta nasceu a partir da concepção de um projeto chamado ‘A Cara da Vila’, que reuniu os adolescentes no resgate da história da comunidade da Vila Albertina. Em núcleos de teatro, música, vídeo, jornal e fotografia, os jovens transformaram suas descobertas em ritmos, imagens e poesias.

Para ampliar essa prática e estimular a atuação autônoma dos jovens, a Fundação Gol de Letra criou o FAC. Em oficinas de música, teatro e comunicação, os participantes partem do conhecimento da história local para a experimentação de diversas formas de expressão cultural na busca de soluções para os problemas locais e o exercício da cidadania.

“O Programa FAC, sigla que denominamos como Formação de Agentes Comunitários é decorrência do Programa Virando o Jogo e atende cerca de 200 jovens , entre 15 e 21 anos, com o objetivo de contribuir com a formação de jovens, por meio de aprendizagens de comunicação e de desenvolvimento sócio-político e cultural, para que eles possam, frente aos problemas da realidade à sua volta, construir uma visão crítica sobre o seu cotidiano social e cultural... que lhes permita propor ações de intervenção direta ou indireta onde eles moram, onde vivem... contribuindo assim para transformações qualitativas em sua comunidade, em particular e na sociedade.”⁷⁹

⁷⁸ Mônica Zagallo. Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004.

⁷⁹ *Ibidem.*

O trabalho desenvolvido com o foco no agente comunitário estimula os jovens a atuarem como multiplicadores de conhecimentos em suas escolas e espaços educativos da comunidade em que vivem, realizando apresentações, exposições, aulas abertas e eventos culturais.

Síntese dos indicadores de resultados de impacto social no ano de 2004:⁸⁰

1. Jovens mais motivados e autônomos em relação às atividades socioculturais: apreciação de espetáculos artísticos e exposições, eventos esportivos. Média anual de 50 atividades de complementação educacional e cultural;
2. Jovens competentes para ouvir, discutir e refletir sobre temas sociais e mais interessados em dar continuidade à atividade de formação pessoais e profissionais, escolares e outras;
3. Aumento do número de intervenções, apresentações e exposições externas e na comunidade, cerca de 30 por ano;
4. Seis projetos de intervenção na comunidade elaborados e executados por jovens do FAC: música, teatro, vídeo, capoeira, dança e fotografia;
5. Vinte e três jovens envolvidos na comissão do FAC e responsáveis pela Formação Comum e pelas ações de mobilização na comunidade: fóruns, palestras e saraus temáticos;
6. Cinquenta jovens com inserção em propostas remuneradas e contínuas, acompanhadas pela Fundação Gol de Letra: Projeto Jovem Aprendiz Banco do Brasil, Mostra BR de Cinema, Monitoria em espaço infantil Novotel e Instituto Criar de TV e Cinema.

⁸⁰ Relatório Área Pedagógica, 2004.

7. Treze jovens participantes de eventos ligados às discussões de Políticas Públicas para Juventude.

FAC ESPORTES – JOVENS DE 15 A 21 ANOS

Realizando um antigo desejo, a unidade São Paulo iniciou em setembro de 2004 o programa FAC Esportes, com o propósito de incluir a temática do esporte e do lazer, ampliando assim a abrangência do programa, que já contempla as áreas de artes e de comunicação. No entanto, alguns aspectos específicos relacionados à infra-estrutura de suas instalações tornaram necessário que se projetasse uma forma de organização um pouco diferenciada dos demais núcleos do FAC. São eles:

- a impossibilidade de compor a utilização de quadras e salas com a intensidade desejada, com o atendimento do programa Virando o Jogo;
- a possibilidade de oferecer em um novo local, condições de formação e lazer para atingir um número maior de usuários, na comunidade da Vila Albertina.

Neste sentido, a constituição de um trabalho em parceria com uma empresa privada (Nike), ONGs (Fundação Gol de Letra e PROMOVE) e o poder público (Prefeitura de São Paulo) permitiu equacionar os aspectos apontados acima, ampliando o desenvolvimento do programa e, por consequência, aumentando o alcance da ação aos jovens em formação e usuários.

“Com essa iniciativa, foi possível criar condições para que o processo educativo das práticas de Educação Física e de Esportes, vivenciado pelas crianças e jovens que participam do Programa Virando o Jogo, tivesse continuidade, incorporando inclusive outros grupos da comunidade que não tiveram acesso a esse programa.”⁸¹

⁸¹ Sóstenes Oliveira - diretor geral da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004.

A utilização da experiência acumulada pelos programas desenvolvidos pela Fundação Gol de Letra e as relações de convivência já estabelecidas com a comunidade da Vila Albertina, junto a outras entidades, fortaleceu a criação e o desenvolvimento de uma política de atuação em rede em prol das crianças e dos jovens desta população.

Biblioteca Comunitária

Funcionando na unidade paulistana, com um acervo de sete mil livros, cds, vídeos, jornais diários e revistas semanais, a Biblioteca Comunitária atende a crianças do programa Virando o Jogo. Reunidas em atividades de mediação de leitura – realizadas pelos adolescentes da comunidade, formados pelo programa Mudando a História, da Fundação Abrinq – as crianças descobrem o prazer da leitura.

Programa de Formação de Mediadores de Biblioteca e Brinquedoteca – Ação Complementar ao Virando o Jogo:

A área de leitura e escrita, pela sua importância e relação direta com aprendizagens adquiridas na escola, conta, além da proposta de complementação realizada no Virando o Jogo, com a Biblioteca Comunitária (aberta à comunidade local) e com o Programa de Formação de Mediadores de Biblioteca e Brinquedoteca.

O Programa de Formação de Mediadores de Biblioteca e Brinquedoteca, em 4 anos de atuação com jovens de 15 a 21 anos, apresenta uma proposta de formação de 2 anos e resultados significativos, principalmente no que diz respeito a capacidade de multiplicar conhecimentos dos jovens

Neste programa, segundo a coordenadora pedagógica Mônica Zagallo, os jovens mediadores demonstram:

- maior capacidade de desenvolver com autonomia as atividades de biblioteca e brinquedoteca;
- interesse pela formação de mediadores tanto na formação semanal, como na formação específica de acervo de biblioteca, criação de jogos e brinquedos;

- realizam atividades de *Contação e Mediação de Histórias* em outros espaços públicos da comunidade;

- cada vez mais capazes de multiplicar conhecimentos, realizando mediações de leitura nas escolas da região.

Proposta Educacional desenvolvida na Biblioteca e Brinquedoteca:

BRINQUEDOTECA: O trabalho desenvolvido na brinquedoteca envolve atividades livres, onde as crianças escolhem o que querem fazer, ou melhor, do que querem brincar. Também são realizadas atividades propostas como: apresentação de um jogo novo, pintura no rosto, brincadeiras na área externa (barra-manteiga, corre-cotia,...).

BIBLIOTECA: No trabalho desenvolvido na biblioteca, os mediadores precisam ler, selecionar histórias e textos para cada turma, realizam planejamento orientado pela professora formadora e decidem quem irá conduzir a aula ou a mediação do dia ou de cada turma.

Programa Dois Toques

O Programa Dois Toques foi implantado pela Fundação Gol de Letra na unidade de Niterói no mês de setembro do ano de 2001. Esta ação proporciona a crianças e adolescentes um programa de formação integral e integrado, em período complementar ao da escola, que os instrumentalize para a criação e usufruto dos conhecimentos das áreas de esporte e educação física, música, dança, informática e língua e literatura portuguesa. A utilização de uma metodologia por projetos de trabalho busca garantir a motivação e o envolvimento do público alvo.

Nesse sentido, as atividades propostas estão estruturadas em 4 projetos interdisciplinares: Nossas Histórias (Leitura e Escrita), Mudança (Dança e Música), Jogos do Mundo Todo (Educação Física, Esporte e Capoeira) e Convivendo com a Informática (Informática).

Inaugurada no dia 10 de setembro de 2001, a unidade Niterói reúne 300 crianças no Programa Dois Toques, que alinha sua pedagogia à cultura corporal e de movimento. Utilizando linguagens como a dança, a música, as aulas de educação física, a literatura e a língua portuguesa, os alunos partem do conhecimento de suas realidades, ou seja, de seu repertório e evoluem, gradativamente, até entrarem em contato com diferentes manifestações da nossa cultura.

As atividades são realizadas em horário complementar à escola e acontecem em oficinas temáticas, que valorizam a associação do diálogo à expressão corporal, desenvolvendo assim o repertório gestual, expressivo, crítico e social das crianças. A dinâmica desse processo é determinada pelo grupo, respeitando sempre as diferenças de cada participante, facilitando a inclusão de todos em uma conquista coletiva.

“Bem, o Estatuto da Criança e do Adolescente, ele dispõe sobre a proteção integral à população infanto-juvenil, especificando seus direitos fundamentais: o direito à vida e à saúde, à moradia, ao respeito e à dignidade, à convivência familiar e comunitária, também à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, à profissionalização e à proteção no trabalho. Ele também prevê que a sua implementação depende de um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais. E, felizmente, nos últimos anos têm crescido as iniciativas voltadas para o atendimento a crianças e adolescentes e para o desenvolvimento de experiências positivas que valorizam a criatividade, a iniciativa e a expressão.

No entanto, essas ações ainda são isoladas e desdobram-se para a busca de investimentos técnicos, financeiros e de padrões de referências e de orientação para uma proposta de qualidade que atenda as necessidades de aprendizagem e sociabilidade da população infanto-juvenil. Pesquisas e diagnósticos da violência urbana brasileira têm desmistificado a relação pobreza/crime.

O crime, como comprovam esses estudos, está vinculado, dentre outras, à situação de exclusão, à fragilidade das relações integradoras, à baixa estima, à condição familiar, as dificuldades da escola, dos centros de saúde e comunitários, à insuficiência de espaços para lazer.”⁸²

⁸² Wilson Costa – gerente pedagógico da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 15/12/2004.

Em Niterói, o crescimento populacional mais intenso ocorreu nas regiões das praias oceânicas, cuja ocupação está intimamente relacionada com o deslocamento de indivíduos das classes média e média alta, atraídos pela qualidade de vida e paisagem locais. Os bairros de Itacoatiara, Camboinhas e Itaipu são caracterizados por uma população de rendimento médio e alto. Por outro lado, bairros como Cafubá, Engenho do Mato e Jacaré apresentam predomínio de população de baixa renda. Um processo de análise situacional no município, utilizando fontes de dados do IBGE (censo 1996) e informações fornecidas pelas Secretarias Municipais de Ciência e Tecnologia e da Região Oceânica, forneceu as informações de base para a modalidade de atendimento que a Fundação Gol de Letra instalou nesta região. Constatou-se que é na região dos bairros Engenho do Mato, Itaipu e Piratininga que se concentram as famílias residentes em condições precárias, que o índice de alfabetização da população com mais de cinco anos é 6% abaixo da média do Estado do Rio de Janeiro e que 40% da população têm uma renda familiar média de 0 a 3 salários mínimos.

Objetivo Geral

Implementar um programa de formação integral e integrada para 200 crianças e adolescentes da Região Oceânica do Município de Niterói, visando sua instrumentalização para a experimentação e o usufruto dos jogos, dos esportes, da dança, da música, da informática e da língua e literatura portuguesa, biblioteca e brinquedoteca e para a integração com os pais e famílias, em benefício do exercício da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

Objetivos Específicos

1. Favorecer o desenvolvimento de habilidades corporais e a participação em atividades de jogos e esportes, com finalidades competitivas e recreativas, e de dança;
2. Desenvolver uma atitude autônoma de realização e análise do fazer musical a níveis cada vez mais complexos e significativos;

3. Incentivar o gosto e o interesse pela língua portuguesa falada e escrita e por sua literatura;
4. Promover a construção conjunta e a troca de conhecimentos, experiências e projetos entre os alunos, pais e as famílias das comunidades atendidas;
5. Aproximar da informática como ferramenta de comunicação, busca de informação e estímulo para a auto-expressão criativa;
6. Incentivar o desenvolvimento da auto-estima, de potencialidades individuais, da sociabilidade e de uma atitude crítica e questionadora, através da participação ativa em projetos interdisciplinares.

Metodologia Empregada e forma de acolhimento:

A metodologia utilizada para as situações de ensino e aprendizagem dentro do Programa Dois Toques envolve o desenvolvimento de projetos que possibilitam a participação ativa das crianças e jovens na interação com seus educadores. Com duração variável, dependendo do que se busca conhecer e construir, um projeto conta em seu desenvolvimento com eventos de maior mobilização como festas, mostras e apresentações, que tem como propósito potencializar o envolvimento e a divulgação dos conteúdos aprendidos. Caracterizam-se, ainda, pelo respeito aos valores estéticos, políticos e éticos, na perspectiva de desenvolvimento de aptidões para a vida social. Esta metodologia é adotada tanto nos projetos desenvolvidos pelas áreas específicas de educação física, dança, música, informática e língua portuguesa, com os grupos divididos por faixa etária, como nos projetos interdisciplinares e estruturados segundo os interesses dos alunos. Desta forma, esta metodologia contribui para o desenvolvimento da iniciativa, criatividade, diagnóstico de situações, integração, tomada de decisões e comunicação interpessoal.

Uma estratégia utilizada para atuação junto à comunidade e às famílias atendidas é o estímulo freqüente à participação ativa, na forma de comissões de apoio para a realização de eventos, e à postura parceira no desenvolvimento de todas as ações no que se refere ao planejamento, execução e avaliação do processo institucional.

São também previstas ações de formação e capacitação dos educadores, complementares às ações de mobilização de pais e responsáveis sobre os diversos aspectos discutidos pelo Programa Dois Toques, principalmente os que dizem respeito aos direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente.

As crianças estão organizadas por faixas etárias em três dias alternados, sendo 100 no período da manhã (7.30h às 11.30h) e 100 no período da tarde (13.30h às 17.30h), de 2ª a 6ª feira.

Avaliação de processo ou processual

No contexto do projeto, a avaliação busca verificar a capacidade do aluno de, no enfrentamento de situações concretas, mobilizar e articular com autonomia, habilidades e procedimentos para a utilização social dos conhecimentos construídos ao longo do processo de ensino-aprendizagem proporcionado pelas atividades do programa.

Com esse objetivo, o programa combina 4 modalidades avaliativas:

Avaliação diagnóstica inicial – permite detectar os atributos que os alunos já possuem e utilizá-los para a estruturação do processo de ensino-aprendizagem;

Avaliação processual – permite identificar o ritmo de evolução dos alunos no processo de ensino-aprendizagem;

Avaliação de resultados – se apresenta como um processo de síntese das atividades oferecidas, permitindo reconhecer se os participantes alcançaram os resultados esperados, adquiriram os conhecimentos e destrezas e habilidades propostas, em função das situações de ensino e aprendizagem planejadas.

As informações são adquiridas por meio de observação, controle de frequência, relatórios e reunião com educadores, entrevistas individuais e coletivas com as crianças, adolescentes, educadores, pais e famílias.

Programa Social

A Fundação Gol de Letra também possui um Programa Social, com ações que procuram contemplar as práticas pedagógicas, mas que também tenha o foco na família e nas comunidades. Dessa forma, cada unidade conta com uma estrutura de coordenação social que tem como missão específica buscar a mobilização dos vários atores sociais (Família, Comunidades, Escolas) para atuar em parceria nos projetos e programas da instituição.

“Entendemos que é impossível desenvolver um projeto sócio educativo com as crianças se não envolvermos os diversos segmentos que compõem seu universo social e que contribuem fundamentalmente para o resgate de sua auto-estima, de seus valores, sua identidade e referências. Norteia nossa ação o conceito de que os indivíduos são cidadãos e sujeitos históricos do processo de transformação de sua realidade, condicionada por processos sociais, econômicos, políticos e culturais mais amplos. Portanto temos o cuidado de não atuar através de práticas assistencialistas que reforçam a condição de dependência”⁸³

O desenvolvimento de ações protagonistas está presente na prática social da Fundação Gol de Letra, e por isso a comunidade é envolvida na proposição, planejamento, execução e avaliação dos projetos e atividades.

Constituem-se como objetivos da Área Social da instituição:

- Atender as famílias das crianças e adolescentes beneficiados pelos programas da Fundação Gol de Letra, buscando o reconhecimento da problemática social apresentada, suas demandas e os encaminhamentos para a rede de serviços sociais;
- Buscar a mobilização dos vários atores sociais, em especial da escola, para atuar em parceria nos projetos e programas da Fundação;
- Participar de Redes Regionais e Temáticas a fim de contribuir para o fomento e fortalecimento de programas e projetos governamentais e não governamentais.

⁸³ Alessandra de Muros – coordenadora social da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005.

Constituem-se como principais atribuições da Área Social da Fundação Gol de Letra:

- Identificar necessidades na comunidade, propor, implementar, avaliar e sistematizar ações de articulação e mobilização;
- Promover atendimento à família, bem como ações de caráter educativo;
- Atendimento às famílias atendidas pela Fundação, realizando os encaminhamentos aos serviços sociais e comunitários;
- Participar no desenvolvimento de redes, representando institucionalmente a Fundação;
- Coordenar ações de parcerias relacionadas à saúde;
- Coordenar e Supervisionar grupos de desenvolvimento local (Agentes Sociais e Grupo de voluntários da área);
- Supervisionar estagiários, voluntários e assistente da Coordenação Social.⁸⁴

Projeto Família

No Programa Social da Fundação Gol de Letra, encontra-se o eixo família como um importante componente no sucesso do projeto. São nas unidades familiares que a ação desenvolvida com as crianças e os jovens pode ser validada. Isoladamente, sem a participação da família, a ação do projeto torna-se ineficaz.

“Cada família tem estruturas determinadas de poder, uma forma de se comunicar, uma estratégia específica de resolver seus problemas, uma determinada maneira de responder às

⁸⁴ Fundação Gol de Letra. Relatório Área Social, 2004.

necessidades afetivas de seus membros, uma forma de lidar com conflitos, perdas e mudanças.”⁸⁵

De certa forma, as famílias recebem e emitem constantemente mensagens para o meio extra-familiar e se adaptam sempre às diferentes demandas dos estágios de desenvolvimento da vida. Cada família desenvolve uma forma particular de sua convivência e a relação com a criança é fundamental no processo. Dentre as principais funções que a família possui, observamos:

- Responder as necessidades básicas de sobrevivência (como comida e abrigo) e a proteção a perigos externos;
- Produzir cuidados e proteção que proporcionem a aprendizagem de afetos, a produção de identidades e vínculos de pertencimento;
- Esclarecer os diversos papéis e responsabilidades sociais;
- Cultivar a aprendizagem, o apoio à criatividade e a iniciativa individual.

Objetivos gerais:

- Contribuir para o fortalecimento dos grupos familiares a fim de que busquem o exercício da cidadania e o bem-estar dos seus membros;
- Contribuir para a integração e participação dos grupos familiares no processo educativo desenvolvido pela Fundação Gol de Letra e escola.

⁸⁵ Alessandra de Muros – coordenadora social da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005.

PROCESSO OPERACIONAL: ATENDIMENTOS E ENCAMINHAMENTOS ⁸⁶

| PROCESSO | AÇÕES | OBJETIVOS | RESULTADOS ESPERADOS |
|---|---|--|---|
| a) 1º Contato com a família | Demanda por vaga. Inscrição Cadastro de Espera. Orientações quanto à seleção. | -Informar e esclarecer para a comunidade local o processo de seleção e critérios adotados pela Fundação para ingresso de novos alunos. | -Comunidade sentindo-se respeitada e reconhecendo a transparência na relação. |
| b) Seleção | Entrevista e Visita Domiciliar. | -Conhecer a realidade sócio-econômica da família; -Selecionar os alunos baseados nos critérios existentes. | -Atender ao público a que a Fundação se propõe. |
| c) atendimentos ao aluno e à família | Atender aos casos referentes à situações do aluno em seu contexto relacional e social, abordando a família sempre que necessário. | -Comprometer os sujeitos no enfrentamento e na resolução das situações apresentadas. -Trazer o esclarecimento sobre as políticas públicas/privadas existentes. | -Famílias conscientes de como se processam suas relações familiares e as causas das situações apresentadas; -Famílias atuando autonomamente na resolução de seus conflitos. |
| d) Acompanhamento Familiar | Realizar visitas domiciliares, para tomar ciência da realidade da família, entender seu contexto social e criar vínculos na relação. A abordagem é realizada para casos complexos, após acompanhamento escolar e para emissão de relatórios e pareceres. | - Conhecer melhor o contexto sócio-econômico das famílias a fim de ter maiores informações para atendimentos e encaminhamentos, emissão de relatórios e pareceres; - Incentivar as famílias para que participem da vida escolar de seus filhos. | -Acompanhamento das mudanças operadas no cotidiano das famílias; -Famílias mais envolvidas na vida escolar dos filhos. |
| e) Escola de Pais | Estratégia sócio-educativa que parte de conceitos e práticas coletivamente construídas. | - Oportunizar vivências, discussões e reflexões sobre o cotidiano da família e aspectos da vida social, que possam contribuir para dinâmica familiar; - Esclarecer e divulgar serviços para enfrentamento das questões sociais presentes no âmbito familiar; - Incentivar a participação das famílias em ações de mobilização comunitária e | -Famílias participando das reuniões de pais, das ações de mobilização e da vida escolar do filho; -Ampliação do conhecimento das famílias sobre direitos, políticas públicas e serviços comunitários; -Famílias refletindo sobre seus conceitos e práticas educacionais; -Mudanças operadas no cotidiano da família. |

⁸⁶ Fundação Gol de Letra. Relatório Área Social, 2004.

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | no conhecimento dos seus direitos; - Incentivar a participação das famílias nos processos de aprendizagem na Fundação Gol de Letra e na escola. | |
|--|--|--|--|

Critérios de Seleção e Desligamento de Alunos dos Programas de Ação Complementar e FAC.

Critérios para seleção:

- Ação Complementar: Crianças e adolescentes na faixa etária entre 6 a 13 anos
- FAC Esporte: Usuários: Adolescentes 13 a 16 anos – Agentes: Jovens de 15 a 18 anos
- FAC Comunicação: Jovens de 15 a 21 anos
- Crianças e adolescentes com alguma referência familiar;
- Famílias com renda per capita de em média R\$120,00;
- Condição de Risco Social;
- Crianças e adolescentes que residam no entorno da Fundação (no caso de Niterói, que tenham condição de acessar nosso ônibus);
- Crianças e adolescentes que estejam estudando ou em vias de ingresso na rede regular de ensino.

Observações:

- Todo processo seletivo se dá mediante entrevista inicial e posterior visita domiciliar;
- Não se selecionam crianças com 14 anos, pois é considerado que o tempo mínimo de permanência na Fundação é de 1 ano;
- Os funcionários operacionais e motoristas possuem como benefício a garantia de vaga para seus filhos. Os filhos dos demais funcionários passam pelos critérios acima citados;

- As famílias que possuem filhos na Fundação passam pelos critérios já citados em caso de participação na seleção.

Critérios de desligamento:

- Ação complementar: idade limite – 14 anos (sairá no ano em que completar esta idade);
- FAC: ao término de dois anos do Programa;
- Mudança da família para locais que impossibilitem o acesso à Fundação;
- No caso em que as famílias não responderem pelos seus filhos;
- Índice inferior a 75% de presença nas reuniões de pais (não justificada);
- Crianças que faltarem à Fundação por mais de 15 dias consecutivos sem justificativa;

Observações:

- Os critérios acima são aplicados após avaliação e abordagens da Coordenação Social e Pedagógica;
- Os alunos que por alguma razão forem desligados da escola são encaminhados ao Conselho Tutelar que providenciará seu retorno à rede regular de ensino.

Projeto Comunidade

Outro eixo de ação do Programa Social da Fundação Gol de Letra é o projeto focado nas comunidades. Na visão da entidade, a ação comunitária é uma forma de cooperação que tem como objetivo a superação de barreiras que impedem o desenvolvimento do homem enquanto ser coletivo. Ela se revela num instrumental que se caracteriza pela identificação de problemas, interesses ou preocupações de ordem comum, e pela organização para se pensar em comum as decisões sobre os mesmos e pelo desempenho das ações decididas.

“Há uma diferença entre ação comunitária como processo técnico-metodológico e ação comunitária como processo social espontâneo. A Ação comunitária como processo espontâneo é resultante do esforço cooperativo de uma comunidade que toma consciência de seus próprios problemas e se organiza para resolvê-los por si mesma, desenvolvendo seus próprios recursos e potencialidades, com a colaboração das entidades existentes. Diferentemente, a ação comunitária enquanto processo técnico-metodológico, também conhecida como ação social, está ligada às formas de assistência que muitas instituições assumem em função daqueles indivíduos que, devido a obstáculos de idade, ou enfermidade física, mental ou social não conseguem usufruir dos “bens” necessários à existência.”⁸⁷

Nesse sentido, a Fundação Gol de Letra pretende sempre desenvolver ações técnico-metodológicas que possibilitem a construção de uma consciência crítica por parte da comunidade que gere ações de desenvolvimento local dos atores sociais que nela vivem. Além disso, é importante também ressaltar a proposta de apoiar as ações já existentes

– AÇÃO MOBILIZADORA ⁸⁸

| | AÇÕES | OBJETIVOS | RESULTADOS ESPERADOS |
|--|--|--|--|
| Gols de Cidadania | Os Gols de Cidadania são eventos marcados por datas representativas, pautados em assuntos de relevância social e de caráter sócio-educativo. São abertos a toda população direta ou indiretamente envolvida nas ações da Fundação. | -Mobilizar a comunidade local (alunos, familiares, funcionários, parceiros e voluntários) no intuito de pensar e discutir temáticas de cunho social; -Possibilitar o acesso a serviços de acordo com a proposta do encontro. | -Participantes mobilizados e sensibilizados quanto ao tema. |
| Fórum de Escolas | Espaço de aproximação das escolas frequentadas pelos alunos dos programas oferecidos pela Fundação, com o objetivo da busca de complementaridade no processo de formação educacional e troca de experiências no processo didático e sócio-educativo. | - Promover a troca de experiências educativas e sociais entre escola e fundação. | -Corpo docente da escola compreendendo os processos educacionais da Fundação; -Fundação participando mais da organização escolar; -Ações sócio-educativas realizadas em parceria com a escola. |
| Gol de Letra na comunidade (RJ) | Possibilitar acesso à práticas esportivas, de lazer, saúde e cultura para a comunidade. | - Criar espaços para exercício de direitos sociais previstos para crianças e adolescentes; -Envolver a escola no desenvolvimento de ações educativas que envolvam a comunidade local; -Sensibilizar parceiros para engajamento na garantia de direitos; -Criar espaços para formação e atuação de agentes comunitários, mediadores e monitores. | -Monitores, mediadores e agentes comunitários conduzindo as ações planejadas; -Participantes mobilizados e sensibilizados quanto ao tema; - Participantes com universo cultural ampliado e diversificado; - Número de parceiros mobilizados na intervenção. |

⁸⁸ Fundação Gol de Letra. Relatório Área Social, 2004.

| | | | |
|-------------------------------------|---|--|--|
| Acompanha- mento Escolar | Processo que visa levantar as relações que o aluno dos programas de ação complementar estabelece no ambiente escolar e seu desempenho, a fim de mobilizar a família no acompanhamento das atividades. | -Conhecer o desempenho escolar dos alunos a fim de identificar potenciais campos de atuação; - Munir a equipe pedagógica com informações sobre a vida escolar do aluno; - Compartilhar com a família informações sobre a vida escolar dos alunos, incentivando sua participação. | - Educadores informados sobre a vida escolar dos alunos, a fim de aprimorar suas práticas pedagógicas; -Famílias acompanhando a vida escolar dos alunos |
| Lazer aos sábados – SP | SP | SP | SP |

- AÇÃO EM REDE E PARCERIAS

A ação de parcerias em “redes” tem sido uma tendência na maioria dos projetos sociais em comunidades. As redes sociais são constituídas como sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de objetivos e temáticas comuns. As redes se estabelecem por relações “horizontais”, interconexas e em dinâmicas que supõem o trabalho colaborativo e participativo. As redes se sustentam pela vontade e afinidade de seus integrantes, de forma solidária, em benefício de uma ou mais comunidades.

Objetivos gerais:

Participar das diversas redes existentes (por área de atuação ou por região) assim como buscar parceiros potenciais no primeiro, segundo e terceiro setor para a realização de ações conjuntas, trocas de informações e fortalecimento do trabalho segundo as demandas institucionais e da comunidade.

| AÇÃO | PROPOSTA DE TRABALHO | OBJETIVOS | RESULTADOS ESPERADOS |
|---|---|--|--|
| Participação nas Redes Regionais e Temáticas Caso Niterói: Comitê de Defesa de Direitos da Criança e Adolescente – Região Oceânica Caso SP: Rede Vila Albertina | Participar das diversas Redes Regionais e Temáticas existentes, visando a troca de experiências e realização de ações de relevância social. | -Ter conhecimento de experiências das demais instituições que atuam com projetos sociais. -Representar e divulgar a experiência de trabalho sócio-educativo da Fundação; -Manter espaço de trocas de experiências e ações conjuntas; -Ampliar o impacto das ações desenvolvidas pelos diversos parceiros. | -Fundação conhecida e reconhecida pelos órgãos governamentais e não governamentais; -Novas parcerias; -Projetos desenvolvidos a partir do trabalho em rede |

Fonte: Fundação Gol de Letra. Relatório Área Social, 2004.

– GRUPOS DE ATUAÇÃO COMUNITÁRIA

Objetivos gerais:

Incentivar a formação de grupos de representação e atuação na comunidade, através da prática sócio-educativa, a fim de que se tornem referência para o desenvolvimento de ações de mobilização e mudança da realidade local.

| AÇÃO | PROPOSTA DE TRABALHO | OBJETIVOS | RESULTADOS ESPERADOS |
|--------------------------------|---|---|--|
| Capacitação de Agentes Sociais | Grupo formado por adultos e jovens da comunidade, com objetivo de promover a mudanças de ordem pessoal e o desenvolvimento local. | -Ampliar o universo cultural, social e político dos agentes capacitados; - Integrar a comunidade nos projetos sócio-educativos da Fundação; -Capacitar membros da comunidade para que desenvolvam ações comunitárias. | - Agentes atuando autonomamente em a comunitárias. -Agentes compreendendo criticamente processos sociais; -Mudanças de cunho profissional, educacional e engajamento em processo políticos da vida social. |

Fonte: Fundação Gol de Letra. Relatório Área Social, 2004.

- PROGRAMA DE VOLUNTARIADO

| AÇÃO | PROPOSTA DE TRABALHO | OBJETIVOS | RESULTADOS ESPERADOS |
|--|---|--|--|
| Programa de Voluntariado (Niterói) | Promover o processo de ingresso, acompanhamento e avaliação do trabalho voluntário. | -Otimizar o trabalho desenvolvido na Fundação; -Incentivar a formação da cultura voluntária, satisfação do voluntário e das áreas envolvidas. | - Coordenações supridas em suas demandas por voluntários; - Voluntários satisfeitos em suas áreas de atuação. |

Fonte: Fundação Gol de Letra. Relatório Área Social, 2004.

Sobre Avaliação

A Avaliação realizada pela área social da Fundação Gol de Letra é informal e constitui-se num processo inerente às relações humanas.

“Pensar nos fenômenos sociais nos remete necessariamente a um juízo de valor. A Avaliação Formal ou Pesquisa Avaliativa implica a utilização de métodos de pesquisa com o propósito de se fazer uma análise, levando em consideração o mérito dos projetos (seus erros e acertos), a validade (condição de produzir o efeito esperado), a determinação de valores quantitativos e de valores qualitativos. Quando se pensa em avaliação, tem-se clareza que esta é um processo técnico, mas pouco se discute sobre seu caráter político. A avaliação pode-se constituir num exercício autoritário do poder de julgar, ou, ao contrário, um projeto e um processo onde avaliador e avaliado crescem mutuamente e sofrem uma mudança qualitativa”.⁸⁹

A partir dessas definições, podemos concluir alguns elementos que podem ser definidos na visão da Fundação Gol de Letra como entendimento e conceito de avaliação do programa social:

- É uma ferramenta para a ação, útil para construir, melhorar e mudar;
- É um processo sistemático;

⁸⁹ Alessandra de Muros. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005.

- É uma medida – compara com base em alguns parâmetros;
- Expressa-se num juízo de valor;
- Está orientada para a tomada de decisão.

Neste contexto, a Fundação Gol de Letra pretende utilizar técnicas de avaliação que possibilitem a apuração das ações desenvolvidas pela área social de forma a repensar e resignificar o fazer profissional em busca da eficácia, eficiência e efetividade das ações.

As avaliações se dão através de questionários abertos ou fechados e entrevistas periódicas.

Periodicidade:

O Projeto Família - semestral;

O Projeto Comunidade

- Ação Mobilizadora – a cada evento;
- Redes e Parcerias – semestral;
- Grupo de Atuação Comunitária – trimestral (objetiva) e semestral (subjetiva);
- Voluntariado – anual.

Sobre a Equipe Técnica de Niterói

- Coordenação social – assistente social
- Assistente de coordenação social – assistente social
- Dois estagiários – serviço social
- Três agentes sociais.

Sobre a Equipe Técnica de São Paulo

- Coordenação social – assistente social
- Assistente de coordenação social – psicóloga
- Dois estagiários – serviço social
- 15 agentes sociais.

3.3 - Considerações

Percebemos que o trabalho da área social nas instituições pesquisadas conquistou seu espaço gradativamente. Inicialmente, na Fundação Gol de Letra, a idéia era que uma assistente social desse suporte à área pedagógica para o atendimento às famílias. Mas não foi suficiente por conta das demandas surgidas ao longo do trabalho. Nesse sentido, a instituição criou um Programa Social com eixos de atuação como família e comunidade.

No caso da família, ficamos convencidos do quanto se trata de um grupo social fundamental para o processo de construção do homem, o quanto a família e os seus integrantes possuem características fundamentais para o desenvolvimento de uma cultura de valores na formação de uma criança. A família é produto de um sistema social, reflete o estado de cultura deste sistema e se molda às condições de vida dominantes num determinado tempo e espaço. Como toda instituição social, a família possui uma historicidade, assim como muitas teorias e conceituações que tentam descrevê-la. Essa variabilidade histórica desafia qualquer conceito geral de família. Ao longo da história, a família sempre foi foco de atuação das políticas públicas governamentais e não governamentais.

“Por volta da década 30 do século XX a cidade começa a se constituir como espaço privilegiado de ocupação. Os índices de mortalidade infantil eram elevadíssimos e as condições de vida e saneamento precários. Neste período, dá-se início às políticas higiênicas. A família, instituição conjugal e nuclear, devia ser higienicamente tratada e regulada, através de diversos cuidados especializados. A norma familiar produzida pela ordem médica solicita de forma constante a presença de intervenções disciplinares por parte dos agentes normalizadores. A saúde e a prosperidade da família significavam sujeição ao Estado”.⁹⁰

“Na sociedade brasileira prevalece ainda o modelo de família nuclear, isto é, um núcleo formado pelo casal, seus filhos, morando no mesmo espaço. Sabemos que este modelo já vem sendo acompanhado por outras formas de arranjo familiar, como as *famílias monoparentais*, onde maciçamente as mulheres vem assumindo a chefia e a função de provedora

⁹⁰ Alessandra de Muros. Entrevista concedida ao autor em 15/12/2004.

do lar. Citamos *as famílias extensas*, onde demais familiares ou conhecidos assumem a criação das crianças, além das *famílias recompostas*, fruto de novos casamentos ou uniões estáveis”⁹¹

Tais mudanças no contexto familiar, citadas pelo gerente pedagógico da Fundação Gol de Letra, já repercutem no novo Código Civil ⁹²:

- A definição de família abrange as unidades formada por casamento, união estável ou comunidade de qualquer genitor ou descendente. No código de 1916, a família “legítima” era definida apenas pelo casamento oficial;
- Casamento passou a ser a “comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres entre cônjuges”. É apenas uma das formas de constituir família;
- Filhos adotados ou nascidos fora do casamento tem os mesmos direitos dos nascidos no matrimônio. Não há mais distinção entre legítimo e ilegítimo;
- O termo “pátrio poder” é substituído por “poder familiar”;
- Guarda dos filhos: será dado a quem revelar melhores condições de exercê-la, e não mais a quem não tivesse provocado a separação.

O programa da área social da Fundação Gol de Letra, unidade São Paulo, desenvolve uma ação de trabalho alinhada com a mesma metodologia utilizada em Niterói. As ações também são voltadas para o atendimento dos eixos Família e Comunidade do entorno da região do Tremembé.

No que compreende o eixo família, a área responsável buscou um afinamento com os grupos familiares atendidos, partindo da construção dos prontuários individuais das

⁹¹ Wilson Costa - gerente pedagógico da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 15/12/2004.

⁹² http://www.mj.gov.br/sal/codigo_civil/indice.htm, acessado em 20/12/2004.

crianças e jovens atendidos pelos Programas Virando o Jogo e FAC, intensificando o registro do histórico de vida de cada família e criança/jovem atendidos. Essa ação mobilizou o trabalho de quatro universitárias de serviço social apoiadas por 16 agentes comunitários, que a cada ano realizam o atendimento de todas as crianças e jovens atendidos nos programas, através do preenchimento das fichas de matrícula, elaboração de relatórios sociais, coleta de documentações e fotos, além de visitas domiciliares. Isto proporciona a criação de um rico banco de dados social, viabilizando um maior e melhor reconhecimento do público atendido, tendo como resultados a elaboração de pesquisas, correlações e análises de dados sociais apoiando e implementando as ações da área pedagógica e demais áreas da Fundação.

“Além dos encontros individuais promovidos com as famílias, realizamos encontros em grupo durante o ano. Mensalmente as áreas social e pedagógica se revezam na realização das reuniões de pais mensais, com o objetivo de atender o grupo com palestras e ações educativas voltadas para o trabalho discussão de conceitos e temas de interesses comuns

Ainda neste eixo procuramos, na absorção da área da saúde da Fundação Gol de Letra, iniciar a construção do projeto com enfoque biopsicossocial, na medida que intensificamos o acompanhamento dos serviços oferecidos pelas parcerias com as empresas Odontoprev e Unimed Paulistana que disponibilizam serviços médicos, ambulatórias e odontológicos para as crianças e famílias do Programa Virando o Jogo. Como neste processo os jovens não recebem cobertura, a ação se estendeu para a busca de voluntários de saúde com o Programa de Voluntariado da Fundação Abrinq, denominado Adotei um Sorriso.”⁹³

O propulsor do trabalho de desenvolvimento comunitário da área social é o projeto de capacitação do grupo de agentes sociais, que na sua linha principal de atuação prevê a formação prática e teórica de pessoas com potencial transformador de ações locais. O grupo

⁹³ Olga Lembo - coordenadora social da unidade São Paulo da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004.

é composto por 16 adultos, moradores da localidade que demonstram interesse pela participação no projeto, vontade de aprender e colaborar para a transformação da realidade local. As principais ações realizadas foram os Gols de Cidadania pelos direitos da Mulher, Trabalho, Saúde, Criança, Adolescente e Família com periodicidade bimestral e o projeto Lazer aos Sábados, que oferece atividades esportivas, recreativas, culturais e de lazer para os públicos infantil, juvenil e adulto, por vezes não beneficiados diretamente pelos Programas Virando o Jogo e FAC.

Observamos uma preocupação constante da Fundação Gol de Letra, como também das outras organizações, em ter um foco direcionado na demanda comunitária. Nesse sentido, além de detectar o que as famílias e a comunidade desejam como base para atuação de trabalho, refletir sobre o que essas famílias fazem com as informações que recebem. O aprendizado dos conteúdos específicos das áreas, a expressão e defesa de suas idéias, a formação de valores, o projeto de vida que essas famílias possuem com a resolução de problemas, resulta no que costuma ser chamado de “*empoderamento*”, onde pode ser percebido o aprendizado em suas práticas rotineiras. Essa mudança de comportamento é que fará validar o uso das práticas educacionais oferecidas por esses projetos. A postura acolhedora das instituições, a promoção do debate na esfera pública para uma visão crítica e questionadora, possibilita para esse público o desenvolvimento de um novo projeto de vida.

Percebemos que a instituição é preocupada em realizar seu planejamento estratégico, principalmente para a discussão freqüente do trabalho realizado nas áreas pedagógica e social, como também para melhor organização da estrutura, no que diz respeito à captação de recursos para sua sustentabilidade. A Fundação Gol de Letra não se mantém pelos recursos financeiros de seus instituidores Raí e Leonardo. Na formatação inicial da Fundação, os atletas fizeram um aporte inicial de dois milhões de reais, mas em seguida foi elaborado um plano de sustentabilidade onde é possível manter os programas desenvolvidos com financiamento de empresas, sócios (pessoa física), eventos, organizações governamentais e recursos internacionais. A Fundação Gol de Letra criou departamentos de comunicação e desenvolvimento institucional - captação de recursos - que desenvolvem metas para atingir os resultados pretendidos. As empresas não dispõem somente de recursos financeiros para a instituição. Recursos materiais, técnicos, bens e

equipamentos, também fazem parte da alocação do investimento social corporativo. Essas ações são organizadas e tratadas num plano de contrapartidas para as empresas investidoras. Além disso, o uso do capital social de Raí e Leonardo permitem levantamento de recursos internacionais nos países onde foram ídolos como jogadores de futebol – França e Itália. Em Paris, uma Associação Gol de Letra França, formada por amigos de Raí, realizam eventos para captação de recursos para a entidade no Brasil. O mesmo é feito em Milão, na Associação Gol de Letra Itália, sob a direção de Beatriz Araújo, esposa de Leonardo, responsável por um plano de captação de recursos com o mesmo objetivo.

Capítulo 4 – Fundação Cafu ⁹⁴

4.1 – Processo histórico e análise da atuação

Marcos Evangelista de Moraes, o Cafu, é filho do funcionário público Célio e da dona de casa Cleuza. Nascido no Jardim Irene, bairro pobre e violento da zona sul de São Paulo, Cafu é o terceiro filho de uma família com seis irmãos: Marcelo, 37 anos, Mauricio, 35, Mauro, 31, Mara, 29 e Margareth, 24. Atleta de futebol profissional ainda em atividade, atuou em grandes equipes brasileiras como o São Paulo, Juventude e Palmeiras, e além de tetracampeão mundial de futebol, conquistou o pentacampeonato pela seleção brasileira em 2002. Jogou também pelo Real Zaragoza da Espanha, pelo Roma, da Itália e atualmente defende a equipe italiana do AC Milan. Cafu nasceu em uma comunidade popular e por conta do seu percurso para o futebol, precisou abandonar cedo os estudos. Com uma carreira profissional bem sucedida, com planos de encerrar a atividade como jogador profissional após a Copa do Mundo de 2006, ainda morando na Europa, Marcos Evangelista é instituidor da Fundação Cafu, inaugurada em primeiro de abril de 2004 no bairro de Jardim Irene, em São Paulo.

“A Fundação Cafu surgiu de há muito tempo... da idéia da gente montar uma fundação, uma coisa assim de 12 anos que eu venho ajudando a algumas instituições né... *[o depoente faz uma pausa para pensar]*. E num almoço, num bate-papo com algumas pessoas, nós perguntamos uns aos outros por que não montarmos uma fundação já que a gente ajuda assim tantas pessoas... Que tal a gente ter a nossa própria fundação... E eu concordei, disse que sim, desde que essa fundação seria montada no Jardim Irene, que se não fosse no Jardim Irene, pra mim não teria interesse nenhum e dali nasceu a Fundação Cafu”⁹⁵

⁹⁴ **Identificação da entidade** - C.N.P.J.: 04.771.276/0001-24 - Endereço: Rua Alves de Souza, 65 – Jardim Irene - Cep: 05890-010 São Paulo – SP - Telefone: 0XX11 5824-0422 – Página eletrônica: www.fundacaocafu.org.br

⁹⁵ Cafu. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004.

Para que pudesse prosseguir com sua carreira como jogador profissional de futebol na Europa, Cafu delegou poderes à sua família, em especial aos irmãos Mauricio e Marcelo de Moraes, coordenadores do projeto.

“(...) a gente tentava estudar e trabalhar... todo mundo jogava futebol lá em casa, mas quando o Marcos começou a mostrar que tinha mais jeito, teve que ir treinar, se dedicar, essas coisas... Daí nós acertamos que enquanto Marcos ia jogar, nós [os outros irmãos] tínhamos que trabalhar pra ajudar no sustento da casa né...”⁹⁶

O tempo passou e as funções da família mudaram. Mauro e Margareth cuidam no Brasil da “Capita Penta”, empresa de marketing esportivo criada por Cafu para cuidar de agenciamento esportivo e contrato de jogadores de futebol profissional. Mara mora com Cafu em Milão e dá auxílio no dia-a-dia do irmão, Marcelo e Mauricio são os diretores da Fundação Cafu e responsáveis pelo projeto de gestão.

Nesse sentido, cabe verificar se o modelo de gestão da organização sob a responsabilidade de irmãos e familiares seria suficientemente capaz para a sua sustentabilidade e gerenciamento. Com a atual situação econômica do país, a sobrevivência de organizações com gestores de formação específica e planos estratégicos estruturados, muitas vezes apresenta dificuldades. Supomos que numa gestão familiar, a situação possa ser ainda mais complicada.

Um dos primeiros aspectos que logo desperta a atenção é o não atingimento do plano orçamentário para se colocar em prática o projeto original da Fundação Cafu. O projeto foi escrito em maio de 2002, a abertura da unidade se deu dois anos depois (abril de 2004) e o seu funcionamento por mais um ano (até 2005). Passados três anos, ainda não houve os recursos necessários para a factibilidade e execução do projeto conforme proposto inicialmente. A ausência da área de desenvolvimento institucional ou de um profissional de captação de recursos torna uma ameaça para a Fundação Cafu a sua própria sustentabilidade, uma vez que os gestores creditam no irmão Cafu o potencial para conseguir recursos que garantam a sobrevivência do projeto.

⁹⁶ Marcelo de Moraes - Coordenador Executivo da Fundação Cafu. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004, na cidade de São Paulo.

Ainda com base na pesquisa realizada, procuramos apontar caminhos para uma discussão mais ampla sobre a questão do futebol como meio de transformação social e não como um fim (formação de um atleta profissional). E, no caso da formação de um atleta profissional, de que forma essa metodologia contribui para um impacto social nas comunidades. Uma das questões centrais seria entender como Cafu e demais gestores do projeto percebem o futebol enquanto fenômeno cultural no Brasil. Como seria possível perceber algum tipo de modelo para a aplicação da relação “Esporte e Educação” com o objetivo de provocar algum impacto social, sem atuar de forma excludente com métodos competitivos que favoreçam uns e não outros, ou mesmo que não procure somente formar crianças e jovens em atletas profissionais de futebol.

“(...) O Futebol une as pessoas. Se você tiver um relacionamento no futebol, numa pelada toda a semana, ele influencia numa inclusão social. Ele interfere numa relação da família. Você começa a conhecer melhor os problemas das pessoas, os problemas na casa de um ou de outro. Você pergunta cadê o fulano? tá sumido? Pois é, ele está com um problema assim, assim e assado.... pô vamos ver, será que tem como a gente fazer alguma coisa.... aí junta todo mundo, vai lá vê se tem como ajudar a pessoa.... E não é só isso, lá , após o jogo, você discute sobre política, um fato aqui outro ali.... isso agrega, discute política, religião (...)”⁹⁷

O depoimento de Cafu confirma a possibilidade e o convencimento da utilização do futebol como um instrumento de ação social. Ao ser questionado sobre a metodologia das escolinhas de futebol que faz aproveitar um número reduzido de crianças e jovens para o encaminhamento ao futebol profissional, enquanto um grande número fica frustrada pelo percurso incompleto e a evidência de uma prática excludente, Cafu é taxativo:

“(...) Olha só, você sabe que só existem duas coisas no mundo que podem tirar as pessoas da rua e das drogas né? [*faz uma pausa como se aguardasse uma resposta para a pergunta*]: O Futebol e a Igreja. É

⁹⁷ Cafu. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004.

Futebol e Igreja, não tem como... Acompanhei bastante o trabalho de algumas igrejas, não preciso citar o nome... e realmente você vê casos ali que não tem como, você fala ó, ou é igreja ou futebol... conversei com um rapaz da polícia também, um cabo de uma PM e ele também me falou a mesma coisa... *“ó, não tem jeito Cafu, ou é o futebol ou é a igreja, é a única maneira que tem de você tirar as crianças da rua...”* Fazer com que eles mentalizem uma coisa diferente e o futebol, sem dúvida nenhuma é um dos meios mais visível né.... então uma criança hoje se espelha nisso....no atleta, no futebol, na posição do atleta, o que ele pode fazer,... e hoje se um atleta falar assim pra uma criança *‘ Sai da rua e vamos jogar bola!’*, na hora ela vai na hora... *‘ Sai da rua que eu vou te levar pra um time...’*, na hora... E nós temos condições de fazer isso...⁹⁸

A descrição de Cafu aponta para a possibilidade de utilizar o poder do futebol como algo capaz de transformar a realidade de crianças e jovens que muitas vezes não contam com oportunidades de acesso à educação, saúde, esporte. Ele indica a necessidade de uma ampla articulação em rede que utilize também a articulação política e a ação compartilhada com outros atores sociais como a igreja. E destaca o quanto é possível o aproveitamento da cadeia produtiva do futebol, onde jovens podem ser aproveitados para trabalhar em diversos desdobramentos que o futebol possibilita, tais como: confecção de bolas, camisas e chuteiras, capacitação e formação técnica para atuar em preparação física, marketing esportivo, etc.

4.2 – Os programas desenvolvidos pela instituição

Primeiro Programa – escrito em 2002.

Em maio de 2002 a Fundação Cafu teve o seu projeto desenvolvido pela pedagoga Maria América Cabral da Silva. Em sua apresentação, o projeto prevê “avaliações periódicas”, o que entendemos como uma forma de avaliação processual do programa desenvolvido. O projeto inicial visa proporcionar à criança e ao adolescente de baixa renda

⁹⁸ Cafu. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004.

a possibilidade de ser cidadão através da promoção gratuita de educação complementar, com atividades esportivas e vivências culturais, tais como: dança, música, artes plásticas, capoeira, oficinas de literatura, programas de orientação sexual e prevenção de uso de drogas. O projeto procura atuar como um trabalho complementar à escola formal por meio das linguagens oferecidas como música, dança, teatro, esporte, entre outros.

Seu objetivo é ampliar a visão de mundo das crianças e adolescentes atendidas, favorecendo o contato com a realidade que convivem, viabilizando mudanças pelo potencial de cada um (auto-estima positiva) e aprendizagens significativas, trabalhar integralmente o indivíduo, considerando todos os aspectos que compõe o ser humano (público/emocional, social, espiritual e intelectual), além de criar oportunidades indiretamente às famílias destas crianças e adolescentes e também para a comunidade, um espaço para reflexão e ação social.

No plano de trabalho inicial, haveria as seguintes atividades:

Educacionais:

- Orientação de estudos/Apoio escolar
- Oficina de linguagem
- Acompanhamento psicopedagógico
- Aprendendo através do lúdico – brinquedoteca
- Vivência com língua estrangeira

Culturais:

- Projeto: use e ensine a usar nossa biblioteca
- Orientação para a saúde
- Orientação para o trabalho
- Orientação vocacional

Artísticas:

- Artes Visuais
- Música – coral / flauta / banda rítmica
- Dança
- Teatro

Esportivas:

- Atividades físicas
- Modalidades esportivas: futebol / futsal / jogos de integração
- Capoeira

O projeto estaria oferecendo tais atividades para crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 17 anos, moradores do Jardim Irene (local do núcleo 1) e membros de família de baixa renda. Para fins didáticos, o projeto possui a divisão nos seguintes grupos:

- SELEÇÃO VERDE - de 7 a 14 anos.
- SELEÇÃO AMARELA - de 15 a 17 anos.

Como pressupostos filosóficos, a Fundação Cafu tem como visão o desenvolvimento de uma sociedade que compreende a realidade e constrói criticamente, em cooperação e com autonomia, sua relação com ela própria.

“Acreditamos no homem que sabe pensar, explorar toda a sua potencialidade e assumir valores e atitudes que contribua para o crescimento consciente e digno da humanidade. Não podemos e não queremos substituir a Escola, mas sim trabalhar em conjunto com ela, para tanto levamos em conta em nossa

proposta pedagógica, o que está estabelecido nos novos parâmetros curriculares”⁹⁹

Os valores que fundamentam o projeto pedagógico da Fundação Cafu são:

- Valorização da vida
- Esperança (fé)
- Cooperação
- Senso de coletividade
- Coerência entre a fala e a ação
- Liberdade em consciência crítica, considerando as diferentes possibilidades de escolha.
- Verdade
- Autenticidade
- Cooperação
- Persistência
- Dedicção
- Autonomia construída
- Respeitar as normas e regras que foram construídas em conjunto e responsabilizar-se pelas conseqüências
- Respeitar as normas estabelecidas para convivência harmoniosa no grupo
- Ter consciência da igualdade de direitos e deveres
- Justiça, liberdade, compreensão.
- Busca da amizade

Perfil de crianças e adolescentes que a Fundação Cafu deseja obter:

- Tem iniciativa
- Tem sonhos e estabelece metas para alcançá-los

⁹⁹ Fundação Cafu. Projeto Pedagógico, maio/2002.

- Reflete sobre a ação – repensar (inclusive sobre suas próprias falhas)
- Planeja suas ações
- Atua no meio (estar inserido na realidade e busca de sua transformação)
- Tem organização: interior / do material / do conhecimento / do tempo e do espaço / da linguagem e do pensamento
- É questionador e identifica dúvidas
- Sabe explicar suas opiniões
- É interessado, responsável, inovador, preocupado com a sua aprendizagem e com seu desenvolvimento pessoal.
- Dá significado ao que aprendeu na Fundação
- Explora ao máximo suas potencialidades e supera seus limites
- Cidadão (consciente de seus direitos e deveres)
- Autônomo
- É pontual, concentrado, preocupado com a estética.
- Possui hábitos de estudo
- Sabe pesquisar e buscar soluções
- Sintetiza e registra idéias e conhecimentos
- É determinado

Perfil dos profissionais para atuar na Fundação Cafu:

- Consciente de sua responsabilidade social
- Consciente das possibilidades e condições emocionais, intelectuais e físicas que podem estar as crianças e adolescentes provenientes da população de baixa renda.
- Desprovido de pré-conceitos e preconceitos
- Disposto a enfrentar o desafio de motivar os jovens
- Planeja cada atividade com antecedência
- Estudioso e pesquisador
- Procura entender a criança e o adolescente como sujeito de sua história

- Procura conhecer o que eles sabem e o que trazem de conhecimento
- Tenha metas pessoais e profissionais e busca vencer os desafios para alcançá-los
- É capaz de refletir sobre sua atuação e de propor mudanças
- Criativo, responsável, inovador e determinado.
- Emocionalmente estável
- Tem organização: interior / do material / do conhecimento / do tempo e do espaço / da linguagem e do pensamento
- Cidadão (consciente de seus direitos e deveres)
- É pontual, concentrado, preocupado com a estética.

Metodologia:

A interação entre os grupos, a integração dos conteúdos com as diferentes áreas de conhecimento, a construção e socialização do saber, são os pressupostos da linha didática-metodológica que o projeto oferece. As propostas que serão desenvolvidas visam tornar as aprendizagens significativas e considerarão os conhecimentos prévios que as crianças e adolescentes trazem, obedecendo a seguinte sistematização:

1. Investigação/Pesquisa
2. Comprovação/Hipóteses
3. Análise/Verificação
4. Conclusão/Síntese
5. Conceito
6. Aplicação prática

Todas as aulas, cursos, instruções especiais, propostas, projetos e oficinas terão estratégias próprias a cada conteúdo, considerando as características das diferentes faixas etárias e o interesse de cada grupo. O conjunto de estratégias será construído com a equipe de professores e monitores com supervisão pedagógica.

Capacitação:

Os objetivos da capacitação inicial são:

1. Oferecer as informações básicas sobre a filosofia do Projeto Pedagógico e suas áreas de atuação
2. Elaborar os planos de cada atividade
3. Criar em conjunto as normas e condutas comuns à equipe (colocar os participantes frente a algumas situações – problema do cotidiano para que tenham a oportunidade de refletir sobre as melhores condutas em cada caso).

“O projeto pretende deixar de lado a visão assistencialista que muitos grupos adotam frente ao trabalho no contexto relativo à criança e ao adolescente de baixa renda para assumirem uma postura profissional e que tenham clareza em que consiste um trabalho sério no terceiro setor”¹⁰⁰

Observamos no trabalho de campo que as características descritas acima não estão sendo uma realidade efetiva em sua prática. Um exemplo disso é que no dia da inauguração da Fundação Cafu, seu irmão Mauricio, um dos diretores da instituição, apresentou no palco da cerimônia realizada na quadra poliesportiva lotada de gente, uma criança de 10 anos com um problema de saúde. Mauricio fez uma descrição da doença pelo microfone e chamou a mãe ao palco. Na continuidade da descrição, a criança posicionava-se de cabeça baixa constrangida com a situação e a mãe com o início de um choro de tristeza. Mauricio fazia isso para anunciar naquele momento que a Fundação Cafu conseguira o remédio que a criança necessitava e que por conta disso, ela teria um tempo de vida um pouco mais longo. Autoridades, crianças, jovens, parceiros e convidados aplaudiam energicamente aquele momento, como se fosse a realização de um milagre divino. Situação semelhante continua acontecendo na Fundação Cafu, ainda que não se intitule uma organização assistencialista,

¹⁰⁰ Fundação Cafu. Projeto Pedagógico, maio/2002.

embora exista um forte espírito de comoção e mobilização para doação de alimentos, remédios, fraldas e agasalhos para as comunidades atendidas.

“Os jovens que receberemos não são melhores ou piores que os da mesma idade pertencentes a outras classes de diferente poder aquisitivo; e as características quanto à faixa etária são as mesmas. O que difere são as vivências e os problemas enfrentados. Temos que ter clareza do tipo de questões que poderão ser apresentadas e que deverão ter atenção especial. A capacitação deve proporcionar as condições necessárias para que a equipe de profissionais, passe a acreditar na possibilidade de construir um futuro melhor para as crianças e adolescentes que atendemos”¹⁰¹

O projeto prevê encontros intensos em seu início: dois meses de preparação da equipe – para depois serem mais espaçados - e um encontro a cada quinze dias. Algumas vezes essas reuniões seriam destinadas à promoção de cursos específicos para professores/monitores, ministrados por especialistas contratados pela própria Fundação Cafu. Na nossa observação, tal procedimento não tem acontecido na prática. Segundo a diretora pedagógica Jane Fuda, ainda não foi obtido o tempo necessário para a prática, mas continua a fazer parte dos planos da organização.

Palestras e seminários seriam realizados sobre assuntos como afetividade, violência, limites, agressividade, drogas, sexualidade, saúde emocional e mental, política e inovações educacionais. Há uma garantia para a efetiva coordenação e acompanhamento dessas propostas e uma unidade na linha de trabalho. Cada encontro teria como objetivo:

1. Avaliar o desenvolvimento de cada projeto
2. Aprimorar os processos de ensino e de aprendizagem
3. Trocar informações sobre cada criança e adolescente atendido
4. Propor novas atividades/elaborar novos projetos/encaminhar sugestões de trabalho

¹⁰¹ Fundação Cafu. Projeto Pedagógico, maio/2002.

5. Formar grupo de estudos para embasamento teórico da equipe
6. Dinâmicas de integração entre os profissionais

Programas:

Seleção Verde

Seria assistida pelos programas que receberiam as denominações “Toque de Classe”, “Dez na Escola e Dez na Bola” e “Jogando com Arte”.

Toque de Classe

Tem como objetivo servir de apoio em caráter especial ao ensino ministrado pela rede escolar. Contará com o auxílio de profissionais especializados para atender as crianças e adolescentes em sua dimensão cognitiva, afetiva e social.

“Será oferecido serviço de apoio especializado para atender as peculiaridades da clientela oriunda de classes de educação especial, considerando assim os educandos com necessidades especiais.”¹⁰²

Dez na Escola, Dez na Bola.

Tem como objetivo levar a criança e o adolescente à descoberta de suas aptidões para a prática do esporte, supervisionados e monitorados por professores e profissionais da área desportiva e de educação física.

¹⁰² Fundação Cafu. Projeto Pedagógico, maio/2002.

- f) Conhecer as dimensões sociais, materiais e culturais de sua comunidade e de seu país, visando contribuir para o bem-estar geral
- g) Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sócio-cultural brasileiro
- h) Posicionar-se contra qualquer tipo de discriminação lastreada em diferenças de cultura, de etnia, de crença, de sexo ou baseada em características individuais e sociais
- i) Perceber-se como um elemento integrante e dependente do equilíbrio ambiental, a ponto de – então como agente transformado -, contribuir ativamente para a melhoria do meio ambiente
- j) Desenvolver o sentimento de autoconfiança em suas capacidades afetivas, físicas, cognitivas, éticas e estéticas, visando a inter-relação e a inserção social, de modo a preservar o exercício da cidadania.

Formação para o Trabalho

“A entrada prematura no universo profissional é prejudicial ao adolescente. Em geral, as jornadas de trabalho semelhantes às de trabalhadores adultos não são compatíveis com os ganhos e, por não assinarem carteira, os jovens ficam excluídos dos direitos garantidos por contrato. A Fundação, por si só, não pode reverter esse quadro. Mas ela estará dando sua contribuição ao ratificar a importância da formação escolar, evitando que o aluno desista de estudar para se dedicar somente ao trabalho. Concomitantemente ofereceremos cursos que ampliem a visão do mundo dos adolescentes instrumentalizando-os para o exercício de diferentes funções. É importante deixar claro que não temos o objetivo de nos tornarmos uma “escola profissionalizante” mas temos propostas de cursos de marcenaria, restauração de móveis, culinária, desenho gráfico e queremos estabelecer parcerias para que os alunos que atendermos possam ser “aprendizes” em empresas ou alunos conveniados em escolas de formação profissional. É nosso objetivo, ainda pensando em formação para o trabalho, tornar a informática uma constante dentro da Fundação, com isto termos jovens capacitados para o uso do computador explorando todas as possibilidades de utilização da máquina como ferramenta.”¹⁰³

¹⁰³ Fundação Cafu. Projeto Pedagógico, maio/2002.

Nesse projeto, observamos o discurso claro para a formação cultural e social do jovem, mas sem deixar de lado a discussão para a empregabilidade e geração de renda, tema tão atual e importante para jovens dos espaços populares. Nesse sentido, fica evidente o interesse em compartilhar com os jovens suas expectativas e possibilidades para oportunidade para ingressar no mercado de trabalho por meio de oficinas.

Adaptação para um novo programa – escrito em 2004

Ao inaugurar em abril de 2004, a Fundação Cafu não conseguiu colocar em prática o projeto previsto no papel. A pedagoga Maria América foi afastada do projeto e substituída por Jane Cristina Lopes Fuda, que alterou o projeto pedagógico original e traçou um novo plano de trabalho que pudesse contemplar principalmente a necessidade de sustentabilidade do projeto. Jane manteve o atendimento para crianças e adolescentes, na faixa etária de 7 a 17 anos, desenvolvendo as atividades educacionais de saúde, cultura e esporte. O projeto redesenhado propõe como meta prioritária a inclusão social dos moradores da comunidade do Jardim Irene e adjacências. Atualmente a Fundação Cafu atende 320 crianças e adolescentes fora do período escolar, além de 100 jovens e adultos da comunidade. A instituição possui também uma biblioteca com empréstimo e pesquisa disponível para toda a comunidade.

A Fundação Cafu justifica sua existência para a aplicabilidade do seu trabalho sócio-pedagógico no Jardim Irene e outros bairros situados no distrito de Campo Limpo, que têm como característica várias áreas censitárias de altíssima vulnerabilidade, possuindo um dos piores indicadores sociais do município de São Paulo. Suas privações se expressam, dentre outras, na falta de equipamentos públicos que possibilitem atividades esportivas, de lazer, saúde, educação e qualificação profissional. No entanto, essa ausência se reflete drasticamente no aumento da violência, do desemprego, do analfabetismo e de uma assistência médica inadequada, fortalecendo a exclusão social. Nessa perspectiva, a

Fundação Cafu desenvolve atividades na área da saúde, educação, cultura e esportes, como costumam se autodefinir: “contribuímos para ‘alimentar os sonhos’ desta população”.¹⁰⁴

A seguir, segue o programa atualizado praticado pela Fundação Cafu.

Objetivo Geral

Tem como objetivo a inclusão social dos moradores do Jardim Irene e adjacências, alimentando seus sonhos de uma vida de qualidade e dignidade.

Objetivos Específicos

Ampliar a visão de mundo das crianças e adolescentes, favorecendo o contato com a realidade que convivem, viabilizando mudanças através da valorização do potencial do indivíduo e aprendizagem significativa.

Trabalhar integralmente o indivíduo, considerando os aspectos biopsicosocial do ser humano (psíquico/emocional, social, espiritual e intelectual).

Oferecer oportunidade às famílias das crianças e adolescentes e à comunidade, espaços de reflexão e ação social.

Usuários atendidos

São atendidos crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 17 anos, moradores do Jardim Irene e adjacências, matriculados em escolas do ensino público e membros de famílias de baixa renda.

¹⁰⁴ Marcelo de Moraes. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004.

Conteúdo Programático

Informática

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: 320 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos (16 turmas de 20 alunos).

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.
- As turmas são divididas por faixa etária conforme tabela abaixo:
G1 – 7 a 8 anos
G2 – 9 a 11anos
G3 – 12 a 14 anos
G4 – 15 a 17 anos
- O objetivo do curso é capacitar o aluno para utilizar o computador, trabalhando com noções básicas do Windows, Word e Internet.
- A avaliação é qualitativa, verificando o aproveitamento do aluno.

Inglês

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: 320 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos (16 turmas de 20 alunos).

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.
- As turmas são divididas por faixa etária conforme tabela abaixo:
G1 – 7 a 8 anos
G2 – 9 a 11anos
G3 – 12 a 14 anos
G4 – 15 a 17 anos

- O objetivo das aulas é estimular os alunos à prática da conversação da língua inglesa, bem como a aquisição de conhecimentos básicos.
- A metodologia adotada utiliza-se de músicas, recursos audiovisuais, encenação de diálogos, podendo ser realizados exercícios escritos.
- A avaliação é qualitativa, através da participação dos alunos durante a aula.

Reforço Escolar

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu com dificuldades nas matérias escolares do Ensino Fundamental.

Descrição da atividade:

- Aula semanal com duração de 1 hora.
- O objetivo das aulas é estimular a leitura e reforçar os conceitos adquiridos na escola, auxiliando nas dificuldades.
- A metodologia adotada utiliza-se de jogos matemáticos, letras móveis, bingo de palavras, livros didáticos e paradidáticos. Toda sessão inicia com leitura feita pelo professor e leitura feita pelo aluno e logo em seguida, são realizados exercícios e produção de texto.
- As turmas são divididas em 5 alunos com o mesmo tipo de dificuldade.
- A avaliação é diagnóstica observando o aproveitamento dos alunos.

Português

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: crianças e adolescentes de 7 a 11 anos.

Descrição da atividade:

- Aula semanal com duração de 1 hora.
- O objetivo das aulas é estimular a leitura e a escrita.
- Toda sessão inicia com leitura feita pelo professor e leitura feita pelo aluno e logo em seguida são realizados exercícios e produção de texto.
- A avaliação é diagnóstica observando o aproveitamento dos alunos.

Filmes Publicitários

Duração: dois meses.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu de 14 a 15 anos. São atendidos no momento 10 alunos.

Descrição da atividade:

- Duas aulas semanais com duração de 1 hora.
- O objetivo do curso é dar oportunidade a jovens carentes de conhecer mais uma opção de carreira profissional.
- O curso consiste em ministrar noções básicas de como funciona a produção de filmes publicitários e culturais, bem como todo o processo que a envolve.
- A avaliação se dá através da observação do interesse e aproveitamento dos alunos.

Oficina de Axé

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu de 7 a 14 anos. São atendidos no momento 40 alunos divididos em 5 grupos de 8 alunos.

Descrição da atividade:

- Aula semanal com duração de 1 hora.
- O objetivo do curso é o desenvolvimento da coordenação motora, ritmo, equilíbrio, postura e integração no grupo.
- A metodologia adotada utiliza-se de músicas e materiais audiovisuais, as aulas são práticas, iniciando com alongamento e finalizando com relaxamento.
- Avaliação através de observação do aproveitamento do aluno.

Oficina de Jogos Online

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu de 7 a 17 anos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.
- O objetivo da oficina é desenvolver o raciocínio lógico matemático.
- A metodologia adotada utiliza-se de jogos diversos encontrados na Internet, nos quais são observados os conceitos matemáticos envolvidos nas estratégias e regras.
- A avaliação é através da observação do aproveitamento do aluno.

Oficina de Artesanato

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu de 7 a 14 anos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.
- O objetivo da oficina é desenvolver a criatividade e o gosto pelo trabalho manual.
- A técnica utilizada é o fuxico, atividade com sobras de tecido. São confeccionados almofadas, bolsas, bonecas, enfeite natalinos e cintos.

Oficina de Arte Terapia

Duração: quatro meses.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu de 7 a 14 anos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 2 horas.
- O objetivo da oficina é desenvolver a socialização dos participantes.
- A metodologia adotada utiliza-se de técnicas de pintura, escultura, dança e dramatização.

Oficina de Teatro

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu de 7 a 17 anos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.
- O objetivo da oficina é desenvolver a socialização dos participantes.

Oficina de Mosaico

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu de 12 a 13 anos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.

Oficina de Atividades Recreativas

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: alunos da Fundação Cafu de 7 a 17 anos

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.

Oficina Coral

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: 50 alunos da Fundação Cafu de 7 a 11 anos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.

Oficina Fazendo Arte na Fundação

Duração: todo o ano letivo.

Público alvo: todos os alunos da Fundação Cafu de 7 a 17 anos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.

Projeto comunidade na Internet

Duração: todo o ano letivo

Público alvo: jovens e adultos com mais de 16 anos divididos em 10 turmas de 10 alunos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 1 hora.

- O objetivo do projeto é incentivar a pesquisa e utilização do computador e a Internet como ferramenta para aquisição de conhecimento.

- O aluno aprenderá a confeccionar curriculum vitae e colocar nos sites relacionados à busca de colocação no mercado de trabalho.

Profissionalizante de Cabeleireiro

Duração: todo o ano letivo

Público alvo: 100 jovens e adultos com mais de 16 anos divididos em 10 turmas de 10 alunos.

Descrição do curso:

- Aula semanal com duração de 4 horas.

- O objetivo do curso é formar profissionais na área.

- A metodologia adotada utiliza-se de recursos audiovisuais, atividades práticas e teóricas abordando o seguinte conteúdo: técnicas de atendimento ao cliente; estudos dos cabelos e

seus tratamentos; escovar os cabelos; transformação; colorimetria, coloração e mechas; gestão de salões de beleza.

- A avaliação é qualitativa verificando o aproveitamento do aluno.

Biblioteca

A Biblioteca Ler é Saber da Fundação Cafu possui um acervo infantil, juvenil e adulto de 2.558 livros com todas as áreas do conhecimento: Filosofia, Religião, Sociologia, Ciências, Artes, Literatura Brasileira e Estrangeira, História, Geografia, além de periódicos e gibis. A biblioteca é freqüentada pelos alunos da Fundação Cafu e pela comunidade do Jardim Irene e região. Atualmente conta com 312 usuários cadastrados no banco de dados. A média é de 1000 visitantes por mês.

Projeto de parceria do PROASF com a Fundação Cafu

Duração: de agosto de 2004 a abril de 2005.

Público alvo: famílias dos alunos inscritos na Fundação Cafu que residem em áreas de altíssima privação.

Descrição do Projeto:

Os objetivos específicos do projeto são:

- Nuclear as famílias atendidas na Fundação Cafu para que as atividades desenvolvidas pela mesma atinjam as que realmente necessitam;
- Aprender de seus usuários seus sonhos, suas expectativas e suas necessidades, para o direcionamento de novas atividades.

São realizadas visitas agendadas as famílias com a presença de uma assistente social do Proasf e a diretora pedagógica da Fundação Cafu.

Campanhas Médicas – Medial Saúde

O Instituto Medial Saúde mantém parceria com a Fundação Cafu realizando campanhas com atendimentos médicos, orientações e exames laboratoriais. São atendidos os 320 alunos juntos com seus familiares. As campanhas acontecem periodicamente durante todo o ano letivo.

Atendimento Odontológico

A Fundação Cafu mantém um consultório odontológico e realiza atendimento aos 320 alunos matriculados e para tanto, conta com a parceria da Oral Clean, Instituto Medial Saúde e Unisa. Os atendimentos são realizados durante o ano letivo.

4.3 – Considerações

Observamos uma falta de sintonia entre o primeiro programa, escrito no ano de 2002 e a adaptação para o segundo programa, escrito em 2004. O que fica evidente é que o primeiro programa não conseguiu atingir um plano de sustentabilidade para a sua execução, o que reforça os pontos que criticamos sobre a necessidade de uma área de captação de recursos na organização, atuando de forma independente, de acordo com um planejamento. Ao invés de profissionalizar a criação de uma área destinada à captação de recursos, a diretoria optou por escrever uma segunda versão do programa e simplificou a estrutura de funcionamento das atividades. Dessa forma, percebemos uma grande quantidade de oficinas oferecidas. Podemos verificar que boa parte delas surgem pelo oferecimento de empresas que desejam participar, ajudar a instituição. Nada de errado na iniciativa, mas seria necessário uma discussão mais ampla sobre o oferecimento dessas oficinas para saber se elas conseguem efetivamente atingir os resultados das práticas sócio-educativas. Quando

questionamos Cafu sobre o plano de sustentabilidade do projeto, existe uma crença de que o projeto em si seja auto-sustentável, mais num processo espontâneo, natural.

“A gente espera, sem dúvida nenhuma, ao longo dos anos ela venha se sustentar sozinha, através das próprias pessoas que trabalham lá, através dos próprios voluntários, nós temos aí também grandes parceiros, parceiros que desde o começo apoiaram esse projeto, e é bom saber que essa fundação amanhã ou depois ela pode vim ser até usufruída né... por outras pessoas que já fizeram parte da fundação, que nosso interesse principal é esse; quem sabe amanhã, através da Fundação Cafu a gente consegue fazer empresários, procuradores, jogadores de futebol, gente do mercado, jornalista, enfim, garotos e garotas para essa nova sociedade. E, esses próprios garotos, o nosso objetivo é esse, que futuramente, essas próprias pessoas possam vim fazer parte da Fundação Cafu e elas mesmo procurar fazer aí, o controle da própria Fundação né... Tj 4prioue noss.
p

outras pesso. () Tj0-17.23-0.75 TD /F-1634891 Tf 480875 Tc 0 Tw 05() Tj068.53-0.75 TD /F1 9.4453 Tf58 T

comportamento das organizações não-governamentais, de uma forma geral, em julgarem que esse tipo de investimento é muito custoso para a organização.

Já citamos anteriormente as dificuldades para a sustentabilidade de um projeto social e a necessidade da implantação de uma área ou profissional específico para isso. No caso da Fundação Cafu, praticamente todos os contatos corporativos para ajuda em parceria com a organização tiveram a participação e o acompanhamento do próprio jogador. No início do ano de 2004, Cafu fechou um contrato para atuar como ‘garoto-propaganda’ numa campanha publicitária da cervejaria Kaiser. O cachê previa também uma participação da Kaiser como parceira na Fundação Cafu. Dessa forma, a cervejaria organizou todo o evento de inauguração da sede da Fundação no Jardim Irene, com camisetas vermelhas, na cor da cervejaria, para as crianças e funcionários, com a logomarca da Fundação estampada na frente e nas costas, a logomarca da cerveja. Na quadra poliesportiva da instituição, onde aconteceu a cerimônia de inauguração, duas logomarcas enormes da Kaiser foram aplicadas no imenso paredão lateral, onde continha o desenho com a caricatura de Cafu grafitado. Perguntamos a Cafu como ele avaliava a possibilidade de vínculo com uma cervejaria nessa magnitude - de aplicação de logomarca e retorno publicitário -, uma vez que boa parte dos problemas enfrentados pelas famílias das comunidades populares é exatamente a questão do alcoolismo, quando pais bebem de forma excessiva e acabam por provocar situações constrangedoras no ambiente familiar com a esposa, filhos, etc.

“De maneira nenhuma. Tudo que eu faço é porque tem que fazer. Se tiver lá é porque tinha que tá lá e, sem preconceito, sem nada”. Eu tenho relacionamento ótimo com essa empresa, eles ajudaram muito na Fundação... *[aumenta o tom de voz e fala com mais convicção]* A Fundação Cafu é aberta, qualquer pessoa que quiser ajudar a Fundação hoje, independente de ser bebida alcoólica ou não, pode ajudar... porque a criança não vai beber bebida alcoólica dentro da Fundação. Então a pessoa que vai lá vai ver o patrocínio...”¹⁰⁶

¹⁰⁶ Cafu. Entrevista concedida ao autor em junho de 2004.

No momento de realização deste trabalho - um ano após a inauguração da Fundação Cafu -, a cervejaria Kaiser não possui mais ligação com o projeto. Ou seja, sua participação limitou-se ao período da organização com a campanha na época. Nesse sentido, confirmamos que a cautela ao fechar parcerias com empresas que, de fato, estejam comprometidas em seu processo histórico com a responsabilidade social de forma efetiva e não como algo passageiro ou oportuno, faz-se necessário. Torna-se relevante a existência de uma área ou de um profissional específico de captação de recursos que tenha uma formação ideológica com os princípios organizacionais da instituição e que saiba operar a captação com empresas que estejam efetivamente dispostas a alocar seu investimento social corporativo como algo efetivo no processo histórico desta empresa, evitando oportunismo e modismos que certamente não contribuem para a operação de uma ONG e os seus resultados objetivados.

No caso da Fundação Cafu, a experiência da Kaiser não serviu de reflexão. No dia 27 de Junho de 2005, a Fundação Cafu realizou o lançamento da campanha “Bola Solidária”, ação para captação de recursos para a instituição que consistia na comercialização de bolas de futebol, com renda revertida para ajudar os programas desenvolvidos pela instituição. O convite distribuído para o evento contava com o apoio da “Cachaça 51, uma boa idéia”, com a logomarca da empresa impressa em todo o material gráfico.

Observamos também alguns comprometimentos no projeto pedagógico que prejudicam o conteúdo da relação ensino/aprendizagem. Praticamente todas as oficinas e cursos oferecidos existem por conta do interesse das empresas/parceiras que oferecem equipamento e material humano para a aplicabilidade do projeto. Nesse sentido, fica difícil o alinhamento das práticas sócio-educativas e uma avaliação sistemática do trabalho, pois, cada oficina funciona com uma metodologia específica, conforme determinação da empresa. Ou seja, a área pedagógica da Fundação Cafu precisa se adaptar ao método de funcionamento da empresa e isso muitas vezes pode dificultar o aprendizado, pois o método da empresa é focado no profissional usuário. Por exemplo, o curso de informática oferecido só existe devido ao interesse do parceiro Microlink. A oficina conta com os mesmos instrumentos que são utilizados pela empresa para utilização pedagógica com outros

públicos, diferente do usuário da Fundação Cafu, que pode apresentar uma disfunção irregular na sua formação:

“(...) temos alguns problemas... os meus alunos de 7 e 8 anos ainda estão chegando não alfabetizados.... e um usuário de franquia da Microlink, ele já tem alguns recursos que o meu não dispõe né (...)”¹⁰⁷

Nesse sentido, verificamos que há uma defasagem no aprendizado do aluno e a área pedagógica ainda não conseguiu solucionar a questão. Além disso, observamos alguns outros problemas: O monitor de Informática não possui uma formação cultural e social para aplicabilidade do curso. Não há um rigor para o monitoramento do perfil do educador com seu plano de aula e de curso.

“Alguns deles possuem um melhor conhecimento, uma capacidade maior de absorver a matéria. Outros têm dificuldade maior. Acho que eu prefiro trabalhar com gente mais jovem, não gosto muito de criança também... A comunicação com o mais jovem é mais fácil...”¹⁰⁸

Eric Alves da Cruz, 21 anos, possui formação técnica em Informática e é monitor do curso de Informática na Fundação Cafu. Eric identifica uma diferença grande na aprendizagem dos alunos da Fundação em relação aos clientes dos cursos convencionais da Microlink. Ainda assim, apenas informa para a coordenação pedagógica sobre as dificuldades, mas afirma que ainda não existe uma discussão mais aprofundada para minimizar certas questões de ordem pedagógica. Além disso, Eric não gosta de trabalhar com criança - o que demonstra um não alinhamento ao perfil do educador -, não procura interagir com a escola pública formal e nem participa de atividades nas comunidades.

¹⁰⁷ Jane Lopes Fuda – diretora pedagógica. Entrevista concedida ao autor em 23/03/2005.

¹⁰⁸ Eric Alves da Cruz – Educador. Entrevista concedida ao autor em 23/03/2005.

“(…) uma franqueada da Fisk me procurou, disse que gostaria de nos ajudar, mas disse que não poderia assumir um curso de inglês aqui, pois iria onerar muito o custo dela. Então o que ela fez, ela disse que ia capacitar duas pessoas da comunidade que tenham um conhecimento básico da língua inglesa, daria o curso pra ela na Fisk e conseguiria também uma coordenadora que pudesse vir aqui na unidade todas as quartas-feiras para capacitar essas pessoas (...)”¹⁰⁹

No mesmo formato, o curso de inglês oferecido pela Fundação Cafu surgiu por conta de uma parceria corporativa.

“Aqui é muito bom. Foi ótimo pra mim, porque eu faço faculdade de serviço social, moro aqui perto e consigo me dividir bem pra fazer as coisas. As crianças gostam muito das aulas de inglês, isso é uma coisa importante hoje em dia”¹¹⁰

Flavia Alves da Silva, 21 anos, além de professora de português é monitora de inglês na Fundação Cafu para crianças de 7 a 14 anos. Em contrapartida pelas aulas, Flavia é bolsista do curso de inglês que faz aos sábados das 8 horas às 11 horas e leciona na Fundação de terça à sexta-feira sempre no horário de 8 horas às 9 horas. Toda quarta-feira, recebe capacitação na sede da Fundação Cafu pela empresa parceira Fisk Idiomas, que orienta como deve funcionar o plano de aulas para o curso de inglês na instituição.

Além de trabalhar na Fundação Cafu, Flavia é monitora de Informática num Programa do Governo do Estado de São Paulo, chamado “*Acessa São Paulo*”, com núcleos denominados *Infocentros*, espalhados em vários pontos da cidade. Ainda que tenhamos observado nos alunos de 7 a 14 anos como usuários do único projeto de complementação escolar hoje em funcionamento na Fundação Cafu, detectamos a deficiência na língua

¹⁰⁹ Jane Lopes Fuda. Entrevista concedida ao autor em 23/03/2005.

¹¹⁰ Flavia Silva – educadora. Entrevista concedida ao autor em 22/03/05.

portuguesa na questão da leitura e da escrita, observada e comentada por alguns depoentes. Ainda assim, há uma enorme valorização do idioma inglês, conforme comentário de Josafá Marcos de Aquino, 29 anos, funcionário da Escola Municipal Iracema Marques da Silveira, que possui alunos matriculados na Fundação Cafu.

“(...) o inglês e a informática são duas coisas muito importantes que a Fundação Cafu oferece. Os dois estão muito ligados na questão do emprego hoje em dia. As crianças gostam muito e as famílias acham importante (...)”¹¹¹

Observamos uma expressiva importância dada ao idioma estrangeiro, mais até do que a própria língua portuguesa. O idioma inglês é valorizado não somente pela influência familiar que aponta como uma questão de empregabilidade, algo que deveria ter maior destaque num jovem na faixa etária dos 16, 17 anos e não num projeto que contempla a faixa de 7 a 14 anos. Verifica-se que existe também uma questão cultural, quando percebemos frases, referências e símbolos que identificam a cultura estrangeira presente na logotipia dos bonés, algumas camisetas, mochilas, referências televisivas e de diversas mídias que contribuem para a construção de um imaginário social amplo e sem sentido de referência local para aquela comunidade.

Nada de errado no aprendizado da língua inglesa, apenas o risco de não dar a devida atenção na relação ensino/aprendizagem da língua portuguesa e também o cuidado para o excesso de “estrangeirismos”, ao achar que ‘o produto e as pessoas de fora são melhores do que a nossa gente e o nosso produto nacional’.

Nessa questão, observamos uma atenção especial na Fundação Cafu quanto à preocupação no resgate da memória e identidade cultural daquela comunidade. Ainda que não tenhamos identificado nenhum projeto específico para o acervo e memória, o comportamento do instituidor Cafu e da diretoria da instituição procura sempre valorizar o resgate e valor da comunidade ali situada.

¹¹¹ Josafá Aquino. Entrevista concedida ao autor em 23/03/2005.

“(...) isso já foi discutido em uma das nossas atas e é um desejo meu também, de mostrar pro garoto, que não é porque ele mora na periferia, não é porque ele mora na favela, não é porque ele mora no morro, que ele não tenha capacidade de ser um alguém na vida. Porque a gente tem que colocar esse estímulo nos garotos, de tirar esse pensamento, esse pessimismo que eles têm dentro da maioria deles né... pelas próprias condições que eles vivem né... *‘ah, mas eu tô aqui e ninguém vai olhar pra mim, eu não vou crescer nunca na vida, vai ter sempre um garotinho da zona sul e eu vou ser sempre um favelado(...)* o objetivo da Fundação Cafu é esse, tentar mudar o pensamento dessas pessoas, fazer com que eles coloquem um objetivo na vida e falem: *‘eu moro aqui, mas eu vou crescer e um dia eu vou voltar aqui e ajudar outras pessoas...* Igual a isso que a gente está fazendo”.¹¹²

O depoimento de Cafu demonstra a preocupação com os laços de pertencimento que a criança e o jovem devem ter com a comunidade local, identificando que o trabalho da Fundação contribui enormemente nesse processo.

“(...) podemos contribuir fazendo com que eles vão à Fundação Cafu, que é o principal argumento nosso é esse né... é que eles vão à Fundação Cafu e saiam de lá com essa mentalidade, com esse pensamento. A gente não quer que a criança entre na Fundação de manhã e saia tarde e fale assim: *‘ah, já sai’*. Não, a gente quer que ela saia da Fundação Cafu pensando assim: *‘Puxa, eu posso ser alguém na vida... posso melhorar minha condição de vida, posso ajudar minha família, eu posso crescer’*

113

Como complementação na questão, observamos apenas algumas curiosidades que indicam um desejo de pertencimento como, por exemplo, a ampla parede lateral da quadra poliesportiva da instituição, que possui um desenho grafitado por jovens da comunidade com uma enorme caricatura de Cafu levantando a taça de campeão do mundo em 2002,

¹¹² Cafu. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004.

¹¹³ *Ibidem*.

sorrindo em destaque, tendo ao fundo vários barracões de moradia com a frase escrita embaixo do desenho: “*Do Jardim Irene para os campos do mundo*”. O desenho e a frase, dado o tamanho e a proporção, além da localização em destaque e privilegiada no prédio da instituição, de certa forma, ainda induz ao caminho do sucesso pelos gramados, como se o futebol, na perspectiva do imaginário, fosse uma forma de se atingir a fama e o reconhecimento em âmbito mundial.

Outros cursos oferecidos na Fundação Cafu possuem um foco direto na questão da empregabilidade. É o caso do curso de cabeleireiro, também realizado em parceria com uma empresa, onde jovens e adultos da comunidade participam do processo de aprendizado para corte de cabelo e gestão de um salão de cabeleireiro. Muitos ficam motivados e interessados na oportunidade.

Rosimeire Bernardes Santana, 33 anos, é casada com um pintor da área de construção civil que, segundo ela, atualmente faz ‘*bicos*’ e possui três filhos: Bruno (14 anos), Lucas (11 anos) e Suellen (9 anos), todos matriculados na escola pública. Somente Lucas e Suellen estão matriculados na Fundação Cafu. Bruno, o mais velho, não tem idade para participar do projeto oferecido atualmente. Para Rosimeire, existe uma diferença muito grande nisso. Segundo ela, Lucas e Suellen são mais articulados, praticam esporte, são mais interessados e curiosos, enquanto Bruno passa o dia todo vendo televisão, de forma sedentária, sem interesse para praticar esporte e socializar com amigos. Rosemeire está com um problema renal e por isso está afastada das atividades profissionais, recebendo somente um auxílio-benefício do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

“(...) eu moro próximo daqui né... a gente acompanhou tudo.... eu faço o curso de cabeleireiro aqui, o Lucas faz informática, faz futebol e faz o curso de inglês. A Suellen faz o curso de inglês, faz informática e... uma outra atividade também.... eu era copeira e hoje estou afastada por motivo de doença. Gosto muito daqui... eu amo o meu curso de cabeleireiro... no comecinho eu não tinha tanto interesse, depois tendo as aulas, nas aulas de corte, hoje em dia eu penso em abrir um salão pra mim...”¹¹⁴

¹¹⁴ Rosimeire. Entrevista concedida ao autor em 23/03/2005.

A atividade que Lucas mais gosta é jogar futebol. É interessado pela escola onde estuda, mas demonstra mais interesse e motivação para ir à Fundação Cafu do que na escola pública.

“(...) Gosto de jogar futebol... gosto daqui, gosto também do computador... por mim eu fico aqui o dia inteiro”.¹¹⁵

Rosimeire acha que o projeto trouxe muito benefício para os filhos, algo que contribui para o futuro das crianças, além de ajudar a ocupar o tempo da criança, que não fica na rua. Ela se sente tranqüila com a permanência dos filhos no espaço da Fundação Cafu. Destaca a aula de inglês como algo de enorme contribuição para a formação dos filhos e considera que Lucas demonstra alteração no seu comportamento após ter participado do projeto.

lucrativos e saber o que pensa como resultado dessa iniciativa, são elementos fundamentais e importantes na construção do trabalho.

Ainda assim, no depoimento de Cafu, ainda não ficamos totalmente convencidos a respeito do real impacto social de um trabalho focado diretamente no futebol. A Fundação Cafu, apesar do interesse no desenvolvimento de práticas sócio-educativas, tem também como objetivo trabalhar a formação de jogador futebol profissional nascido em comunidades populares. Porém, entendemos que não basta apenas o jogador de futebol famoso criar escolinhas de futebol. A metodologia das escolinhas privilegia um e exclui a grande maioria, o que provoca frustração para a criança e também para a família, que deposita naquele projeto o grande sonho do filho tornar-se um jogador de futebol milionário, bem-sucedido, atuando num grande clube brasileiro ou europeu. Afinal, no imaginário da população, existe a crença de que todo jogador de futebol profissional é milionário e bem-sucedido. E, nessa perspectiva, constrói-se a possibilidade daquela criança tornar-se um astro do futebol e resolver a situação econômica da família. Uma proposta mais interessante e provavelmente mais eficiente seria o desenvolvimento de projetos que utilizassem o futebol como um meio de potencializar aprendizado e até mesmo a geração de emprego e renda. Não somente a prática de formação de jogadores por meio de escolinhas, pois não há uma demanda de empregabilidade para esse profissional como se imagina.

A proposta deste trabalho é destacar a importância de práticas sócio-educativas desenvolvidas nos espaços populares, com o objetivo de formar uma geração de crianças e jovens que sejam capazes de atuar com autonomia para possíveis mudanças em suas realidades. Por outro lado, o depoimento de Cafu cita a possível construção de projetos de geração de emprego e renda, atuando não somente na formação de atletas, mas na cadeia produtiva que envolve o futebol. Isto pode vir a despertar nos jovens de 16 a 21 anos novas possibilidades de atuar profissionalmente no futebol, que não seja única e exclusivamente como jogador profissional, mas com outras possíveis formas de atuação.

O depoimento de Cafu também chama nossa atenção pelo fato dele apontar o futebol como um elemento de socialização, de encontro de jovens na comunidade, onde podem debater ao final da pelada, sobre a vida de cada um, família, religião, problemas

pessoais. Essa percepção do futebol como elemento agregador e de socialização nos parece interessante para o aprofundamento do trabalho.

Consideramos relevante a forma de tratar a origem do financiamento para o projeto social. Para Cafu, é indiferente a atividade da empresa parceira e colaboradora nos projetos da Fundação - se uma empresa de cervejaria ou uma companhia de cigarro -, bastando somente a boa intenção em ajudar. A questão ética do foco de atuação daquela empresa no mercado e de onde provém o capital torna-se algo secundário. Nessa perspectiva, num estágio mais adiante, como hipótese, podemos ousar considerar que até mesmo um recurso proveniente de uma contravenção corre o risco de ser bem aceito como fonte de captação de recursos para a instituição.

Outra questão a considerar é o fato do atleta discursar o tempo todo favoravelmente ao bairro onde nasceu, no sentido de provocar uma memória na comunidade local, um laço de pertencimento histórico com aqueles que nascem e crescem naquela comunidade, mostrando que é possível construir novas oportunidades de crescimento no contexto da sociedade. Mas, ele próprio, na medida em que obteve o seu crescimento profissional, tratou de mudar a residência de sua família, assim como dos pais e dos irmãos, para o bairro nobre de Alphaville, contrariando o próprio discurso que é elaborado até então.

Uma questão que consideramos muito positiva foi a explicação de Cafu a respeito da sustentabilidade e governabilidade da Fundação Cafu. Ele considera que isso deve evoluir ao longo do tempo, tendo os próprios usuários do projeto como gestores, ou seja, estimular o protagonismo e provocar uma autonomia na comunidade é uma lógica absolutamente coerente e legítima na construção e sucesso do trabalho.

Capítulo 5 – Instituto Bola Pra Frente ¹¹⁷

5.1 – Processo histórico e análise da atuação

Jorge de Amorim Campos, carinhosamente conhecido como Jorginho, teve o início de sua trajetória no futebol aos 13 anos com a camisa do América Futebol Clube. No ano de 1984 foi levado para a Gávea onde atuou pelo Flamengo. Em 1989 estreou no futebol internacional pela equipe do Bayer Leverkusen da Alemanha e também pelo Bayern de Munique, em seguida atuou pelo Kashima Antlers no Japão, além de passagens pela seleção brasileira, participando das Copas de 1990 e 1994, onde se sagrou tetracampeão mundial. Em 1991 ganhou o prêmio fairplay da Federação Internacional de Futebol (Fifa) como ‘o jogador mais leal do mundo’. Em 1999, voltou ao futebol brasileiro para encerrar sua carreira atuando pelo São Paulo, Vasco da Gama e posteriormente Fluminense. No campo, Jorginho sempre foi atleta de cristo¹¹⁸ e decidiu construir o Centro Esportivo e Educacional Jorginho: o Instituto Bola Pra Frente (IBPF).

“Eu nasci e cresci ali em Guadalupe. Quando comprei o terreno onde hoje funciona o Instituto Bola Pra Frente, havia um campo com mato alto, cavalos e porcos por ali. Eu sempre costumo dizer que eu tive um sonho, de um dia aquele local pudesse ser transformado em alguma coisa, como se fosse uma Disneylândia”. Minha maior alegria é olhar hoje pra esse mesmo lugar e ver crianças praticando esportes, construindo um futuro melhor” ¹¹⁹

Considerado um dos atacantes de maior representatividade na história do futebol brasileiro, Bebeto nasceu José Roberto Gama de Oliveira, na cidade de Salvador. Teve seu

¹¹⁷ **Identificação da entidade** - C.N.P.J. : 04.649.198/00001-90 - Endereço: Av. Sargento Isanor de Campos, 401 - Cep: 21670-220 – Guadalupe - Rio de Janeiro – RJ - Telefone: 0XX21 3359-5586 – Página eletrônica: www.bolaprafrente.org.br

¹¹⁸ Atletas de cristo é um movimento de jovens esportistas, seja no futebol, surf, basquete, vôlei etc, que se organiza em prol de uma ideologia cristã. Como alguns destes esportistas conseguem destaque nos meios de comunicação, principalmente os que atuam no futebol, aproveitam essa oportunidade para divulgar o pensamento da Igreja por meio de uso de camisetas, bonés e até nas entrevistas que concedem. Ver <http://www.atletasdecristo.org/>

¹¹⁹ Jorginho. Entrevista concedida ao autor em 24/05/2005.

início nas divisões de base do Vitória da Bahia, com passagens pelo Flamengo, Vasco da Gama, La Coruña e Sevilha da Espanha, Botafogo do Rio de Janeiro e Kashima Antlers do Japão. Na seleção brasileira, destacou-se no tetracampeonato em 1994 e no vice-campeonato em 1998.

“O Jorge começou todo o trabalho né... depois ele me convidou pra participar, eu aceitei. Acho que é importante ajudar essas crianças, pelo menos olhar um pouco por elas. Essas crianças têm um espaço aqui pra praticar esportes, sair da rua, acho isso muito importante.”¹²⁰

O Instituto Bola Pra Frente foi inaugurado em 29 de junho de 2000 com o objetivo de “promover o resgate de crianças e adolescentes de 6 a 16 anos, que se encontram em situação de risco social, proporcionando-lhes um futuro melhor, através do esporte e da educação”.¹²¹

Com sua unidade em funcionamento no bairro de Guadalupe, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, o Instituto utiliza a imagem e o capital social de seus instituidores Jorginho e Bebeto para atrair crianças e jovens para os projetos, oferecendo um resgate a seus valores e ampliando oportunidades por meio da educação, cultura e capacitação profissional.

A instituição conta com uma equipe formada por profissionais de pedagogia, serviço social, educação física, psicologia, marketing, administração, contabilidade e informática e sua estrutura organizacional é dividida em diretoria e seis coordenações complementares: Pedagógica, Esportiva, Comunitária, Comunicação Institucional/Planejamento e Administrativa.

¹²⁰ Bebeto. Entrevista concedida ao autor em 12/05/2005.

¹²¹ <http://www.bolaprafrente.org.br>, acessado em 10/06/2004.

5.2 – Os programas desenvolvidos pela instituição

O Instituto Bola Pra Frente considera o esporte como a ‘porta de entrada’ para o ingresso na Instituição. No entanto, sabem que o esporte em si, apesar de ter um importante papel social, não se configura em uma ferramenta eficaz de ascensão social. A educação, por sua vez, é a base ideológica da organização, é o grande alicerce sobre o qual surgirá uma sociedade mais igualitária. E é nela que o IBPF procura investir na sua linha de atuação. Como objetivo principal, o conceito “Craque de Bola e de Escola” procura estimular o imaginário das crianças atendidas no projeto e gerar novas práticas educativas com o intuito de articular os atores sociais da comunidade atendida (pais, professores e poder público), ampliando o conceito de “Craque” como habilidade reconhecida não somente no esporte, mas em outros núcleos onde a criança está inserida.

Com atendimento de 80 crianças durante o ano letivo de 2005, promovendo a alfabetização e também a melhoria do rendimento escolar de, pelo menos, 70% dos alunos inseridos no projeto, o Instituto Bola Pra Frente atende crianças de 6 a 9 anos que estejam inseridas na rede pública de ensino em escolas dos bairros de Guadalupe e Deodoro, no Rio de Janeiro. Como metodologia de trabalho, o Instituto acredita que a essência da atividade esportiva, em qualquer modalidade, está na capacidade de integração com o ensino-aprendizagem, levando para dentro da sala de aula e para o convívio familiar, o senso de respeito, união e disciplina, uma vez que estas práticas são essenciais para o exercício da cidadania.

As aulas acontecem duas vezes por semana, em dois turnos (manhã e tarde), perfazendo uma carga horária de 24 horas mensais. Para isso, o projeto conta com professores e voluntários para a realização do trabalho, lembrando que a formação em áreas diferentes favorece a troca de experiências e amplia o conhecimento, abrindo um leque que facilita o trabalho interdisciplinar, fator integrante à filosofia do projeto.

A metodologia aplicada procura ter um plano de trabalho que esteja totalmente voltada para a realidade dos alunos. Como a grande paixão das crianças do IBPF é o futebol, foi elaborado todo o trabalho voltado para esta temática, visando despertar o lúdico e o desejo de aprender. As atividades serão complementadas com aulas - passeio, debates, atividades

artísticas, entre outras, consideradas indispensáveis na construção de um ser pensante, crítico e autônomo. A fim de alcançar o desenvolvimento desse aluno como um ser pensante, a metodologia aplicada em sala de aula segue os seguintes critérios ¹²²:

- **Mesa Redonda** – um espaço coletivo para a realização da chamada, para dar notícias sobre os acontecimentos, no projeto ou na comunidade, para comentar fatos de interesse, para resolver divergências, fazer perguntas e esclarecer dúvidas e introduzir o tema trabalhado;
- **Esquema Tático**: atividades que serão desenvolvidas naquele dia, como serão realizadas, por quem, organização do tempo etc;
- **Regras do Jogo**: o que se pode ou não fazer;
- **Jogo**: desenvolvimento da atividade propriamente dita;
- **Placar**: ao final do dia haverá uma avaliação sobre o que foi feito, os resultados obtidos, etc. Também serão estimuladas as auto-avaliações em relação à participação de cada aluno.
- **Apito Final**: serão organizados registros com a finalidade de preservar o trabalho realizado, para que posteriormente o mesmo seja utilizado como referencial de avaliação e outros.

A título de ilustração, segue um breve exemplo dos conteúdos desenvolvidos no Projeto Craque de Bola e de Escola:

¹²² Instituto Bola Pra frente. Relatório da área pedagógica: 2004-2005.

SÍNTESE DOS CONTEÚDOS ¹²³

Atividades curriculares:

Português

Nome dos times

Hinos dos times

Nome dos jogadores

Nomes dos técnicos

Matemática

Nº de habitantes de cada bairro

(Qual bairro tem mais moradores)

Ética e cidadania

Palestras (Jorginho - prêmio)

História

História de cada time

(linha do tempo)

Geografia

Bairros (localização dos times)

Leitura de mapas

Bairros urbanos

¹²³ Instituto Bola Pra frente. Relatório da área pedagógica: 2004-2005.

Ciências

Saneamento básico

Meio ambiente

Observação:

Segundo a coordenação pedagógica, durante o ano de 2004 foi observado que muitas crianças tiveram rendimento pouco satisfatório, por conta de apresentarem problemas que transcendem o espaço pedagógico. São os chamados alunos com desafios de aprendizagem e para atendê-los, foi criado um espaço específico. A proposta do consultório modelo consiste num espaço terapêutico, onde através de um convênio feito com Universidades vizinhas, conta-se com estagiários do curso de pós-graduação em Psicopedagogia, para atendimentos específicos dessas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

“Desta forma, foi possível atender efetivamente nossa clientela promovendo um melhor rendimento escolar, ampliando suas possibilidades de aprendizagem e autonomia”.¹²⁴

Projeto Artilheiro

A proposta deste projeto é resgatar os valores e o patrimônio cultural através das mais diversas formas de expressão artística (dança, artesanato, teatro, música). Conta com crianças de 10 a 14 anos, que desenvolvem a criatividade e a autonomia, com o objetivo de despertar no aluno habilidades específicas.

¹²⁴ Fernanda de Oliveira - coordenadora pedagógica do Instituto Bola Pra frente. Entrevista concedida ao autor em 18/03/2005.

Metodologia de trabalho

As aulas são ministradas de acordo com o plano de curso anual, que é dividido em planos de aula diários e que conta com a parte inicial (chamada, palestra e aquecimento {atividade lúdica), a parte principal (aplicação dos fundamentos de cada modalidade esportiva e prática dirigida) e a parte final (alongamento ou uma atividade lúdica reflexiva sobre a aula).

“As aulas são ministradas possibilitando a integração entre a teoria e prática. As atividades práticas se darão de forma a aproximar o educando de um espaço lúdico que possa despertar o prazer em realizar as atividades propostas, despertando assim uma aprendizagem significativa para o educando e fazendo com que o mesmo possa reconhecer-se nas atividades desenvolvidas. Com isso, novos talentos serão revelados”.¹²⁶

O corpo docente é constituído de professores com especialização em suas respectivas áreas. As aulas acontecem no turno da manhã e no turno da tarde, obedecendo a uma carga horária de 36 horas semanais. Como inovação, a coordenação pedagógica propõe a integração das atividades de dança, teatro e artesanato com atividades pedagógicas envolvendo produções de textos, debates, etc.

Seguem as atividades como exemplo:

Atividades envolvidas:

Futebol:

Na visão dos instituidores e da coordenação pedagógica do Instituto Bola Pra Frente, o futebol é um esporte rico quanto à força física, pois quem o pratica aprimora agilidade, velocidade, capacidade aeróbia e anaeróbia, potência, força, coordenação fina e

¹²⁶ Fernanda de Oliveira. Entrevista concedida ao autor em 18/03/2005.

grossa, lateralidade, etc. Tudo isso, na opinião dos instituidores, é fundamental para a formação de uma criança.

“O futebol é o esporte mais solidário democrático e social que se conhece. Afinal, em qualquer canto se pode praticá-lo. No nosso país, ele está completamente inserido em nossa sociedade, movimentando milhares de brasileiros em todo tempo, principalmente em época de copa do mundo.”¹²⁷

PLANO DE CURSO¹²⁸

| Período | Valência Física | Valência Técnica |
|--------------------|---|--------------------------------|
| Março e Abril | Anamnese, Resistência aeróbia, abdominal e flexibilidade; | Passe e domínio; |
| Mai e Junho | Agilidade e velocidade; | Condução drible e finalização; |
| Julho | Avaliação física e técnica | |
| Agosto e Setembro | Força nos membros inferiores e superiores | Passe drible e finalização |
| Outubro e Novembro | Global | Global |
| Dezembro | Avaliação física e técnica | |

Caratê:

Esta modalidade esportiva desenvolve, por meio do contato corporal, a disciplina e a concentração, que são considerados, pela área pedagógica, características importantes no projeto.

¹²⁷ Jorginho. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005.

¹²⁸ Instituto Bola Pra frente. Relatório da área pedagógica: 2004-2005.

“O caratê surgiu de um contexto de guerra onde “Samurais” treinavam e lutavam para defender seus bens. Durante essas guerras um imperador japonês proibiu o uso de armas, surgindo assim, essa arte milenar chamada de caratê (caminho das mãos vazias). É muito importante esse esporte”.¹²⁹

“Apesar de ser um esporte que utiliza contato corporal, não significa que seja violento, o mesmo visa respeito a hierarquia, ao mais idoso, ao próximo, controle emocional, equilíbrio, auto controle e perfeição. O principal objetivo do Caratê é conter o espírito de agressão, preservar a integridade física do companheiro, respeitando-o acima de tudo, além de estimular para a formação do caráter moral e sua conduta. Isso tudo quer dizer, formar e não deformar o cidadão.”¹³⁰

PLANO DE CURSO¹³¹

| Período | Valência Física | Valência Técnica |
|-------------------|--|--|
| Março e Abril | Anamnese, desenvolvimento sensorio-motor (orientação espacial e condicionamento geral); | Conceitos básicos do Caratê; |
| Mai e Junho | Condicionamento aeróbio, força, equilíbrio, alongamento, flexionamento, velocidade de membros superiores, desenvolvimento óculo segmentário; | Socos e de fesas; |
| Julho | Avaliação física e técnica | |
| Agosto e Setembro | Força e impulsão dos membros inferiores, mobilidade articular e coordenação geral; | Ênfase nos chutes, defesas e esquivas; |
| Outubro e | Destreza, percepção, manutenção | Global |

¹²⁹ Fernanda de Oliveira. Entrevista concedida ao autor em 18/03/2005.

¹³⁰ Jorginho. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005.

¹³¹ Instituto Bola Pra frente. Relatório da área pedagógica: 2004-2005.

| | | |
|----------|----------------------------|--|
| Novembro | aeróbia e raciocínio; | |
| Dezembro | Avaliação física e técnica | |

Voleibol:

O voleibol é mais um esporte inserido no projeto Artilheiro, que tem como principal característica a coletividade (afetivo).

“Cada jogador depende do outro para desenvolver bem a sua função. No voleibol não se exige tanto fisicamente, com grandes deslocamentos de seus praticantes e assim estimula a velocidade de raciocínio cognitivo e a agilidade psicomotora”.¹³²

PLANO DE CURSO¹³³

| período | Valência Física | Valência Técnica |
|--------------------|--|--|
| Março e Abril | Anamnese, resistência aeróbia noção espacial e agilidade; | Iniciação ao voleibol (regras básicas e introdução aos fundamentos básicos); |
| Mai e Junho | Agilidade e força dos membros superiores e coordenação motora; | Aperfeiçoar fundamentos básicos (toque, manchete e saque); |
| Julho | Avaliação física e técnica | |
| Agosto e Setembro | Resistência anaeróbia, e força nos membros inferiores; | Ênfase nos fundamentos básicos; |
| Outubro e Novembro | Global | Global |
| Dezembro | Avaliação física e técnica | |

Dança:

¹³² Fernanda de Oliveira. Entrevista concedida ao autor em 18/03/2005.

¹³³ Instituto Bola Pra frente. Relatório da área pedagógica: 2004-2005.

As aulas de dança funcionam no projeto com o trabalho de formas de expressão corporal, aspecto fundamental para o ser humano, e tem como objetivo para os alunos, aperfeiçoar a coordenação motora, criatividade, memorização e interação no grupo.

“Dessa forma, é possível trazer ao cotidiano uma grande paz de espírito e quando efetuada em grupo proporciona uma convivência social saudável. Dançar causa uma sensação de alívio, de bem estar, de alegria, no entanto é complexo conseguirmos através de palavras explicar como a expressão corporal nos pode trazer tantos benefícios. Cada passo, cada movimento, transporta nossas sensações, nosso estado de espírito e pode determinar a facilidade com que transpomos certos obstáculos”.¹³⁴

PLANO DE CURSO¹³⁵

| Período | Atividade |
|--------------------|---------------------|
| Março e Abril | Dança clássica |
| Maio e Junho | Dança moderna |
| Julho | Avaliação |
| Agosto e Setembro | Dança negra |
| Outubro e Novembro | Dança contemporânea |
| Dezembro | Avaliação |

Artesanato:

¹³⁴ Fernanda de Oliveira. Entrevista concedida ao autor em 18/03/2005.

¹³⁵ Instituto Bola Pra frente. Relatório da área pedagógica: 2004-2005.

As aulas de artesanato têm como meta despertar o gosto pela arte, a criatividade e o potencial autônomo, utilizando suas produções em fontes geradoras de renda. Sendo assim, as temáticas são:

PLANO DE CURSO ¹³⁶

| Período | Atividades |
|--------------------|--------------------------|
| Março e Abril | Técnica de desenho livre |
| Mai e Junho | Técnica de pintura |
| Julho | Avaliação |
| Agosto e Setembro | Técnica de pintura |
| Outubro e Novembro | Reciclagem |
| Dezembro | Avaliação |

Teatro:

As aulas de teatro têm como maior objetivo promover a aproximação do educando com as diferentes linguagens, além de desenvolver seu potencial criativo e artístico para que o mesmo possa aplicar tais conhecimentos em sua vida acadêmica e social, ampliando seu vocabulário, postura, impostação de voz e senso crítico. Desta forma as temáticas estão divididas em:

¹³⁶ Instituto Bola Pra frente. Relatório da área pedagógica: 2004-2005.

PLANO DE CURSO ¹³⁷

| Período | Atividade |
|--------------------|--------------------------|
| Março e Abril | História do teatro |
| Mai e Junho | As diferentes expressões |
| Julho | Avaliação |
| Agosto e Setembro | Técnicas do teatro |
| Outubro e Novembro | As diferentes criações |
| Dezembro | Avaliação |

Projeto Campeão de Cidadania

A proposta do Projeto Campeão de Cidadania visa o desenvolvimento do “sujeito para o mundo”, despertando a crítica e a cidadania para a construção de uma nova realidade em suas vidas. O projeto atende jovens de 15 e 16 anos já inseridos no programa do Instituto Bola pra Frente.

Objetivo principal:

Instrumentalizar os adolescentes para a realização de atividades nas áreas de recursos humanos, administração e logística, visando favorecer a inclusão dos mesmos no mercado de trabalho.

Objetivos específicos:

Atender aproximadamente 20 alunos por turma.

Encaminhar 30% dos alunos para o mercado de trabalho.

¹³⁷ Instituto Bola Pra frente. Relatório da área pedagógica: 2004-2005.

Alcançar frequência igual ou superior à 75% durante as aulas.

Metodologia de trabalho:

Para atender de forma efetiva os jovens inseridos no projeto e criar um diferencial capaz de fazê-los competir no mercado de trabalho, o projeto propõe três etapas distintas,

habilidade nas modalidades esportivas oferecidas no programa de atendimento direto, a fim de participar de competições internas e externas vestindo a camisa do Bola Pra Frente.

“Nosso objetivo é formar craques na vida e não descobrir craques de futebol. No entanto, é preciso respeitar os sonhos e os talentos de cada criança, por isso foi criado o Show de Bola”¹³⁹

“Quando eu crescer quero ser jogador de futebol. Sabe por que? Para ajudar a minha mãe. O Bola Pra Frente está me ajudando a alcançar esse objetivo e um dia o Jorginho vai se orgulhar de mim”.¹⁴⁰

Projeto Craque dos Craques

O projeto Craque dos Craques tem o intuito de ampliar o papel dos familiares dos alunos do Instituto Bola Pra Frente, resgatando a auto-estima e promovendo atividades que possam gerar conhecimentos sobre questões sociais como alcoolismo, desemprego, consumo de drogas, violência doméstica, etc.

As atividades são desenvolvidas a partir do trabalho de uma equipe interdisciplinar (profissionais de serviço social, pedagogia e psicologia), que utiliza princípios éticos, de cidadania e relacionamento interpessoal. Dentre as atividades oferecidas estão: curso de alfabetização, cursos profissionalizantes, oficinas de artesanato, palestras com temas variados, eventos de confraternização e reuniões periódicas para avaliação de resultados.

Projeto Toque de Mestre

O projeto promove a interação entre o Instituto e as escolas da região, além de oferecer aprimoramento intelectual contínuo aos professores. O público-alvo é composto dos educadores da rede pública de ensino que trabalham no bairro de Guadalupe e adjacências.

¹³⁹ Jorginho. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005.

¹⁴⁰ Philipe Leonardo, 9 anos. Entrevista concedida ao autor em 18/03/2005.

As atividades desenvolvidas são:

- Visitas periódicas às escolas em que estão matriculados os alunos do Instituto Bola Pra Frente, com o objetivo de uma avaliação da situação escolar (notas, evolução, comportamento disciplinar).
- Palestras e vivências para o corpo docente destas escolas. O objetivo é dar oportunidade de crescimento profissional a estes professores, além de promover uma troca de experiências, na qual são premiadas as iniciativas bem sucedidas em sala de aula.

5.3 – Considerações

Observamos que das organizações estudadas, a linha de atuação do Instituto Bola Pra Frente é a que melhor se utiliza do futebol como instrumento lúdico e educativo. O envolvimento do tema futebol nas atividades pedagógicas faz parte da rotina da organização. O Instituto conta também com projeto de formação de jovens para a profissionalização no futebol, mas procura evidenciar que nem todos obrigatoriamente precisam ter como foco a trajetória de se transformar num jogador profissional.

O instituidor Jorginho participa assiduamente das atividades do Instituto, diferentemente do instituidor Bebeto, que não cumpre uma agenda de rotina na organização. Ambos possuem outros compromissos além do Instituto, mas Jorginho é o que apresenta melhor fundamentação sobre o motivo pelo qual a organização foi criada e o que se pretende como o desenvolvimento do trabalho. A formação cristã de Jorginho facilita essa compreensão e o espírito solidário. Por conta disso, a organização mantinha em seu início alguns conceitos de ordem religiosa, porém, ao longo do tempo, com sua profissionalização, a cultura organizacional foi sendo transformada com uma política capaz de valorizar as práticas sócio-educativas.

O Instituto avança no desenvolvimento e aprimoramento do trabalho, realizando seminários, fóruns e eventos para promover o debate entre comunidades, empresas e

organizações governamentais. No ano de 2005, o Instituto realizou pela quarta vez o “Meeting de Responsabilidade Social” com o tema ‘Um Brasil melhor, eu aceito esse desafio’. O encontro contou com a presença do Diretor Regional da Unicef para América Latina e Caribe, Nils Kastberg, além de empresários, ex-atletas e lideranças comunitárias, que se reuniram para debater temáticas de interesse da sociedade. No caso do Instituto Bola Pra Frente, o atendimento direto à criança e ao jovem possibilita o desenvolvimento das aprendizagens dos conteúdos específicos das áreas e as ações de interlocução entre escola, família e comunidade.

Verificamos o quanto o Instituto estabelece um esforço para possibilitar às crianças e adolescentes atendidas no programa, a ampliação do seu universo cultural, com aprendizagens e aperfeiçoamento nas áreas do esporte e da arte. A opção pelo oferecimento do programa desenvolvido pelo Instituto, vem do desejo e responsabilidade de Jorginho e Bebeto em investir e contribuir para a formação integral da população infanto-juvenil, proporcionando condições de desenvolvimento através do acesso à cultura, aos esportes e do sucesso escolar. O Instituto acredita que uma grande possibilidade para o trabalho avançar e projetar mais resultados seria a união com outras instituições que trabalham com o esporte, seja em realização de eventos ou mesmo no desenvolvimento de projetos compartilhados.

Observamos na rotina do Instituto o quanto as atividades oferecidas às crianças contribuem para o desenvolvimento pessoal e social e o enriquecimento das experiências culturais e esportivas, além da implementação de ações complementares à escola para motivar o ingresso, a permanência e a melhoria do desempenho escolar. O entendimento de que o esporte pode funcionar como um meio de promoção da educação e sua contribuição para o desenvolvimento da criança fazem parte da cultura do Instituto. A valorização da escola como um espaço social onde as necessidades básicas de aprendizagem e de sociabilidade sejam satisfeitas com o apoio das famílias e da comunidade, também evidencia as ações praticadas pelo Instituto Bola Pra Frente.

Conclusão

Esta dissertação não teve a pretensão de avaliar integralmente os projetos sociais pesquisados, mas procurar compreender de que forma esses jogadores e ex-jogadores profissionais podem desenvolver uma visão do processo avaliativo sobre esse trabalho. Entendemos que somente com esse tipo de ‘olhar avaliativo’, o apontamento de indicadores e o convencimento de que os objetivos propostos foram alcançados, é que teremos a validação das ações que estão sendo executadas, contribuindo assim para o benefício público de comunidades.

Em alguns casos, como o da Fundação Gol de Letra e do Instituto Bola Pra Frente, percebemos que já existe uma avaliação processual realizada semestralmente e anualmente nas práticas sócio-pedagógicas, como se, de fato, isso fizesse parte do planejamento de trabalho da área. Afinal, como mostrar que crianças e jovens estão crescendo, se desenvolvendo, transformando suas realidades de forma autônoma e participativa? Como elaborar uma análise qualitativa desse processo? É fundamental que essa avaliação possa acompanhar o desenvolvimento do trabalho e não ser tratada como um processo parcial tal qual um boletim escolar. É importante avaliar tanto a efetividade interna, quanto externa da instituição, do projeto. Demonstrar que é fundamental e necessário avaliar o trabalho desenvolvido por todos, coletando dados, formulando perguntas, contando com uma gestão participativa no processo, onde todos possam ter a possibilidade de analisar como podem e devem melhorar as suas atribuições e funções. Um processo avaliativo pode e deve ser visto, compartilhado por todos, na perspectiva de funcionar como um instrumento valioso para a ajuda e o alcance da visão da organização. O resultado desse tipo de avaliação é o aprendizado organizacional.

Ao longo da pesquisa, estabelecemos uma preocupação constante para que os instituidores e profissionais entrevistados tivessem o entendimento a respeito do estudo realizado dos projetos sociais aqui relacionados, permitindo assim um amplo “cardápio” de informações que possam ser úteis no desenvolvimento do trabalho da instituição. A pesquisa procurou esclarecer para as instituições escolhidas e os seus entrevistados, os objetivos do estudo, o desejo e o interesse em explorar todos os dados disponíveis para que pudessem ser processados em informações úteis e, possivelmente, disponibilizá-los

oportunamente. Apresentamos de forma objetiva e transparente o procedimento do trabalho e a conduta do entrevistador para que o depoente pudesse facilitar a coleta das informações relevantes e permitir que o resultado do estudo possa ser relatado, disseminado, discutido e de provável utilidade para o planejamento da instituição.

Os encontros com os depoentes foram organizados com a indicação dos instituidores dos projetos, considerando parte fundamental do processo o desejo para que a equipe pudesse contribuir de forma colaborativa e participativa. Consideramos essa etapa inicial um dos momentos mais difíceis, mas fundamental da pesquisa, posto que consolida as bases do que será sedimentado durante a implementação do processo, com o intuito de atender os objetivos da pesquisa desenvolvida. Nesse sentido, optamos por uma *metodologia qualitativa participativa*, com a participação dos funcionários, colaboradores e usuários do projeto na pesquisa. Dessa forma, todos poderiam cooperar e participar do processo. No decorrer do estudo, procuramos ouvir os depoentes e, na medida do possível, motivar a possibilidade para que a criação e o desenvolvimento de uma tecnologia social da instituição abordada fosse extremamente enriquecedor para uma contribuição mais ampla na sociedade.

Dessa forma, conseguimos proporcionar uma base de discussão onde seria possível vislumbrar a possibilidade de planejar o projeto da organização com fundamentos para avaliação, sistematização e disseminação da prática adotada, onde seria fundamental para os resultados mais amplos, a médio e longo prazo. Caso contrário, não estaria sendo construído um projeto social da organização ali estudada e sim um projeto de um indivíduo, de um ex-atleta profissional, de uma pessoa. Portanto, procuramos demonstrar que sistematizar a prática com um método contínuo de avaliação é algo relevante. Até mesmo para a contribuição dos projetos sociais na perspectiva do desenvolvimento local e regional, onde seria então recomendável avaliar e aferir os resultados, ainda que tenham medidas diferentes.

A indicação de uma metodologia seria adequada para o foco específico para a ação qualitativa participativa, como um instrumento alternativo na aplicação dos questionários por meio da metodologia de história oral, de forma a possibilitar o aprofundamento do conteúdo sobre o assunto com diferentes públicos que se exercem uma interação. Tornava-se necessário ouvir os depoentes, fazendo parte do universo pelo qual eles pertenciam, não

desempenhando nenhuma função avaliadora específica do desempenho de suas atividades exercidas, mas sim analisar um cenário do que era praticado e de que forma era operado.

Pelo compromisso de prazo que tínhamos a obedecer no calendário acadêmico, a metodologia qualitativa participativa seria o modelo adequado. Esse modelo atenderia nossas expectativas no sentido de testar as hipóteses do projeto e compreender se o trabalho desenvolvido pelas instituições, além de contribuir com alguma transformação nas comunidades, estaria em evolução para a criação de alguma tecnologia social que pudesse futuramente ser disseminada. No decorrer do trabalho, tivemos a preocupação de expor com muita transparência a pesquisa acadêmica que estava sendo feita, com o intuito de realizar a avaliação participativa e não uma espécie de ‘avaliação externa’ que pudesse dar a entender ser uma ‘auditoria’ no projeto.

O processo teve uma primeira etapa de sondagem, apuração de dados para processarmos informações e definir objetivos da pesquisa. Na segunda etapa, foi necessário expor o que é, a importância e os motivos da ação da pesquisa proposta no projeto e de que forma conseguiríamos envolver uma participação de todos no processo. Em seguida, iniciamos o plano de avaliação com as perguntas, transcrições e fundamentações necessárias. Em muitos casos, principalmente os depoimentos das famílias e responsáveis dos usuários dos projetos, foi de extrema importância a contribuição da área social da organização, que criou facilitadores para as visitas domiciliares e a liberdade para uma fala mais elaborada e consistente.

Procuramos desenvolver o plano de pesquisa num período de dez meses. Dessa forma, era necessário focar o processo avaliativo no início do ano letivo e completar um período total de dez meses de análise. Não foi possível o ajuste pleno com essa conformidade por algumas questões de calendário acadêmico e também por alguns momentos de greve nas escolas públicas municipais, principalmente na cidade de Niterói, onde apuramos uma unidade da Fundação Gol de Letra. Ainda assim, conseguimos recolher material suficiente para atender os objetivos do projeto.

Com a maioria dos entrevistados, principalmente com os beneficiados dos projetos (crianças, jovens e famílias), era necessário elucidar o sentido do que efetivamente era entendido por família, cidadania, direitos e, nesse contexto, como era percebido e compreendido essa relação estabelecida com as organizações sociais. Era necessária essa

reflexão também com os educadores, instituidores, parceiros, colaboradores e demais atores sociais no sentido de compreender se o entendimento e a interpretação desses conceitos eram estabelecidos de forma igualitária e harmônica.

Observamos algumas características importantes nos projetos, como é o caso da Fundação Gol de Letra que, dois anos após dar início em sua operação na unidade paulista, conseguiu instituir uma nova operação na cidade de Niterói, com características adequadas àquela região, porém com uso da mesma metodologia desenvolvida até então. Iniciamos a pesquisa com um contato telefônico e por e-mail com as coordenações dos projetos para que pudéssemos agendar um plano de visitas ao longo de um período de dez meses, alternando depoentes do poder público, escolas, educadores, crianças e jovens atendidos nas instituições, famílias e responsáveis dos usuários, parceiros, voluntários e colaboradores. Em paralelo, mantivemos contato permanente com os instituidores dos projetos para entrevistas e consultas isoladas.

Ao contrário do que se pensa, não é algo simples estruturar uma Fundação ou Instituto, ainda que boa parte da sociedade desenvolva o imaginário de que muitos jogadores de futebol, com uma carreira profissional bem-sucedida e com um acúmulo rápido de fortuna, acabem por estruturar uma organização social com o objetivo de obter isenção de impostos e realizar um trabalho de ‘marketing pessoal’ e imagem. Contudo, nem sempre o esforço pode compensar, conforme depoimento do ex-zagueiro e capitão da seleção brasileira Ricardo Gomes.

“(…) as pessoas falam muito e falam sem saber, principalmente o que é construído pela imprensa. Acho que você “fazer uma doação” é uma coisa. Agora, você “se doar” para montar um trabalho social, se entregar pra isso, tomar o seu tempo, se expor, ‘comprar’ esse tipo de problema,... a coisa é diferente. Não importa se isso teria ou não isenção fiscal, nem sei se seria tão assim.... Mas só pela aporrinhção que pode dá, pela ‘dor de cabeça’ de ter que pensar e estruturar uma coisa dessas.... não é simples não. Acho que exemplos como o do Raí e do Leonardo servem de exemplo para isso. Eles acharam uma fórmula, um modelo e estão fazendo o trabalho da Fundação Gol de Letra. Tenho certeza que isso servirá de exemplo para outros...”¹⁴¹

¹⁴¹ Ricardo Gomes. Entrevista concedida ao autor em 11/01/2005.

As características descritas no depoimento do ex-zagueiro tricolor e da seleção brasileira e atualmente técnico de futebol confirmam algumas questões presentes no imaginário coletivo da sociedade e também nos entraves burocráticos e dificuldades na legislação vigente, por conta da herança que temos com problemas de corrupção e ilegalidades na área social e da filantropia, o que até chegou ser denominada informalmente de “pílantropia”. Por outro lado, uma figura pública como um jogador de futebol profissional, vir a instituir uma ONG, sempre será alvo de críticas e comentários acerca das motivações que o leva a ter essa iniciativa. Existe uma enorme desconfiança da sociedade e também uma grande falta de informação sobre a questão.

Citado no depoimento de Ricardo Gomes, a Fundação Gol de Letra, instituída pelos seus companheiros de seleção brasileira Raí e Leonardo, é uma espécie de organização modelo, que soube desenvolver uma metodologia inovadora e diferenciada para lidar com o tema futebol em prol de causas sociais.

“Conheço o trabalho da Fundação Gol de Letra. Procuo contribuir sempre que posso e acredito muito nesse caminho. Acredito muito nessas iniciativas. Sou capaz de me arriscar a dizer que, num futuro próximo, acho que teremos um presidente da República proveniente do terceiro setor”¹⁴²

Verificamos que o quadro atual de proteção integral à criança e ao adolescente favorece uma ampla e complexa rede de serviços voltada para o que se convencionou chamar de ‘garantia dos direitos infanto-juvenis’. Ainda assim, a composição desta rede e a atuação de seus agentes ficam dependentes da veracidade de dados e informações diagnosticadas pelos institutos de pesquisa, que muitas vezes não conseguem aferir a situação real existente nas cidades e no país. É nessa perspectiva que percebemos um avanço nos últimos anos, no surgimento de institutos, fundações, ONGS, que objetivam não só o trabalho de estudo e pesquisa, como também a produção de conhecimento e política de atendimento à criança e o adolescente. Esse trabalho tem sido fundamental para o desenvolvimento do processo científico de produção de conhecimento e do processo político de melhora da qualidade de vida, o que nos faz concluir que a atuação científica

¹⁴² *Id., ibid.*

aliada ao processo sócio-político de um país contribui enormemente para uma sociedade mais eqüitativa e sustentável.

Em 13 de julho de 1990 foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069), com o objetivo de garantir os direitos básicos que toda criança e adolescente devem ter. Colocar em prática o que o Estatuto reza no papel constitui-se o grande desafio da sociedade, não só do ponto de vista operacional, mas também político. Existem muitas dificuldades que são enfrentadas e que passam pela histórica falta de estrutura institucional e pela extensão territorial do país. Os projetos aqui pesquisados – Fundação Gol de Letra, Instituto Bola Pra Frente e Fundação Cafu - possuem como foco de atuação a causa da educação integral com atendimento direto por meio de práticas sócio-pedagógicas, tendo sua base constituída no Estatuto da Criança e do Adolescente. Ou seja, o acesso básico à saúde, moradia, alimentação e educação, garantidos pelo estatuto, e o pleno desenvolvimento dessa criança em sua formação cultural e social para o exercício de sua cidadania.

Nesse sentido, percebemos no trabalho desenvolvido pelas instituições pesquisadas, a preocupação de lidar com o entendimento do futebol como um *meio* e não como um *fim*. Ou seja, a possibilidade de utilizar o futebol como um instrumento de potencial alavancador de iniciativas de mobilização social e não mais a idéia de que “escolinhas de futebol” ajudam a “tirar” a criança da rua, do tráfico e gera oportunidade em seu desenvolvimento. Percebemos que as organizações estudadas, seus instituidores, gestores, colaboradores e funcionários, possuem uma visão mais ampliada das perspectivas e possibilidades que podem ser factíveis pelo uso do futebol como um meio de transformação social e não somente um fim em si mesmo, como prática e modalidade esportiva.

Um fator que consideramos de grande influência para esse pensamento foi a iniciativa do atleta Ayrton Senna, um brasileiro que conseguiu uma imagem vitoriosa com suas conquistas reconhecidas por diversos países, com seu talento, competência e determinação nas pistas de automobilismo. Certamente serviu de referência a paixão de Ayrton Senna pelo Brasil, sua postura e conduta como atleta profissional e o fato de ter confidenciado para sua irmã Viviane dois meses antes de sua morte sobre os planos que tinha para estabelecer alguma ação de ajuda ao povo brasileiro, especialmente crianças e jovens, talvez as principais vítimas de uma sociedade desigual. O sonho de Ayrton foi

concretizado com a criação do Instituto Ayrton Senna, uma organização sem fins lucrativos e que é mantida pela integralidade dos *royalties* de todos os contratos de imagem de Ayrton Senna, da marca Senna e do personagem Senninha, doados integralmente por sua família.

Desde que foi fundado em 1994, o Instituto Ayrton Senna está apoiando programas que atendem mais de 40.000 crianças e adolescentes brasileiros em situação de risco pessoal e social. São programas que vão desde nutrição e saúde infantil até educação, profissionalização, esportes e cultura. O Instituto Ayrton Senna é considerado um modelo para as organizações pesquisadas e os instituidores reforçam o carinho, o respeito e a admiração pelo ex-piloto. Dessa forma, a educação integral em benefício de crianças e jovens parece ter conquistado esses esportistas brasileiros como um aliado importante para promover um movimento crescente ao longo do tempo, no sentido de provocar a criação de novos projetos e iniciativas que possam contribuir para a formação de outras gerações.

Afinal, uma nova ordem do mundo parece ameaçadora aos jovens. As relações produtivas se transformaram ao longo do tempo, exigindo mão-de-obra qualificada que saiba identificar o que é importante para o trabalho. Portanto, a aquisição de características como flexibilidade, articulação, autonomia de pensamento, ação e capacidade de integrar conhecimentos vindos de outras áreas fazem parte de um conjunto de habilidades necessárias para o contexto atual. Por isso, capacidade e autonomia são requisitos necessários para enfrentar a realidade que se apresenta. Possibilitar subsídios para que esses jovens possam conseguir uma formação cultural, social e também um espaço no mercado de trabalho, além de desenvolver a capacidade de construir a própria vida, relacionar-se com a família, colegas de trabalho e com o mundo que o cerca, são objetivos em comum a serem perseguidos nos projetos sociais aqui estudados.

Uma pesquisa recente coordenada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e pelo Instituto Pólis, realizada nas principais regiões metropolitanas do Brasil, revela anseios e demandas de jovens para participação na vida pública.

“O jovem metropolitano admitiria participar mais da vida pública e de ações coletivas – desde que estas resultassem em melhorias para a sociedade e que houvesse canais adequados de participação. Esta é uma das conclusões da pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas*, que ouviu 8 mil jovens de 15 a

24 anos em sete regiões metropolitanas do Brasil mais o DF, entre outubro de 2004 e maio de 2005.”¹⁴³

O levantamento, cujo relatório final traz recomendações de políticas voltadas para os jovens, foi entregue para autoridades municipais, estaduais e federais. A pesquisa incluiu duas fases: um levantamento quantitativo (8 mil entrevistados) e uma bateria qualitativa (com 39 grupos de diálogo reunindo 913 jovens) realizada com base em metodologia – inédita no país – fornecida pelo instituto *Canadian Policy Research Networks*. O objetivo da pesquisa - financiada pelo *International Development Research Centre (IDRC)*, Canadá - foi o de conhecer o potencial de participação do jovem na vida pública.

A pesquisa revela que o jovem urbano no Brasil tem entre suas principais reivindicações uma escola de melhor qualidade, melhor qualificação profissional, mais espaços de cultura e lazer próximos ao seu local de moradia. Predominantemente de classe C (44%), também pede segurança - violência é um dos principais impedimentos para o acesso à cultura - e que os governantes sejam menos corruptos, mais responsáveis e comprometidos com a melhoria efetiva das condições de vida. O jovem urbano brasileiro do século XXI ainda participa pouco da vida pública (28% fazem parte de algum grupo, na maioria religiosos), mas se preocupa com o futuro do país e espera que os governos ajudem em sua inclusão social. As regiões metropolitanas pesquisadas foram Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, além do Distrito Federal.¹⁴⁴

Atualmente, a educação no Brasil encontra-se num cenário preocupante. A raiz deste problema está nos primeiros anos da vida escolar. Na análise dos educadores e coordenadores dos projetos pesquisados, observa-se o quadro de crianças e adolescentes com grandes dificuldades, sobretudo na leitura e na escrita. Eles passam alguns anos dentro da escola sem se alfabetizarem e, por conseguinte, surgem os problemas de aprendizagem que vão desanimando o aluno e comprometendo seu futuro. As três instituições pesquisadas são unânimes em afirmar que o maior índice de criminalidade está entre os jovens de 15 a 24 anos que não concluíram o ensino fundamental. Assim sendo, o trabalho realizado nas

¹⁴³ Itamar Silva – Pesquisador do Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (IBASE). Entrevista concedida ao autor em 30/11/2005 na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

séries iniciais deve estar comprometido com a qualidade, para que o aluno seja impulsionado pelo seu bom desempenho, optando por dar continuidade aos estudos. Com base nos problemas citados, as organizações pesquisadas procuram apresentar uma proposta sócio-educacional que seja capaz de minimizar tais questões, gerando uma mudança de comportamento nas comunidades atendidas. Além disso, a ação de educação complementar oferecida pelas instituições aponta para a necessidade da educação integral.

O Instituto Bola Pra Frente, por exemplo, acredita que o esporte exerce grande influência no comportamento e interesse de crianças e jovens. O sonho de ser jogador de futebol torna-se algo possível representado na figura dos instituidores Jorginho e Bebeto, ainda mais para aqueles que nasceram e cresceram nas suas comunidades. Contudo, é de fundamental importância ter ciência de que a competitividade é grande e que poucos conseguem emergir nesse mercado. A filosofia atualmente desenvolvida pelo Instituto Bola Pra Frente está fundamentada na idéia de mostrar que todos somos “craques” em alguma área de nossas vidas, possuímos vários talentos que precisamos cultivar ou aperfeiçoar. Desta forma, os projetos podem cumprir de forma mais efetiva as transformações sociais sonhadas e idealizadas. Os projetos acreditam que a essência da atividade esportiva, em qualquer modalidade, está na capacidade de integração com o ensino-aprendizagem, levando para dentro da sala de aula e para o convívio familiar, o senso de respeito, união e disciplina, uma vez que estas práticas são essenciais para o exercício da cidadania.

A ousadia desses projetos pesquisados reside na integração do esporte com uma proposta pedagógica. Todas as instituições pesquisadas procuram uma aproximação dos conteúdos em sala de aula, a fim de assegurar um ambiente prazeroso no desenvolvimento das potencialidades cognitivas.

“Acho importante encontrar um caminho diferente para educar. Parafrazeando, o mestre Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Portanto, isto nos leva a crer que se faz necessário o desejo de aprender. (...)”¹⁴⁵

¹⁴⁵ Jorginho. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005.

Não basta somente um ambiente físico, material adequado e profissional, é necessário o conhecimento da realidade, o comprometimento do profissional com um senso de justiça e com a ética, o conhecimento das teorias educacionais e do processo ensino-aprendizagem e ser um observador constante das características individuais.

“(...) E acima de tudo, seja alguém (*o educador*) apaixonado pelo outro, pela vida, pelo mundo e que acredite fundamentalmente que sua profissão é algo especial: é ser agente transformador da sociedade, para que desta forma possa assegurar a democratização do ensino, fazendo da educação um instrumento de libertação do pensamento para todos os cidadãos brasileiros (...)”¹⁴⁶

Durante a pesquisa, procuramos observar de que forma os instituidores dos projetos sociais estudados apontam para possibilidades e desdobramentos do trabalho que decidiram iniciar. Em quase todos os casos, o uso do capital social e sua rede de relacionamentos efetiva-se como um campo amplo para prática de diversas outras ações. Assim como todos resolveram iniciar seus projetos com base no Instituto Ayrton Senna, todos acreditam que seja possível uma nova geração de jogadores que possam seguir a mesma trajetória.

O caso da Fundação Gol de Letra, talvez por ser a organização mais antiga de todas - iniciou suas atividades em 1999 -, conta com muitas ações que estão descritas previamente em seu planejamento estratégico. A instituição busca recursos para um trabalho de avaliação externa do seu processo de trabalho e, uma vez feito isso, a instituição pretende sistematizar as práticas sócio-educativas realizadas para futuramente disseminar sua metodologia em outras regiões, em outros bairros e cidades.

“No início da implantação da Gol de Letra, contamos com o apoio da Fundação Kellogs com uma ajuda no financiamento do projeto. Estamos fazendo contato novamente com eles para checar se há interesse em financiar essa avaliação que pretendemos fazer. Afinal, acho que é de interesse deles,

¹⁴⁶ Jorginho. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005.

passados os seis anos de trabalho, avaliar os frutos do que foi plantado com a ajuda deles”¹⁴⁷

Avaliar a metodologia para uma possibilidade de disseminar é uma forma de construir sua tecnologia social e fazer uso dela em outros espaços, com outros atores sociais, sempre com uma finalidade de bem público. Dessa forma, a Fundação Gol de Letra procura cumprir o texto estabelecido em sua visão, em ser reconhecida como uma instituição que desenvolve e dissemina práticas educativas.

Ainda no início do percurso que levará ao desenvolvimento e conclusão da sua tecnologia social a ser disseminada, a Fundação Gol de Letra já está sendo procurada para o uso de sua metodologia, de sua marca e rede de relacionamentos.

“O Diego, que jogou no Santos e hoje atua no Porto em Portugal, nos procurou. Ele nasceu em Ribeirão Preto e disse que quer fazer um projeto Gol de Letra lá. Achamos interessante a sua iniciativa, estamos conversando e vendo de que forma podemos viabilizar e instituir o projeto na cidade”¹⁴⁸

Não só o jogador Diego, mas o músico Toni Garrido, vocalista do grupo Cidade Negra, também fez contato com Leonardo para a realização de algum projeto com uso da metodologia Gol de Letra na cidade do Rio de Janeiro.

“O Toni me procurou, já havia uma relação nossa de amizade, de consideração. Ele pensa em fazer um trabalho de futebol de praia com jovens de favela e queria o nosso apoio. Estamos conversando, analisando, e o Toni está aberto para algum outro tipo de possibilidade que não seja exclusivamente o futebol de praia. Ele se colocou disponível e isso é muito bacana”.¹⁴⁹

Além das possibilidades que surgem pela Fundação Gol de Letra, Raí e Leonardo buscam outras formas de uso do futebol como um meio de transformação social. Leonardo,

¹⁴⁷ Raí. Entrevista concedida ao autor em 07/06/2005.

¹⁴⁸ *Ibidem*.

¹⁴⁹ Leonardo. Entrevista concedida ao autor em 18/05/2005.

atualmente morando em Milão, na Itália, retornou ao Milan - clube onde atuou como jogador - para exercer uma função de dirigente de futebol no ano de 2002. A condição de Leonardo para aceitar o convite foi o pedido ao presidente do Milan, Silvio Berlusconi, para a criação de uma ONG que pudesse utilizar o potencial do clube para alavancar apoio a projetos sociais na Itália e em outros países. O pedido foi prontamente aceito e assim foi criada a Fondazione Milan, tendo à frente o seu presidente Leonardo Araújo, um brasileiro muito bem adaptado a um dos maiores centros de futebol da Europa e usando o capital social e econômico do clube a serviço de projetos sociais.

No Brasil, o parceiro Raí não só assume a direção executiva da Fundação Gol de Letra como também vislumbra a criação de novos projetos. Raí está em negociação com um fundo de investidores para a compra do clube Botafogo de Ribeirão Preto, onde iniciou sua carreira profissional, no intuito de criar um “clube comunidade”, que possa exercer a atividade principal, o futebol, mas que possa também fazer uso de outras formas em benefício da cidade. Dessa forma, Raí conta com o interesse da iniciativa privada e do suporte do Instituto Ethos para a formatação do projeto. Um passo importante está sendo feito em parceria com a INCAE Business School, instituição de ensino situada na Costa Rica, que conta com um projeto de responsabilidade social desenvolvida pelo professor Roberto Artavia Loria.¹⁵⁰

“O projeto da INCAE é bem diferente do que hoje se cultua no mundo, os modelos desenvolvidos na Europa. Eles fizeram um projeto de responsabilidade social para o time, onde existe um foco para a comunidade. Ou seja, você pode usar o estádio em horário ocioso para servir a comunidade, pode usar a imagem do atleta para ações comunitárias, sensibilizar empresas a ficarem engajadas no projeto, não somente pelo futebol como um fim, mas como uma causa de movimentos populares na cidade. Isso é muito interessante”.¹⁵¹

Raí não deseja replicar projetos de futebol realizados fora do Brasil, utilizando-os como modelo a ser seguido. O objetivo é desenvolver a compreensão exata do futebol

¹⁵⁰ <http://www.incae.ac.cr> acessado em 10/09/2005; Raí. Entrevista concedida ao autor em 07/06/2005; Roberto Artavia Loria – Professor do INCAEBusiness School – Costa Rica. Entrevista concedida ao autor em 07/06/2005 na cidade de São Paulo.

¹⁵¹ Raí. Entrevista concedida ao autor em 07/06/2005.

como negócio, com o intuito de traçar uma estratégia de atuação num clube brasileiro. Buscar a sustentabilidade, tanto no âmbito econômico quanto social. Para isso, procura desenvolver parcerias junto à esfera privada e aproximar a equipe da comunidade. Como exemplo, no time da Costa Rica, oito dos trinta e dois atletas do elenco participam ativamente dos projetos sociais do clube (1 hora por semana), e o estádio, pouco utilizado nos dias em que não há jogos, foi oferecido para outras atividades de interesse da sociedade, como aulas de catequismo. O resultado, segundo Roberto Loria, foi um fortalecimento da relação entre o clube e a torcida/comunidade, chave para a sustentabilidade econômica e social.¹⁵² O que comprova alguns aspectos do nosso estudo, no sentido de compreender o conceito do futebol, muito mais do que um fim, um catalisador de negócios, mas como ações sócio-culturais que podem contribuir para o desenvolvimento local.

Outro ponto a ser observado não somente na Fundação Gol de Letra, mas em todos os outros projetos pesquisados, é a questão do relacionamento corporativo. A questão do futebol relacionada a projetos sociais na perspectiva de parcerias para financiamento é sempre algo complexo. Na maioria das vezes, as empresas sempre desejam tirar proveito da imagem do jogador de futebol / instituidor do projeto social e não pensam efetivamente na parceria do projeto em si. Dessa forma, a empresa propõe como contrapartida oferecer doação para o projeto em troca da presença do jogador em alguma coletiva de imprensa, coquetel ou evento. O empresário cita que pode fazer uma doação com essa condição, ou seja, a empresa não percebe ou finge não perceber que a tal “doação” com “contrapartida” nada mais é do que o cachê do jogador que estaria sendo doado. Nesse sentido, o doador é o jogador e não o empresário ou a empresa. Além disso, poucas vezes o jogador percebe esse tipo de situação, ele não consegue distinguir bem até onde vai o limite para posicionar-se sobre a proposta oferecida pela empresa. Além disso, a própria sustentabilidade financeira do projeto é uma dificuldade e ele julga que no momento em que aceitar a proposta da empresa pode ser o início de um relacionamento capaz de prosperar e proporcionar um futuro financiamento do projeto. O empresário, por sua vez, costuma dizer que pretende investir no projeto em longo prazo, mesmo não demonstrando interesse para entender do

¹⁵² Roberto Artavia Loria. Entrevista concedida ao autor em 07/06/2005.

que se trata o projeto. E boa parte deles ainda pensa que os projetos são “escolinhas de futebol para criança carente”.

Percebemos isso no caso do ex-jogador Raí. Morando no Brasil desde que retornou da França em 1998, Raí é freqüentemente assediado com propostas de empresas para associação a produtos, anúncios, eventos. É verdade que muitas propostas conseguem ser direcionadas de forma efetiva para parceria com a Fundação Gol de Letra, mas um volume considerável de pedidos se baseiam em ações superficiais de associação de imagem. Nesse sentido, torna-se necessário a existência de uma cultura organizacional na Fundação, com o objetivo de pensar a sua imagem institucional em longo prazo, sem se deixar seduzir por doações esporádicas em troca de um desgaste excessivo da imagem de seus instituidores. Na Fundação Gol de Letra, diversas propostas do gênero são recusadas e, certamente, isso contribuirá para um conceito de imagem mais efetivo para a organização.

“(...) É um trabalho de formiguinha... Mas aos poucos vamos criando nas empresas uma forma de entender isso. Aliás, hoje, na maioria dos casos, as empresas quando nos procuram já começam a ter uma outra postura. Chegam até nós pela credibilidade do Raí e do Leo e desenvolvem uma confiança em nossos projetos (...)”¹⁵³

No mercado internacional, cerca de 60% do financiamento de projetos são gerados de fundos internacionais, devido ao bom relacionamento e imagem dos atletas pelos países por onde jogaram. Cafu - ainda em atividade como jogador profissional na Europa -, continua sendo o principal articular para captação de recursos da sua Fundação; Jorginho, do Instituto Bola Pra Frente, já atuou na Alemanha e mantém sua rede de relacionamentos por lá. Raí jogou na França e conseguiu montar uma Associação Gol de Letra com a ajuda de amigos para captar recursos para a sua Fundação no Brasil. O mesmo aconteceu com Leonardo, hoje dirigente do Milan, que estruturou a Associação Gol de Letra Itália, que desenvolve campanhas e eventos com o objetivo de captar recursos também para a instituição no Brasil.

¹⁵³ Sóstenes Oliveira. Entrevista concedida ao autor em 09/09/2005.

“O trabalho executado por uma organização do governo sempre será um trabalho público. Agora, percebo que o trabalho desenvolvido por essas organizações não-governamentais [como a Fundação Gol de Letra] são também de espírito público, porém não necessariamente são organizações governamentais. Elas são um forte aliado para qualquer governo. (...) Eu quero é a ajuda da Fundação Gol de Letra lá na prefeitura (...)”¹⁵⁴

Segundo depoimento do atual prefeito de São Paulo, José Serra, em sua visita para conhecer a unidade paulistana da Fundação Gol de Letra, é possível a realização de projetos sociais que saibam desenvolver uma metodologia inovadora por meio de caminhos diversos, como o caso do futebol, que proporcionem um benefício público, mas que não sejam efetivamente uma organização mediada e operada pelo poder público.

“(...) É claro que não queremos substituir o Estado nem a escola formal. Acho que essas organizações trabalham como aliadas de uma prefeitura, de um governo estadual, federal. Viemos para somar, para contribuir (...)”¹⁵⁵

Foi-se o tempo em que era comum o comentário que “faltava alguns poucos anos para o ano 2000”, como se essa referência fosse um sinônimo de um patamar de chegada a um lugar onde algumas metas seriam cumpridas e muitos problemas seriam solucionados. O tempo passou e todos nós continuamos em busca de novas trajetórias com novas referências. Neste início de terceiro milênio, o Brasil procura alguma forma de renovação, a sociedade cada vez mais parece perceber a importância para o desenvolvimento de uma consciência sobre o quanto se faz necessário equilibrar a economia para que se possa atingir os benefícios de um novo estágio de crescimento. Da mesma forma, existe uma demanda ampla, coletiva, inadiável, que urge por um processo de construção de um país ambientalmente sustentável, de mais inserção social e de conquista definitiva da cidadania.

Este trabalho acadêmico possui como finalidade ser um instrumento útil que contribua para esse processo de construção e transformação, na medida que impulse e

¹⁵⁴ José Serra – prefeito de São Paulo. Entrevista concedida ao autor em 30/08/2005.

¹⁵⁵ Leonardo. Entrevista concedida ao autor em 06/01/2005.

permita pensar novas possibilidades para o uso de um esporte secular chamado futebol como um elemento que possa promover o desenvolvimento da cidadania. Que possa ser mais um facilitador para democratizar o conhecimento de uma forma criativa e diferenciada, valorizando a diversidade cultural brasileira com o intuito de promover a inclusão social para indivíduos das comunidades populares que, de alguma forma, não consigam o favorecimento e a conquista dos seus direitos elementares.

Percebemos que atualmente aumenta o número de trabalhos sociais que procuram utilizar o esporte como inserção social. Mas ainda precisa ser avaliado se esses projetos, de fato, estão contribuindo e provocando algum tipo de transformação nas comunidades e no público atendido. Em caso positivo, torna-se necessário avaliar quais são os indicadores de resultados e que mecanismos podem ser implementados de modo que possa ser sistematizado e disseminado as práticas sócio-educativas desenvolvidas e aplicadas. Portanto, mais do que simples escolinhas de futebol, o ídolo do futebol precisa desenvolver sua representatividade por meio de práticas sócio-educativas que possam contribuir para a formação de uma nova geração, que possa ser suficientemente autônoma e provocar transformações em suas realidades.

Neste estudo, foi possível constatar que talvez não exista ainda uma receita A ou B para a aplicabilidade de um projeto social instituído por um atleta profissional campeão mundial, mas pelo menos podemos compreender de que forma o futebol, mais do que uma simples modalidade esportiva pode e deve provocar a criação de projetos de mobilização popular a partir de um trabalho prático multidisciplinar, capaz de revitalizar e transformar o comportamento de uma comunidade.

Foi possível perceber como o futebol é suficientemente capaz para construir uma ampla mobilização social num contexto específico de cidadãos organizados e que esse trabalho só é possível quando se conhece e se respeita o processo de ação coletiva em questão. Dessa forma, é perfeitamente possível promover um modelo de análise nos processos reais de relacionamentos desenvolvidos pelos públicos envolvidos e assim, percebermos o papel fundamental do elemento futebol, principalmente nos aspectos da comunicação e domínio das mídias em seus usos e influências para administrar amplas redes de relacionamento.

Nesse sentido, destacamos a importância da comunicação estratégica para que não permita “alimentar” o imaginário social da população no foco do futebol como algo que salva uma pátria, muda o país, enriquece mercados diretamente. Deve-se pensar nos riscos da utilização do futebol na linguagem midiática, que pode ser capaz de provocar frustrações e falsas expectativas em jovens, adolescentes e famílias, como também a interpretação equivocada da sociedade em geral, que pode convencer-se em definitivo que a prática esportiva do futebol pode traduzir uma perfeição de país. A importância de entender o processo de comunicação com uma visão a partir dos públicos e não dos instrumentos, seria muito útil para posicionar estas questões sob uma ótica humanista e verdadeiramente interessada na participação ampla e democrática, uma comunicação para a mobilização social, permitindo uma nova reflexão sobre as funções e características deste universo nos projetos de mobilização social que venham propor um compromisso ético e que buscam identificar o papel dos profissionais envolvidos nos projetos.

Os projetos sociais que utilizam o esporte, em especial, o futebol - tema que ocupa o maior espaço editorial em todos os veículos de comunicação do país - necessita desenvolver um melhor aproveitamento para o desenvolvimento de demais iniciativas de projetos sociais, como também saber usufruir, de forma eficiente, do espaço mediatizado, transformando as lutas e militância comunitária por reconhecimento, em lutas por visibilidade. Fazer-se ver e ouvir torna-se necessário no cenário das turbulências políticas do mundo moderno. A busca pela visibilidade surge em função da necessidade de que as reivindicações e preocupações dos indivíduos tenham um reconhecimento público, servindo de apelo à mobilização dos que não compartilham o mesmo contexto e espaço temporal. A grande mídia é vista como um espaço privilegiado para a exposição das causas e ações dos projetos, visto que oferece uma visibilidade ampliada das disputas e controvérsias existentes na vida social e se torna central para a divulgação das produções simbólicas que acontecem nos diversos campos sociais.

Foi possível perceber no estudo o quanto o desejo e a iniciativa dos instituidores dos projetos são manifestações em prol da vida de um amplo e variado universo de indivíduos que buscam dimensões significativas em seus destinos e que pode ser analisado como um novo despertar, uma nova forma de acreditar na vida, no futuro. Os instituidores, líderes incontestáveis, contam com fiéis seguidores que procuram aderir à causa e provocar

um importante trabalho para diversas camadas sociais e de comunidades inteiras para a busca de condições de vida mais dignas, pautadas pelo desejo de interferir no processo histórico, sua vontade de posicionar-se como sujeitos e seu anseio de realizar-se como espécie humana.

A busca incessante pela ampliação da sociedade civil, evidenciada principalmente pelo crescimento das manifestações sociais, provoca novos questionamentos quanto à importância para o desenvolvimento de novos projetos do gênero.

Ao longo desta pesquisa, na voz de cada depoente, na fala sincera, franca, espontânea, fraterna, solidária. Em cada organização, um desafio diferente e uma solução criativa. A comunidade que acredita sair ganhando, num jogo que vale, acima de tudo, a descoberta de valores, crenças e novos desafios, as trocas de conhecimento e a forma de informar, entreter, educar, mobilizar.

* * *

Bibliografia

ABAD, M. *Possibilidades e limites da participação juvenil para o impacto na agenda pública*. Recife: Fundação Kellog, 2004 (Coleção jovens e juventude: contribuições, redes e juventude).

ABREU, Alzira, BELOCH, Israel, LAMARÃO, Sérgio, LATTMAN-WELTMAN, Fernando (orgs.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB) – Pós-1930*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001, 5 vol.

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1990.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo, Ed. Ática, 1989.

AUSTIN, James E. *The invisible side of business leadership. Leader to leader*. Futura, 1998.

_____. *Corporate community service: achieving effective engagement*. Harvard Business School Working Paper. Boston: Harvard Business School, 1997.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginário Social*. In: Enciclopédia Einaudi – vol.5: Antrhopos/Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, Ana Christina Moreno Maia. *Redes locais de atenção à criança e ao adolescente*. Rio de Janeiro: BNDES, 2002.

BELLOS, Alex. *O Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____ *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1989.

_____ A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BRASIL. LEI. DECRETO. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de Julho de 1990* – Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

CASTRO, M. G. *Protagonismo juvenil em proyectos locales: lecciones Del Cono Sur*. Santiago: CEPAL / UNESCO, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

CARVER, J. *Boards that make a difference: a new design for leadership in nonprofit and public organizations*. San Francisco: Jossey-Bass, 1997.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *ONG: Espaço de convivência*. São Paulo: CENPEC/UNICEF, 1999.

CHIANCA, Thomaz; MARINO, Eduardo; SCHIESARI, Laura. *Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações da sociedade civil*. São Paulo: Global, 2001.

COLL, César. *O Construtivismo em sala de aula*. São Paulo: Ática, 1998.

COSTA, Gleiner Vinicius Vieira. *Brasil, Nova República e Imprensa. A ascensão e queda de Fernando Collor*. Monografia de conclusão de Bacharelado em História. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2005.

CRONBACH, L. *Designing evaluations of educational and social programs*. San Francisco: Jossey-Bass, 1982.

DAMATTA, Roberto. Brasil: Futebol tetracampeão do mundo. Entrevista para a Revista Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, UERJ, 1995.

_____. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: Revista da USP, São Paulo, n.22, jun./ago. 1994.

_____. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto et al: *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir - relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez/Brasília: MEC/UNESCO, 1998.

DIAS, Mauricio. TENDLER, Silvio. *Jango: Como, quando e porque de depõe um presidente*. Rio Grande do Sul: L&PM, 1984.

DRUCKER, Peter. *Management: task, responsibilities, practices*. Nova York: HarperCollins, 1993.

FERNANDES, Rubens. *Privado porém público: o terceiro setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FILHO, Mario. *O Negro no futebol brasileiro*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964 [1933].

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol – Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Eduff, 1998.

HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HOBBSAWM, Eric. *Introdução: a invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.

KISIL, Rosana. *Elaboração de projetos e propostas para organizações da sociedade civil*. São Paulo: Global, 2001.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando, CARNEIRO, José Alan Dias & RAMOS, Plínio de Abreu. *A imprensa faz e desfaz um presidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História [1950]*. In: Lévi-Strauss [Col. Os Pensadores]. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LOVISOLO, Hugo. *Estética, esporte e educação física: ensaios*. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1997.

MAGALHÃES, Mario. *Viagem ao país do futebol*. São Paulo: DBA, 1998.

MARINO, Eduardo. *Manual de avaliação de projetos sociais*. 2 ed. São Paulo: Instituto Ayrton Senna/Saraiva, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MAXIMO, João. *João Saldanha: sobre nuvens e fantasia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

_____. *Maracanã. Meio século de paixão*. São Paulo: Dórea Books and Art, 2000.

MAZZONI, Thomaz. *História do futebol brasileiro*. s.l., Leia, 1950.

MILLS, John Robert. *Charles William Miller – Centenário*. Price Waterhouse, 1994.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra!* Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MOURA, G. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MURAD, Maurício. *O lugar teórico da sociologia do futebol*. Revista de Campo, Rio de Janeiro: UERJ, n.2, 1995.

_____. *Futebol e cidadania*. Revista de Campo. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

_____. *Pesquisa de Campo. Brasil: Futebol tetracampeão do mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

_____. *Dos pés à cabeça*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

RIBEIRO, Renato Janine. *A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ROCHA, João Cezar de Castro. Dialética da marginalidade – caracterização da cultura brasileira contemporânea. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 de fevereiro de 2004. Caderno *Mais!*.

RODRIGUES, Ernesto Carneiro. *Ayrton: o herói revelado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

RODRIGUES, Nelson. *Á Sombra das chuteiras imortais – crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENNÁ, Viviane. *Acreditando no Brasil luminoso - Relatório Anual de Atividades, Instituto Ayrton Senna*, São Paulo, 1999.

SCAGLIA, A. J. Escola de futebol: uma prática pedagógica. In: NISTA-PICOLO, V. L. (Org.). *Pedagogia dos esportes*. Campinas: Papirus, 1999.

TUBINO, Manoel J. G. *As dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez, 1992.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

WERTHEIN, Jorge. *Crenças e esperanças: avanços e desafios da UNESCO no Brasil*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: EdUnb, 2004.

_____ *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

_____ *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1992.

VELHO, Gilberto. A vitória de Collor: uma análise antropológica. *Novos Estudos Cebrap*, n. 26, março 1990.

ZALUAR, Alba. Sociabilidade, institucionalidade e violência. In: *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FONTES PERIÓDICAS:

O Globo. Primeiras Páginas – 80 anos de História nas manchetes do Globo. Rio de Janeiro: 2005.

Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 31 mai. 2005. Segundo Caderno, p.8.

Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 30 set. 1992 . Capa.

Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 02 mai. 1994. Capa.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 19 jun. 1994. Caderno de Esporte, p.13.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 13 jul. 1994. Caderno de Esporte, p.11.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 11 ago. 1994. Caderno de Esporte, p.24.

Fundação Cafu. Projeto Pedagógico. Maria América Cabral da Silva. Maio/2002.

Fundação Gol de Letra. Relatório Pedagógico, 2004.

Fundação Gol de Letra. Relatório Social, 2004.

Fundação Gol de Letra. Relatório Anual, 2001.

Fundação Gol de Letra. Relatório Anual, 2002.

Fundação Gol de Letra. Relatório Anual, 2003.

Fundação Gol de Letra. Relatório Anual, 2004.

Instituto Bola Pra Frente. Relatório Pedagógico, 2004/2005.

Catálogo da Exposição: *Técnicos: Deuses e Diabos da terra do Futebol*. São Paulo: Sesc, 2002.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

ATLETAS DE CRISTO

Disponível em: <<http://www.atletasdecristo.org>>

Acesso em 28/11/2005.

INSTITUTO BOLA PRA FRENTE

Disponível em: <<http://www.bolaprafrente.org.br>>

Acesso em 10/06/2004.

INCAE – BUSINESS SCHOOL

Disponível em: <<http://www.incae.ac.cr/EN>>

Acesso em 10/09/2005.

FUNDAÇÃO CAFU

Disponível em: <<http://www.fudacaocafu.org.br>>

Acesso em 10/10/2004.

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA

Disponível em: <<http://www.goldeletra.org.br>>

Acesso em 10/10/2004.

F1 SPORT

Disponível em: <<http://www.f1sport.com.br/pilotos.htm>>

Acesso em 20/12/2004.

GEOCITIES

Disponível em: <<http://www.geocities.com/RodeoDrive/4541/frases.htm> - 9k>

Acesso em 11/12/2002.

MUSEU DOS ESPORTES

Disponível em: <<http://www.museudosportes.com.br/copas.php>>

Acesso em 11/10/2004.

NOVO CÓDIGO CIVIL

Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sal/codigo_civil/indice.ht>

Acesso em 20/12/2004.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO.

Relatório do Desenvolvimento Humano 2002: aprofundar a democracia num mundo fragmentado. Lisboa, 2002.

Disponível em: <<http://www.undp.org.br/HDR2002/default.htm>>

REDE DE INFORMAÇÕES DO TERCEIRO SETOR

Disponível em: <<http://www.rits.org.>>

Acesso em 12/03/2005.

REVISTA VEJA – ARQUIVO

Disponível em: <<http://vejaonline.abril.com.br/notitia/servlet>>

Acesso em 10/01/2005.

SITE O OLHO DA HISTÓRIA

Disponível em: <www.oohodahistoria.ufba.br/03nova.html - 16k>

Acesso em 10/01/2005.

UNIVERSIDADE MACKENZIE

Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/universidade/psico/publicacao/revista2.1>>

Acesso em 05/03/2005.

WIKIPEDIA – A ENCICLOPÉDIA LIVRE

Disponível em: <http://www.wikipedia.org/wiki/Golpe_militar_de_1964 - 159k>

Acesso em 22/12/2004.

ENTREVISTAS:

ADEMAR BIANCHINI – Ex-jogador de futebol profissional, atuou pelo Bangu, Botafogo e pela Seleção Brasileira. Entrevista concedida ao autor em 16/05/2005, na cidade de Niterói – RJ.

ALESSANDRA DE MUROS – Coordenadora Social da Fundação Gol de Letra – unidade Niterói. Entrevista concedida ao autor em 15/12/2004 e 10/03/2005, na cidade de Niterói – RJ.

ALEX BELLOS – Jornalista inglês autônomo. Entrevista concedida ao autor em 02/10/2005 na cidade do Rio de Janeiro.

ALEXANDRE CARFER – Jovem usuário do Programa FAC (Formação de Agentes Comunitários) da Fundação Gol de Letra – Unidade SP. Entrevista concedida ao autor em 10/10/2004 na cidade de São Paulo.

ALLAN PALLARINI – Jovem usuário do Programa FAC (Formação de Agentes Comunitários) da Fundação Gol de Letra – Unidade SP. Entrevista concedida ao autor em 10/10/2004 na cidade de São Paulo.

CEZAR RIZZO – Radialista e Cronista de futebol. Entrevista concedida ao autor em 16/05/2005, na cidade de Niterói – RJ.

ERIC ALVES DA CRUZ – Educador de Informática da Fundação Cafu. Entrevista concedida ao autor em 23/03/2005 na cidade de São Paulo.

FABIO CRUZ – Jovem usuário do Programa FAC (Formação de Agentes Comunitários) da Fundação Gol de Letra – Unidade SP. Entrevista concedida ao autor em 10/10/2004 na cidade de São Paulo.

FERNANDA DE OLIVEIRA —

—

JORGE CAMPOS [JORGINHO] – Ex-jogador de futebol profissional, tetracampeão mundial de futebol em 1994 e instituidor do Instituto Bola Pra Frente. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005, 12/05/2005 e 24/05/2005 na cidade do Rio de Janeiro.

LEONARDO ARAUJO – Ex-jogador de futebol profissional, tetracampeão mundial de futebol em 1994, vice-campeão de futebol mundial em 1998, instituidor da Fundação Gol de Letra, presidente da Fondazione Milan e atual dirigente do AC Milan – Itália. Entrevistas concedidas ao autor em 29/10/2004, 06/01/2005, 18/05/2005 e 30/05/2005 na cidade de Niterói – RJ.

LUCAS VINICIUS – Aluno da Fundação Cafu. Entrevista concedida ao autor em 23/03/2005 na cidade de São Paulo.

MARCELO DE MORAES – Coordenador Executivo da Fundação Cafu. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004 na cidade de São Paulo.

MARCOS EVANGELISTA DE MORAES [CAFU] – Jogador de futebol profissional, pentacampeão de futebol e instituidor da Fundação Cafu. Entrevista concedida ao autor em 16/06/2004 em São Paulo.

MONICA ZAGALLO - Coordenadora Pedagógica da Fundação Gol de Letra – unidade SP. Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004 na cidade de São Paulo.

OLGA LEMBO – Coordenadora Social da Fundação Gol de Letra – unidade SP. Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004 na cidade de São Paulo.

PHILIPPE LEONARDO – Aluno do Instituto Bola Pra Frente. Entrevista concedida ao autor em 10/03/2005 na cidade do Rio de Janeiro.

RAÍ OLIVEIRA – Ex-jogador de futebol profissional, tetracampeão mundial de futebol em 1994 e instituidor da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 10/09/2004, 24/05/2005 e 07/06/2005 na cidade de São Paulo.

RENATO MIRANDA - Jovem usuário do Programa FAC (Formação de Agentes Comunitários) da Fundação Gol de Letra – Unidade SP. Entrevista concedida ao autor em 10/10/2004 na cidade de São Paulo.

RICARDO GOMES – Ex-jogador profissional de futebol do Fluminense e da seleção brasileira. Foi técnico do PSG da França. Entrevista concedida ao autor em 11/01/2005 na cidade do Rio de Janeiro.

ROBERTO ARTAVIA LORIA – Professor do INCAE Business School – Costa Rica. Entrevista concedida ao autor em 07/06/2005, na cidade de São Paulo.

RONALDO NAZARIO – Jogador de futebol profissional, pentacampeão mundial, atuou pelo Cruzeiro, Barcelona da Espanha, Internacional de Milão e Real Madrid. Considerado um dos atletas de maior expressão e talento do futebol mundial. Entrevista concedida ao autor na ocasião em que o atleta visitou a unidade da Fundação Gol de Letra na cidade de Niterói em dezembro de 2002 para doação do prêmio recebido pela conquista do Mundial realizado no Japão.

RODRIGO PAIVA – Assessor de Imprensa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Na época, era assessor de imprensa do jogador Ronaldo. Entrevista concedida ao autor em dezembro de 2002, quando Ronaldo visitou a unidade da Fundação Gol de Letra na cidade de Niterói para doação de prêmio recebido pela conquista do Mundial realizado no Japão.

ROSIMEIRE SANTANA – Mãe que possui filhos matriculados na Fundação Cafu. Entrevista concedida ao autor em 23/03/2005 na cidade de São Paulo.

SÓCRATES OLIVEIRA – Ex-jogador de futebol profissional, atuou pelo Corinthians e pela Seleção Brasileira. Entrevista concedida ao autor em 1º/03/2005 na cidade de Ribeirão Preto – SP.

SÓSTENES OLIVEIRA – Diretor Geral da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004 na cidade de São Paulo e em 09/09/2005 na cidade de Niterói – RJ.

TEIXEIRA HEIZER – Jornalista esportivo. Entrevista concedida ao autor em 16/05/2005, na cidade de Niterói – RJ.

THIAGO PALLARINI - Jovem usuário do Programa FAC (Formação de Agentes Comunitários) da Fundação Gol de Letra – Unidade SP. Entrevista concedida ao autor em 10/10/2004 na cidade de São Paulo.

WILSON COSTA – Gerente Pedagógico da Fundação Gol de Letra. Entrevista concedida ao autor em 15/12/2004 na cidade de Niterói – RJ.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)